«EU MANOLO DIAZ» — ENTREVISTA NO SUPLEMENTO LITERÁRIO

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 17 DE ABRIL DE 1969 N.º 16 648 ANO 49.º UM ESCUDO

amanhã anda a roda

4 "TALUDAS 6 MIL CONTOS!

MARCELLO CAETANO EM LOURENÇO MARQUES

LOURENÇO MARQUES, 17 — (A. N. I.) — Chegou a Lourenço Marques o prof. Marcello Caetano, num avião «Focker Friendship» da «Deta», que aterrou, vindo da Beira, pouco antes das 17 horas. As 17 e 3, já na placa de estacionamento, foram colocadas as escadas de desembarque, por onde logo saíram os elementos da equipa de reportagem.

Ao longo da sua viagem, o prof. Marcello Caetano tem recebido provas de apreço por parte das populações

Na aerogare, entre outras entidades, apresentaram ao prof. Marcello Caetano votos de boa viagem o secretário-geral dr. Mário Montez, os secretários provinciais de Economia, dr. Costa Oliveira, de Obras Públicas e Comunicações, tenente-coronel Carloto de Castro, de Educação, dr. Pinheiro da Silva, do Fomento Rural, dr. Sousa Dias, e de Saúde, dr. Cardoso de Albuquerque, o arcebispo de Luanda e administrador apostólico da diocese de S. Tomé, D. Manuel Nunes Gabriel, o comandante naval, contra-almirante Ferreira de Almeida, os comandantes da Região Militar e da II Região Aérea, respectivamente, generais Luz Cunha e Viana Tavares, o presidente do Tribunal da Relação de Luanda, desembargador Ribeiro Farinha; procurador da República, dr. Rezende Rego; juízes desembarga-

(Continua na página seguinte)

«Encantados com Lisboa» — esta é a opinião unânime dos componentes do grupo de soviéticos que desde ontem se encontra na capital. Todos se manifestam surpreendidos com a paisagem lisboeta. Na gravura: o prof. Gregory Boysdjee, famoso historiador de teatro, observa, com o actor Rogério Paulo (com quem se encontrou durante a visita do artista português ao seu País) um exemplar do «Diário de Lisboa» (Ler notícia na últ pág.)

AGITAÇÃO NA BRETANHA E GREVE EM TODA A FRANÇA

(Ler na pág. 17)

HOJE 36 PAGINAS VISADO PELA CENSURA

E às 17 e 4 o prof. Marcello Caetano desembarcava e pisava solo de Lourenço Marques, enquanto se iniciava a salva de 21 tiros.

A partida de Luanda

LUANDA, 17 — (A. N. I.) — Eram precisamente 10 horas quando o quadrirreactor «Santa Cruz», da TAP, levantou voo do aeroporto de Luanda, rumo á Beira, levando a bordo o prof. Marcello Caetano e a sua comitiva.

Embora não se tratasse ainda da sua despedida de Angola, visto que o prof. Marcello Caetano aqui voltará, no próximo domingo,

PODERÁ HAVER GUERRA A QUALQUER MOMENTO

—diz o ministro da Defesa da Coreia do Norte

TÓQUIO, 17 — (R.) — O ministro da Defesa da Coreia do Norte, Choi Hyun, foi hoje citado como tendo afirmado que a guerra podia estalar a qualquer momento «devido às manobras agressivas dos imperialistas norte-americanos».

(Continua na 16.ª página)

O Jardim Zoológico transformado em maternidade

Nasceu um cachalo no Zoo. E também três pumas. E mais um leopardo. As mães estão bem e têm sido muito visitadas. (LER NOTÍCIA NA PÁGINA CENTRAL)

Edição da noite

MARCELLO CAETANO PERMANECE CERCA DE 48 HORAS EM MOÇAMBIQUE

(Continuação da pág. anterior)

dores, reitor da Universidade de Luanda, prof. Ivo Soares; vogais do Conselho Ultramarino, oficiais-generais, inspectores superiores, deputados, governador do distrito de Luanda, presidente da comissão de província da União Nacional, presidente da Câmara Municipal de Luanda e muitas outras entidades, civis e militares, representantes de associações, representantes consulares e autoridades tradicionais.

Com o prof. Marcello Caetano encontravam-se o ministro do Ultramar, prof. Silva Cunha, o secretário de Estado da Informação e Turismo, dr. Moreira Baptista; o governador-geral de Angola, tenente-coronel Rebocho Vaz; o chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, general Venâncio Deslandes; e o comandante-chefe das Forças Armadas em Angola, general Almeida Viana

Enquanto decorriam os cumprimentos, as sr.as D. Maria Clara da Silva Cunha e D. Ana Maria de Barros Caetano, bem como os demais elementos da comitiva, seguiam para bordo do avião, acompanhadas pelo chefe de gabinete do Governador-geral, tenente-coronel Kock Frita.

A CHEGADA À BEIRA

BEIRA, 17. — (L. e A. N. I.) — O Chefe do Governo, prof. Marcello Caetano, chegou, ao princípio da tarde, a esta cidade, vindo de Luanda, em trânsito para Lourenço Marques, para onde seguiu, após cerca de 45 minutos dedicados a cerimónias de cumprimentos e honras militares no Aeroporto Gago Coutinho.

A chegada à capital de Moçambique, em avião especial da D. E. T. A., está prevista para as 17 e 5, não se realizando hoje, ali, qualquer cerimónias oficiais.

O Presidente do Conselho era aguardado, no aeroporto, pelo governador-geral de Moçambique, dr. Baltasar Rebelo de Sousa, pelo comandante-chefe das Forças Armadas, general António Augusto dos Santos, pelo governador do distrito de Manica e Sofala, tenente-coronel Sousa Teles e pelo bispo da Beira, D. Manuel Ferreira Cabral. O prof. Marcello Caetano recebeu, depois, os cumprimentos de autoridades civis, militares e eclesiásticas, que não assistem à recepção em Lourenço Marques

Folclore nativo no Aeroporto Gago Coutinho

LOURENÇO MARQUES, 17. — (A. N. I.) — O Presidente do Conselho veio acompanhado, desde a Beira, pelo dr. Rebelo de Sousa.

De cinquenta em cinquenta metros, a partir do largo fronteiro à aerogare e a terminar na Ponta Vermelha, pelas avenidas Craveiro Lopes, General Machado e 24 de Julho, e pelas ruas dos Lusíadas e de Bartolomeu Dias — que foi o trajecto do cortejo presidencial — erguem-se mastros que são outros tantos florões de bandeiras. Nesse mesmo percurso estavam alinhados cerca de vinte mil alunos de diversos estabelecimentos de ensino da cidade.

As montras ostentam retratos do prof. Marcello Caetano ou motivos alusivos à sua visita. Até em algumas bancas dos mercados — o de Vasco da Gama e o típico Xipamanine — já apareceram, pelas mãos de modestos comerciantes africanos e asiáticos, pequenas bandeiras verde-rubras. No aeroporto estavam presentes tocando e dançando, numerosos grupos e folclore nativo, alguns dos quais se exibirão também amanhã, à noite, nos jardins de Ponta Vermelha.

Amanhã às 10 horas, o Presidente do Conselho preside no salão do Liceu Salazar, especialmente adaptado para o efeito à sessão conjunta extraordinária do Conselho Legislativo e do Conselho Económico e Social, em que serão oradores, além do prof. Marcello Caetano, o dr. Rebelo de Sousa — que, na sua qualidade de governador-geral, é o presidente nato daqueles dois órgãos — e o vogal Pedro Baessa

Finda a sessão, e depois de haver regressado à residência da Ponta Vermelha, o Chefe do Governo irá prestar homenagem à memória dos mortos ao serviço da Pátria em Moçambique, cerimónia que se efectua ao meio-dia, perante o monumento da Praça Mac Mahon, com a assistência de efectivos dos três ramos das Forças Armadas

De tarde, às 15 horas, o prof. Marcello Caetano é recebido solenemente na Universidade de Lourenço Marques, cujo reitor, prof. Veiga Simão, lhe confere o grau de doutor «honoris causa».

Depois, a partir das 17 e 30, o Chefe do Governo concede, no salão nobre da Câmara Municipal, uma audiência colectiva a grupos representativos de todos os sectores da população

No sábado, o programa começa com a ida do prof. Marcello Caetano ao gabinete militar, onde apreciará a situação actual da luta contra o terrorismo no norte da província

Omar Sharif hoje em Lisboa para jogar bridge

Chegou hoje de tarde a Lisboa o célebre actor Omar Sharif, que com a sua equipa de bridge vem participar num torneio internacional, que decorre amanhã, sábado e domingo, no Casino Estoril, organizado pela Federação Portuguesa de Bridge, com a colaboração da Sociedade Estoril Sol, da TAP e da Direcção-Geral do Turismo, e o patrocínio da Junta de Turismo da Costa do Sol.

«Omar Sharif Bridge Circus» é uma famosa equipa, que acaba de fazer uma triunfante digressão pelos E. U. A., constituída pelo egípcio intérprete do «Dr. Jivago», cartel maior, por razões óbvias, internacional pelo seu país, Benito Gavozzo campeão do Mundo pela Itália, Giorgio Belladonna, campeão do Mundo pela Itália, Claude Delmouly, campeão da Europa pela França e Leon Yallouse, internacional pelo Líbano

Ainda ao fim da tarde de hoje realizou-se no Hotel Estoril-Sol, oferecido pela respectiva sociedade, um «cocktail» para apresentação à Imprensa dos membros do grupo, e amanhã, às 22 horas, no Casino efectua-se o 1.º encontro, em 24 mãos, entre «Omar Sharif Bridge Circus» e a equipa B portuguesa, transmitido através do bridgerama. No sábado, à tarde, por sua vez, decorre a primeira sessão de pares, em que participam todos os elementos do grupo

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

A RANK XEROX EM LEIRIA

A Rank Xerox, Ltd., dentro do seu programa de expansão em Portugal, organiza pela primeira vez uma exposição sobre Comunicações Gráficas em Leiria. Este certame, organizado pela filial em Coimbra da Rank Xerox, Ltd., está patente ao público, a partir de hoje, no Hotel Euro-Sol.

O grupo de toureiros portugueses que hoje seguiu para a Indonésia

Gosto da aventura e pioneirismo

– principais motivos de alegria (segundo Manuel dos Santos) dos toureiros portugueses que hoje partiram para Djakarta

— *A nossa alegria está, principalmente, em sermos pioneiros* — diz-nos sorridente Manuel dos Santos, o conhecido empresário tauromáquico, que partiu ao princípio da tarde, para a Indonésia, onde o espera um programa de cinco corridas à portuguesa, em cada uma das quais serão lidados cinco touros e mortos dois.

Acompanham Manuel dos Santos o cavaleiro José Maldonado Cortes, o matador José Julio, o novilheiro Ricardo Chibanga, os bandarilheiros José Timos, José Agostinho e Manuel Badajoz e ainda, quatro forcados.

— *A oportunidade surgiu, em face da grande curiosidade que se verifica no Extremo Oriente, após as corridas em Macau*, — afirmou Manuel dos Santos, que declarou, que o aspecto comercial da questão não foi considerado. E acrescentou:

— *No entanto, isto é um investimento. Esperamos que venha a dar saborosos frutos.*

Como oportunamente se noticiou, já se encontram em Djakarta 25 touros de lide portugueses e dois cavalos de combate. As corridas decorrerão no estádio de desporto de Senajan, que tem capacidade para 160 mil espectadores e foi especialmente adaptado para o efeito.

O «Grande Laberdo» é um gladiador — não um toureiro

Perguntámos a Manuel dos Santos se tinha conhecimento da existência, na Indonésia, de um toureiro chamado «Grande Laberdo», o qual, segundo notícias nos chegaram, teria, o ano passado, organizado uma corrida em Djakarta. Ao que parece, não se investiram

Manuel dos Santos disse-nos:

— *Na Indonésia não há toureiros. Há é gladiadores que se dirigem para a arena e pelejam com tigres e outros animais. Esse lembrou-se de tentar dominar um touro e pulso. O bicho não teria colaborado, segundo parece.*

Os rapazes, que estavam sorridentes e bem dispostos, lá seguiram para o avião — um «Boeing» da K. L. M., que os deixará na capital indonésia. Manuel dos Santos dizia, à partida:

— *Se, de facto, o gosto pelos touros pegar por lá, aquilo poderá ser, para nós, um interessante campo a explorar. Para já, não se esperam grandes lucros. Mas o que interessa é a aventura.*

A empreitada portuguesa estará de volta dentro de 25 dias. Cá estaremos para saber os resultados. Esperamos, sinceramente, que não tragam os bolsos à mostra.

VIDA POLÍTICA

● **Ministro da Justiça**

O ministro da Justiça recebeu hoje, em audiência, o governador civil de Aveiro, dr. Francisco do Vale Guimarães.

NAUTICAMPO-III
(Patente até ao dia 20)
Novidades em equipamentos de recreio náutico, desporto e de campismo
HORÁRIO
Horário de hoje e amanhã — Das 17 às 24 horas
NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

TCP
Touring Club de Portugal
ESTORIL
PARA O SEU FIM-DE-SEMANA OU PARA AS SUAS FÉRIAS, O
TOURING CLUB DE PORTUGAL
ESPERA-O
APARTAMENTOS — RESTAURANTE — BABY-SITTING
VALE DO SOL — ESTORIL — Telef. 263285

A REPÚBLICA DA CHINA TEME A UNIÃO SOVIÉTICA

HONG-KONG — Mais violenta do que nunca no decibar das escaramuças de fronteira, a denuncia pela China da União Soviética, reflecte dois receios principais dos dirigentes chineses.

Em primeiro lugar, estes encontram-se convencidos de que a União Soviética poderá reincidir na invasão, desta vez da China, como fez para com a Checoslováquia. Tanto a província de Sinkiang como a Mongólia Interior seriam alvos bastante vulneráveis para uma intervenção russa deste género.

Os dirigentes chineses também estão preocupados com os efeitos do relativo liberalismo económico soviético sobre os chineses descontentes. Na sua origem, a grande revolução cultural proletária pretendia quebrar e suprimir a liberalização interna, denunciada pelos extremistas como «abrindo caminho á restauração do capitalismo.»

Os dirigentes militares que dominam a China em nome do presidente do Partido Comunista, Mao Tsé-Tung, receiam que os russos possam encontrar muitos simpatizantes na China se entrarem em acção, ainda que ninguém possa avaliar a extensão destas simpatias.

Para contrariar uma possível intervenção soviética, Pequim denuncia com violência as «teorias revisionistas soviéticas da soberania limitada e da ditadura internacional.»

Pequim diz que os russos usam esta «falsa base teórica» para justificar a «ditadura colonial e a exploração que exercem sobre a Europa Oriental e a Mongólia.»

Enquanto estes ataques representam uma intensificação radical dos anteriores assaltos á política soviética de soberania, são do mesmo modo violentos na denuncia das actividades do Kremlin no seu país, com o objectivo de contrariar uma possível infecção da China pela liberalização russa.

Em consequência das escaramuças fronteiriças sibero-mandchus terem despertado o mais profundo e imediato receio dos chineses, as acusações contra a União Soviética são apresentadas na mais violenta linguagem, desde que em 1949 foi fundada a República do Povo da China. São ainda mais violentos do que a maior parte dos comentários críticos ocidentais, tanto sobre a China como sobre a Rússia, e mais intensos ainda que os ataques chineses contra os Estados Unidos. E as injurias devem ainda aumentar: impelidos pela furia e o medo, os chineses tornarão provàvelmente inevitáveis novas escaramuças.

por
Robert S. Elegant
«Los Angeles Times»-«Washington Poste»

Pequim chama á administração soviética interna «tirania fascista dos novos czares prestes a ser derrubada.» «A pandilha revisionista soviética pratica o social-fascismo no seu país e suprime cruelmente as grandes massas do povo trabalhador soviético numa tentativa de manter o seu cambaleante Governo reaccionário a exercer pressão no estrangeiro com o social-imperialismo», diz Pequim.

Os russos, segundo Pequim utilizam as suas tropas para a «sangrenta repressão da resistência cada vez maior dentro da U. Soviética», enquanto se estão comprometendo numa «frenética expansão dos armamentos e de preparação para a guerra.»

O aparelho da polícia secreta, assevera Pequim, tem sido aumentado muitas vezes nos ultimos anos, enquanto uma multidão de novas leis e regulamentos destroem a liberdade de que os russos gosavam. A «pátria do povo trabalhador soviético», foi transformada num campo de terror sob a ditadura fascista...

«Existem campos de concentração, cadeias e «manicómios» em todo o país, para deter e suprimir o povo soviético revolucionário: são abundantes por toda a parte os exemplos de terror branco...», dizem os chineses, argumentando que surgiu uma nova classe privilegiada, e referindo-se a criminosos que fogem ao merecido castigo apoiados nas suas ligações com o Partido Comunista.

Mas o fulcro de tudo isto, dizem os chineses, é a exploração económica desenfreada das massas em benefício da «nova burguesia.»

Devido a que «os lucros se tornaram a força estimulante da produção, reapareceram a anarquia do capitalismo na produção e na distribuição.»

«Por conseguinte o desação das fazendas colectivas, a produção de cereais caiu verticalmente, surgiu nova classe de «kulaks» (capitalistas rurais) e de «especuladores» que exploram impiedosamente o povo trabalhador.

Por conseguinte o desemprego aumenta o que faz com que exista um exército de desempregados que atinge actualmente para cima de 10 milhões de trabalhadores na União Soviética», acrescentam os chineses.

Com veemência e dureza igual os chineses denunciam o «novo colonialismo» que o Kremlin exerce no estrangeiro «coligado com o imperialismo americano.» Os russos são acusados de procurarem governar o mundo inteiro, juntamente com os Estados Unidos.

O 48.º ANIVERSÁRIO DO «DIÁRIO DE LISBOA»

Ao assinalar a passagem do 48.º aniversário do nosso jornal, escreveu o «Comércio do Funchal»:

«É costume, nestas ocasiões, os jornais se felicitarem mutuamente — as palavras são habitualmente as mesmas, os cabeçalhos é que mudam conforme o jornal... Mas o aniversário do «Diário de Lisboa» não é um aniversário qualquer. É o de um jornal que, no panorama da imprensa diária portuguesa sobressai pela sua dignidade e pelo esforço (para além de todas as dificuldades que se adivinham) em renovar métodos e temas. Não será de justiça, portanto, que C. F. recorde a efeméride e, cá de longe, abrace todos os que tornam todos os dias possível o «Diário de Lisboa»?

Pelo seu lado, o «Jornal do Fundão», ao assinalar a entrada do «Diário de Lisboa» no 49.º ano de publicação acentua que o nosso jornal «continua uma linha de independência e dignidade merecedora do melhor apreço».

Aos dois prestigiosos semanários, o nosso profundo reconhecimento.

Também nos enviaram felicitações pela passagem do 48.º aniversário do nosso jornal a sr.ª D. Eduarda Leite Ventura e o sr. Alfredo dos Reis, correspondente do «Diário de Lisboa» no Cacém.

Referiram-se, igualmente, ao nosso aniversário os prezados colegas «Jornal do Comércio»; «Diário de Coimbra»; e «Diário do Norte», do Porto, e «A Voz do Minho», de Barcelos.

A todos, os nossos agradecimentos.

Nota do dia

A GRANDE AVENTURA

O INTERESSE MOSTRADO pelo ministro da Marinha na visita que fez às instalações novas, ou provisórias dos diversos serviços do Instituto Hidrográfico, recentemente destruído pelo fogo, tem uma razão particular de actualidade no que diz respeito à pesquisa oceanográfica. Explica-se isso com a sugestão lançada pelo ex-presidente Johnson, dos Estados Unidos, alguns meses antes da sua retirada, para a coligação de esforços internacionais num grande projecto de investigação nos domínios da oceanografia.

De que se trata? Afinal, de tentar descobrir da Terra aquilo que está por descobrir, de ir ao fundo dos mares, estudar-lhes a configuração, estudar principalmente o que por lá possa haver de vida, o que possam ser aí as condições de vida. Estudos, pois, fundamentalmente, nos domínios da Geologia e da Biologia marítimas, ir ao fundo do mar, tentar penetrar aí, nas próprias profundezas do subsolo submerso. Para quê?

O para quê é difícil. Está claro que tudo isto é sempre fomentado pelo desejo, pelo gosto ou pela necessidade de encontrar novas riquezas, é isso que o estimula, como estimulou aos navegadores portugueses de quinhentos. Mas esse estímulo é o que põe em movimento outra máquina, que é a de ir à procura do desconhecido, não se resignar o homem a não dar o passo para além do horizonte a que se habituou a ver confinados os seus movimentos e os seus interesses.

É nesse linha de interesse que teremos de inscrever as numerosas experiências que têm estado a decorrer em diversos países, viver meses no fundo de grutas, viver semanas sujeito a pressões atmosféricas cada vez maiores e correspondentes às das grandes profundidades submarinas, são passos de aproximação no sentido do projecto Johnson, previsto para um período de dez anos a começar no ano que vem. A empresa é de tal modo dispendiosa que os Estados Unidos não vão lá sózinhos, pedindo para ela a colaboração mundial.

Vale a pena? Justifica-se? Não é possível responder de duas maneiras, mas de uma só: claro que se justifica. E quando dizemos que se justifica não é pelas perspectivas de ir encontrar e explorar novas riquezas que têm estado ciosamente em reserva, longe da cobiça do homem. Não é o petróleo, nem o ouro que estejam para além ainda do fundo dos mares. Nem as reservas alimentares que possam colher-se e recolher-se. É o conhecimento novo que se conquista.

Mas vale a pena? Com tanta fome de tudo que há por esse mundo conhecido, tanta gente que não tem o seu pão, vale a pena? Esse sacrifício é a grande aventura do homem de todos os tempos. Nos nossos dias vemos esse esforço lançar-se para a imensidão do espaço, o caminho á vista para outros planetas. O programa agora em perspectiva é a contrapartida desse, a imensidão dos espaços submersos. É a aventura do saber, a conquista do novo conhecimento, descobrir aquilo que teimosamente, ao longo dos séculos, se tem escondido de nós.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

«CRANPOOL»
PISCINAS e FILTROS
EXPOSIÇÃO NA «NAUTICAMPO»
EDIFICIOS DA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

HOTEL RIOMAR
CASCAIS (5 minutos das praias)
Passe as suas férias no mais confortável Hotel de 2.ª classe do mundo. Preços acessíveis. Redução especial de 10% durante o mês de Abril. Todos os quartos com casa de banho e aquecimento central. Salas de convívio com as condicionado. Marcações pelo telef. 970.

RECTÂNGULOS DA VIDA

TRANQUILIDADE

A tranquilidade acima de tudo. Para nós, para os nossos. É verdade é muito difícil, magoam-se os pés em caminhos de cabras, chega-se lá, onde é preciso chegar, com eles em sangue, e para quê? Tinha sido tão fácil ficarmos confortàvelmente sentados a folhear livros sem problemas, livros de retratos com legenda por debaixo. Isto é assim, aquilo é assado. Para quê pensar mais nisso?

Desde muito pequenos que nos tranquilizaram pondo-nos diante dos olhos as imagens e o seu nome e a sua qualidade. A bruxa era feia tal como a madrasta ou a irmã invejosa, que até, por causa das coisas, era quase sempre meia-irmã ou, melhor ainda, filha da tal madrasta. A lealdade dêles era mesmo tão grande, a sua maldade tão forte que chegavam a deitar sapos pela boca, ao falar. Pelo contrário, a doce menina pisa-manso e cabelos de oiro que murmurava música ou pétalas de rosa ou até brilhantes de não sei quantos quilates, era boa e linda, o mesmo se dando com a fada benévola, com a rainha boa dona de palácio e mãe amantíssima, e, até certo ponto, com o príncipe encantador, bom rapazinho e excelente partido.

Lembro-me perfeitamente de folhear um velho álbum de pintura e de estar convencida de que a Gioconda era a Virgem Maria. E pensava-a como Nossa Senhora da Gioconda, o que até não era tão errado como isso, visto que a mãe de Jesus foi ao longo dos séculos pintada como a mais bela mulher do mundo. Porquê? Homenagem à santidade ou confusão entre santidade e beleza?

por MARIA JUDITE DE CARVALHO

Com o decorrer do tempo aprendemos outras coisas. Por exemplo, que os ricos são maus e os pobres bons (ou vice-versa, conforme o ângulo de visão). Que a política de A é óptima e a de B péssima (ou precisamente o contrário). Que dantes tudo era melhor ou que hoje tudo é formidável. Que os jovens que conhecemos são óptimos ou que a actual juventude está perdida. E por aí fora.

Se não fosse assim, se não tivéssemos aprendido as legendas de cor e não estivéssemos sempre a olhar o respectivo retrato a fim de não haver trocas, era uma destas trapalhadas... E depois, completamente perdidos, talvez até nos resolvêssemos a meter pelo tal caminho de cabras que magoa muitíssimo os pés. Um perigo e tanto.

Os jovens visitantes fotografados num recanto da nossa tipografia

Jovens do Caramão da Ajuda visitaram o «Diário de Lisboa»

No Centro Social do Caramão da Ajuda, alguns jovens resolveram concretizar uma ideia valiosa: a criação de uma biblioteca que constituísse pretexto de um frutuoso convívio entre eles e fosse, ao mesmo tempo, uma forma de cultura e esclarecimento. No âmbito das actividades da biblioteca organizam visitas de estudo, com fins culturais. Foi em consequência desse louvável programa que um grupo de leitores dessa biblioteca (tudo jovens, de várias idades) esteve no nosso jornal, a fim de visitar as instalações do «Diário de Lisboa» e de se familiarizar com a forma como se faz um diário. Os nossos jovens leitores (porque a biblioteca é assinante do nosso jornal) percorreram todos os departamentos, desde a redacção á secção de gravura, onde ouviram explicações dos nossos camaradas responsáveis por esses departamentos. A gravura documenta uma fase da visita á Tipografia (secção de composição de títulos) onde os colegas que ali trabalham lhes ofereceram alguns dísticos, para colocarem nas paredes da sua sala de leitura. «A cultura é o pão do espírito» — esta foi uma das frases impressas no «Diário de Lisboa» para os jovens do Caramão da Ajuda.

Festas e romarias

Em Valongo

VALONGO, 17 — Estão já em preparação as festas em honra de Nossa Senhora da Encarnação, na freguesia do Campo, deste concelho.

Trata-se da festa mais importante daquela freguesia. A comissão promotora é presidida pelo sr. José Freire.

FRIGORÍFICOS EMERSON
A QUALIDADE INDISCUTÍVEL

A lavoura continua a negociar o gado pela maior oferta

Por despacho de 23 de Janeiro do ano corrente, o então ministro da Economia, dr. Correia de Oliveira definiu o caminho do auto-abastecimento do País em produtos pecuários e estabeleceu os preços a pagar á lavoura pelo gado. Foi assim instituído o sistema de recepção e de pagamento do gado oferecido para abate, com vista a permitir á lavoura prescindir dos intermediários e receber, por cada uma das reses destinadas ao abastecimento público, o que efectivamente corresponda ao rendimento da carcaça. O sistema é, naturalmente, facultativo para o empresário agrícola e o seu funcionamento ficou dependente da colaboração que lhe quisessem prestar os Grémios da Lavoura e respectivas Federações de cada região.

É, realmente, sintomático o que se tem passado no sector da pecuária: a maior parcela dos subsídios de preço da carne fica na mão dos intermediários, porque a lavoura continua a negociar o seu gado pela maior oferta, em lugar de o vender a peso (apesar de o Ministério da Economia se ter proposto pagar a instalação nas feiras, das balanças necessárias).

Com a finalidade de estudar de forma eficiente a aplicação deste despacho no âmbito da província da Beira Litoral, realizaram-se já reuniões promovidas pela Junta Nacional dos Produtos Pecuários, para numa primeira fase escolher os locais, feiras ou mercados onde, pela importância que revestem como centros de conferência e comercialização de gado bovino, se justifique a criação do serviço de compras directas á lavoura, previsto no referido despacho.

Há dias realizou-se na Federação dos Grémios da Lavoura da Província Litoral uma reunião preliminar dos delegados de Coimbra e Aveiro da J. N. P. P., respectivamente drs. José Maria Gualdino e Nuno da Cunha Dias, a que presidiu o dr. Fernando de Melo Costa e Almeida, presidente da Direcção da Federação, e que visou precisamente conjugar ideias ou sistemas para que a aquisição do gado seja idêntica nas zonas das delegações da J. N. P. P. integradas na área da Federação.

Esta reunião preliminar teve ainda como finalidade preparar uma outra a efectuar, a nível mais elevado, com os Grémios da Lavoura, os seus representantes, na próxima segunda-feira, no Grémio da Coimbra, com a seguinte ordem de trabalhos: necessidade dos balanços; inscrição directa dos produtores das feiras; representação dos Grémios nos centros de abate para verificação do peso e classificação das carcaças e assistência aos produtores.

...concurso tofa
para selecção dos dois melhores projectos de filme publicitário e de anúncio de imprensa.
O concurso está aberto até 31 de Maio de 1969.
Informe-se pessoalmente nos Serviços de Publicidade da TOFA — Estrada de Carnaxide — Linda-a-Velha.

DIZ-SE NO PARECER
DAS CONTAS GERAIS DO ESTADO (1967)

Das cerca de quinhentas páginas do «Parecer sobre as Contas Gerais do Estado de 1967», de que é relator o eng.º Araújo Correia, mais de um quinto são dedicadas às «Receitas Ordinárias». E logo nas «Considerações Gerais» deste capítulo se fornecem importantes dados e pertinentes considerações, parte das quais se transcrevem seguidamente.

● O maior aumento de sempre nas receitas ordinárias

O aumento de 2 954 100 contos nas receitas ordinárias, o maior verificado na Conta Geral do Estado desde sempre, foi devido, fundamentalmente, à receita dos impostos indirectos, que subiu para 8 155 000 contos. Este capítulo acusa um acréscimo de 1 894 700 contos, proveniente, em grande parte, do imposto de transacções.

Mas outros capítulos orçamentais melhoraram as suas receitas, embora por somas muito menores. De tudo resultou o aumento nas receitas ordinárias acima indicado, o que, indirectamente, trouxe um excesso de receitas ordinárias sobre idênticas despesas de quase 7 milhões de contos. Ninguém poderia prever tão grande excesso.

● Profundas alterações necessárias

É evidente não terem sido apenas as receitas ordinárias a causa de tão grande soma, como adiante se verificará ao estudar mais demoradamente o assunto. Até certo ponto, tão grande excesso deriva também de insuficiências nas dotações orçamentais da despesa.

Toda a máquina do Estado necessita de profundas alterações que permitam trabalho mais útil e acabem com atrasos sérios e insuficiências perniciosas em muitos serviços. Alterações substanciais, com tendência para melhor produtividade, provocarão, naturalmente, aumento nas despesas, até no caso de ser imposta, como preciso, redução sensível no número de unidades.

Melhorias nas despesas de guerra podem facilitar uma reorganização racional de todos os serviços do Estado.

● Verbas fora de Conta

A Conta Geral pode trazer confusões sobre a carga tributária.

Na verdade, as receitas ordinárias, ou como tal consideradas, são muito maiores do que as acusadas na Conta. Não é, porém, função de pareceres avaliar essas receitas e sobre elas emitir uma opinião crítica. Mas conviria apurá-las todos os anos.

Andam fora da Conta verbas como as do Fundo de Desemprego, algumas do Fundo de Abastecimento, todas as da previdência, muitas dos organismos de coordenação económica e algumas do Fundo de Turismo. Vão longe os tempos áureos dos princípios financeiros em que se baseou toda a obra dos últimos trinta anos, e não se pode dizer que os desvios conhecidos tivessem sido salutares para a governamentação pública.

Haverá grandes vantagens em repromover a unidade orçamental, especialmente num momento em que a despesa sobe a passos largos e em que é indispensável reformar os serviços num sentido progressivo.

● Desfasamento excessivo

Costuma ser muito grande o desfasamento entre as receitas orçamentadas e cobradas, mas esse desvio atingiu, pela primeira vez, a soma de 3 milhões de contos, o que é excessivo. Provàvelmente, a acentuação do desvio proveio de grandes receitas no imposto de transacções.

CRUZEIROS CVR (III e IV)
Conheça, Viva, Realize-se
Lisboa - Casablanca - Tenerife - Las Palmas - Lisboa
De 12 a 18 de Junho
Paquete «MOÇAMBIQUE»
Saída de Lisboa a ..... 12 de Junho
Estádia em Casablanca a ..... 13 de Junho
Estadia em Tenerife a ..... 15 de Junho
Estádia em Las Palmas a ..... 16 de Junho
Chegada a Lisboa a ..... 18 de Junho
Preços desde 1 900$00
Lisboa - Barcelona - Palma de Maiorca - Gibraltar - Lisboa
De 25 de Outubro a 1 de Novembro
Paquete «MOÇAMBIQUE»
Saída de Lisboa a ..... 25 de Outubro
Estádia em Barcelona a ..... 26 de Outubro
Estadia em Palma de Maiorca a ..... 27 de Outubro
Estadia em Gibraltar a ..... 31 de Outubro
Chegada a Lisboa a ..... 1 de Novembro
Preços desde 1 900$00
Consulte o seu Agente de Viagens ou
COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO
TERREIRO DO COMÉRCIO, 85 — Telef. 36041 — 36042
RUA INFANTE D. HENRIQUE, 61 — Telef. 23038 — PORTO

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO ODEON

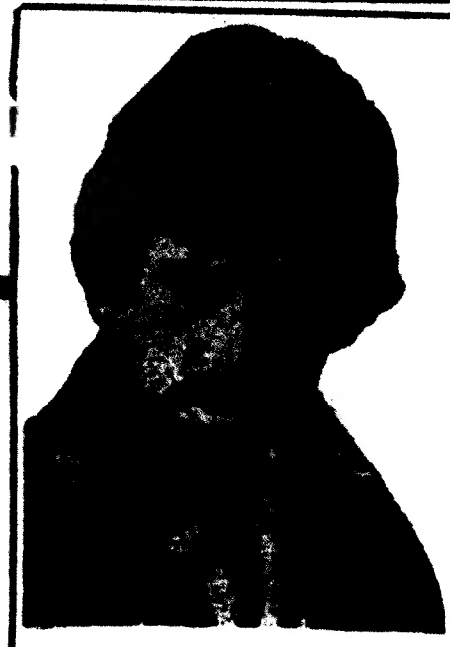
TÍTULO — «Amor andaluz».
REALIZAÇÃO — Rafael Gil (1968).
INTÉRPRETES — Carmen Sevilla, Francisco Rabal, Arturo Fernández.

Uma história de amor á espanhola ou, melhor, á andaluza, com todos os matadores e com todos os apetrechos. Uma história de um amor rico, belo e não aconselhável e de um outro pobre, feiote mas bastante aconselhável. Colorido, Andaluzia, romarias, vinho e tudo o mais que adiante quem lá for verá. Uma realização inexistente (e porque não?), uma cor muito espanhola e muito para ibérico ver. Este filme, cuja vedeta é a popularíssima Carmen Sevilla, está em exibição no Odeon — o local próprio para filmes deste género.

OS «VINDIMADORES DA VIDIGUEIRA» NA TELEVISÃO

No próximo dia 4 de Maio, véspera do seu aniversário, o grupo coral dos «Vindimadores da Vidigueira» actua mais uma vez na R. T. P., em programa directo transmitido do Porto. No dia seguinte os «Vindimadores» estão em Lisboa, devendo actuar em «fim de cela» na Casa do Alentejo.

VIOLENCIA E REALISMO IMPRESSIONANTES A PAR DE UMA ANÁLISE PROFUNDA DE MENTALIDADES EM CHOQUE!



HISTÓRIA DE UM ASSALTO

EASTMANCOLOR PANAVISION

TOMAS MILIAN • ANITA RIGNON
GLAUCO CAMARGO

ESTREIA
HOJE
ÀS 21,45
AVIS
FILMES OCIDENTE
(ADULTOS)

DINAMITE... ARMAS...
LUTAS TRAIÇOEIRAS...
PERIGOS INFERNAIS...
NA MAIS ESTRANHA
E ENCARNIÇADA
CAÇA AO HOMEM
ATÉ HOJE
VISTA!

Um Império na Selva

MARTIN MILNER
CLU GULAGER · KAREN JENSEN · LINDEN CHILES · DON QUINE

UNIVERSAL SONORO FILME

HOJE
EMOCIONANTE ESTREIA
COLORIDO — Matinées às 12 horas
POLITEAMA

3.ª SEMANA

...E CONTINUA:

"A FESTA"
(THE PARTY)

NO CINEMA
SÃO JORGE
PROGRAMA RANK

Peter Sellers

RANK FILMES

«A FESTA»... É FESTA!... E É TAMBEM, O MAIS HILARIANTE ESPECTÁCULO DA ACTUALIDADE
«A FESTA» É PARA ADULTOS
MARISCH CORPORATION apresenta
BLAKE EDWARDS como Produtor, Realizador e autor de argumento
COLOR by DeLuxe «PANAVISION»

Vasco Morgado apresenta
TEATRO VILLARET (ADULTOS)
HOJE: 2 sessões, às 21 e 23 h.
5.º MÊS DE ÊXITO
UMA COMEDIA POPULAR
SÓ ATÉ DOMINGO

A PREGUIÇA
com RAUL SOLNADO
Direcção de
MARIA HELENA MATOS

FERNANDA BORSATTI (a mãe) ALINA VAZ (a mulher) MÁRIO JACQUES (relações públicas) ANTÓNIO MONTEZ (o colega) DAVID SILVA (o barrão)

AS ESTREIAS DE HOJE

No Politeama

Título em português — «Um império na selva».
Produção — Americana.
Realização — Frank Prise.
Intérpretes — Martin Milner, Clu Gulager e Karen Jeansen.
Género — Aventura.
Distribuição — Universal — Sonoro Filme.
Processo — Colorido.
Classificação — 12 anos.

No Avis

Título em português — «História de um assalto».
Produção — Italiana.
Realização — J. Balcazar.
Intérpretes — Tomas Milian, Anita Ekberg e Claudio Camaso.
Género — Aventura.
Distribuição — Filmes Ocidente.
Processo — Eastmancolor.
Classificação — 17 anos.

No Estúdio 444

Título em português — «Falemos de homens».
Produção — Italiana.
Realização — Lina Manfredi.
Intérpretes — Margaret Lee, Luciana Paluzzi, Milena Vukotic e Patricia de Clara.
Género — Comédia.
Distribuição — Talma Filmes.
Processo — Preto e branco.
Classificação — 17 anos.

CAPITÓLIO
Telef. 320979
AMANHÃ ÀS 21.45 H
M/ 7 anos
EQUILÍBRIO INSTÁVEL
de Edward Albee
Tradução de Fernando Pragosa
Sábado e Domingo Tarde às 6 horas

Gabriel dos Santos e Maria da Nazaré Santos, os vencedores do concurso «O Fado Mora em Lisboa». Ao lado, o fadista Manuel Dias

O Fado Mora em Lisboa

A revista «Plateia» abriu concurso entre os seus leitores para a descoberta de novos valores da canção nacional nos bairros de Lisboa. A iniciativa denominou-se, precisamente, «O Fado Mora em Lisboa» e do seu êxito falam, só por si, as duas centenas de concorrentes inscritos.

Os trabalhos das sucessivas eliminatórias realizaram-se nos passados meses de Fevereiro e Março, na Sociedade Rodrigues Cordeiro perante um júri formado por Carlos Conde e Martinho Bexiga e pelos fadistas Ivette Pessoa, Manuel Dias e António Rocha, que estiveram em sérios apuros para escolherem os finalistas: Maria Júlia Lopes Alves, Maria da Nazaré Santos Banha, Judite de Jesus Teixeira, Gabriel dos Santos e Hermínio da Silva.

A Adega Machado serviu de palco ao epílogo desta iniciativa.

Os concorrentes prestaram as suas provas como se de verdadeiros artistas profissionais se tratasse — arrostando com muitos nervos, mas dando excelente conta de si.

Foram proclamados vencedores Maria da Nazaré Banha (15 anos, com excepcionais dons vocais) e Gabriel dos Santos (31 anos, senhor de um estilo pessoalíssimo e um sincero cunho dramático em cada verso que canta).

Além de taças, ganharam o direito de gravar um disco comercial para a etiqueta «Ofir» e, ainda, à obtenção gratuita da carteira profissional, de que se ocupará a «Plateia», chamando a si as despesas inerentes.

Todos os concorrentes finalistas receberam, ainda, em oferta da Agência Portuguesa de Revistas, rádios transistorizados e volumes com uma grande parte das 52 edições mensais da popular editorial.

TEATRO [illegible]
MONUMENTAL
ÚLTIMOS DIAS
VASCO MORGADO apresenta
HOJE, às 21.45 h
A farsa de CLAUDE MAGNIER
Tradução de Mariana de Morais
QUANDO ELA SE DESPIU...
com CAMILO, FLORBELA, CARLOS COELHO, Cármen Mendes, Vera, Linda Silva, Aldo Pinto, Alves Costa
Encenação de SANTOS CARVALHO
Cenog. de LÚCIO ESTRELA SANTOS
SÁBADO: 2 sessões, 20.45 e 23 h.
Nos 2 teatros, DOMINGO, A TARDE ÀS 16 H.

VARIEDADES
VASCO MORGADO
APRESENTA HOJE às 21.45
EUNICE MUÑOZ, PAULO RENATO, FERNANDO GUSMÃO
no palco de BUERO VALLEJO
CARTAS NA MESA
com Fernanda Alves-Moreira e Castro — Cenário de JOÃO VIEIRA — Encenação de FERNANDO GUSMÃO
(P/ Adultos)
2.ª SEMANA

A COMÉDIA «PEPSIE» DENTRO DE DIAS NO «LAURA ALVES»

Prosseguem em bom ritmo os ensaios da comédia «Pepsie», um original de Pierrete Bruno, numa tradução de R. Lobato de Faria, com encenação de Jacinto Ramos, que actuará também num dos principais desempenhos. A seu lado, estarão os jovens Irene Cruz e João Lourenço e, ainda, Graça Lobo e Luís Pinhão.

«Pepsie» é uma comédia deliciosa, agradàvelmente picante, mas sem grossaria. Muito em breve, estreia no moderno teatro «Laura Alves».

TALMA FILMES

A COMPLETA DISSECAÇÃO DO HOMEM PELOS PROCESSOS MAIS FEMININOS!
com MARGARET LEE
LUCIANA PALUZZI
MILENA VUKOTIC
PATRICIA DE CLARA
em que o vitima é
NINO MANFREDI
num filme de
LINA WERTMULLER
um filme para ADULTOS
falemos de HOMENS
ESTREIA HOJE ÀS 21,45
estúdio 444

MARIA VITÓRIA • NO TEATRO DOS EXITOS
O ENORME EXITO DE UMA REVISTA!
[illegible] apresentam:
MÃOS À OBRA!
ADULTOS
• Às 20.45 e • TODAS AS NOITES DUAS SESSÕES: • Às 23 Horas
Direcção por ANIBAL NAZARE, SALVADOR e JOSÉ VIANA, com música de JOÃO NOBRE e CARLOS DIAS
• UM GRANDE ELENCO COM:
• DOMINGO MATINÉE ÀS 16 •
SALVADOR • JOSÉ VIANA • MARIEMA
MAY AVRIL

ABC
Às 20.45 e 23 horas
DOMINGO MATINÉE às 16 horas
TEL. [illegible]
ADULTOS

NOVO CASINO ESTORIL
apresenta HOJE em estreia
MADALENA IGLESIAS

THE AKIMOTO'S
ORIGINAIS ACROBATAS
directamente
[illegible] do Broadway
"ÇA C'EST L'AMOUR"

produção de
PIERRE FRANCK PERRY MC CANN
SEGUNDO GALARZA e seu conjunto
FERRER TRINDADE e sua orquestra
JIRINA'S COMBO
[illegible] [illegible]
Nadja Nadlova cá no wonder bar
No CINEMA, às 17 • 21 • 23
OS TEUS, OS MEUS E OS NOSSOS
(M/ 12 ANOS)

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida dos Aliados, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça de Mouzinho, Bonfim e Antas, a partir das 20 e 30, e na Tabacaria da Estação de Campanhã, na Praça Almeida Garrett, a partir das 21 horas.

«A ilha dos escravos» (de Marivaux) pelo T. E. U. C.

O Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (T. E. U. C.) levou à cena, conforme noticiámos, em estreia em Portugal, a célebre peça de Marivaux «A ilha dos escravos», em tradução e encenação de Luís de Lima, que o «Diário de Lisboa» ouviu logo após o seu novo regresso (temporário) ao nosso País. Depois de ter sido representada em diversas localidades do Norte, «A ilha dos escravos» foi apresentada em Coimbra, integrada no tradicional Ciclo de Teatro, organizado pelo C. I. T. A. C., e teve um merecido êxito.

Agora o T. E. U. C. vai participar no Festival da Covilhã com a peça do famoso dramaturgo francês do século XVIII, numa encenação que tem a marca do nosso tempo e de um homem de teatro que sabe do seu ofício. Os cenários de «A ilha dos escravos» são de João Vieira e o texto de apresentação de João Vieira.

Entretanto, estão a ser feitas diligências no sentido do T. E. U. C. vir a Lisboa, o que a todos os títulos se impõe e esperamos tenha rápida e efectiva concretização, à semelhança do que acontece com o C. I. T. A. C., que na próxima segunda-feira apresenta no Teatro Vasco Santana «Castelos e a sua época», com uma encenação de Ricard Salvat.

O T. E. U. C., o pioneiro do teatro universitário em Portugal, continua assim a obra admirável que desenvolveu ao longo das últimas três décadas, graças ao poder realizador dos estudantes e à figura notável do homem de teatro e de cultura cujo nome para sempre ficará indissoluvelmente ligado ao organismo de que foi, através dos tempos a verdadeira alma — o prof. dr. Paulo Quintela.

Uma cena da representação de «A ilha dos escravos», pelo T. E. U. C.

Mariana Rey Monteiro em «Equilíbrio Instável»

ENTREGUES AMANHÃ NO CAPITÓLIO OS PRÉMIOS DA IMPRENSA DE TEATRO DECLAMADO (1967)

• Representada a peça «Equilíbrio Instável»

Mariana Rey Monteiro, Santos Manuel, Varela Silva e Bernardo Santareno recebem, amanhã à noite, no palco do Capitólio, os Prémios da Imprensa de Teatro Declamado relativos a 1967.

A entrega dos galardões será feita no final do espectáculo-reposição da peça de Albee «Equilíbrio Instável», precisamente aquela que deu o prémio a Mariana Rey Monteiro.

O produto desse espectáculo reverterá a favor dos fundos de assistência da Casa da Imprensa, por amável deferência da empresa Rey Colaço-Robles Monteiro.

É, pois, natural que o Capitólio se encha, amanhã, numa homenagem a alguns nomes mais em evidência do teatro português actual.

Estreia amanhã (em S. Carlos) a companhia do Ballet-Théâtre Contemporain

Vinda de Madrid, onde se exibiu com um extraordinário êxito, chegou ontem a Lisboa a grande companhia francesa do Ballet-Théâtre Contemporain que, amanhã, se estreia no Teatro Nacional de S. Carlos, às 21 e 45, na continuação da Temporada de Bailados de 1969.

Como se sabe, o Ballet-Théâtre Contemporain é a companhia que André Malraux criou há pouco, anexa ao Centro Nacional de Coreografia, na Maison de la Culture [illegible] e é considerada como a mais autêntica expressão das modernas correntes estéticas do «ballet» europeu.

Acompanham os artistas desta companhia figuras em destaque no meio artístico francês: Jean-Albert Cartier, Françoise Adret, o maestro Luc Ferrari e a pianista Michèle Benac, respectivamente conselheiro artístico, directores coreográfico e musical, e pianista do Ballet-Théâtre Contemporain. Entre os artistas ontem chegados a Lisboa [illegible] Colette [illegible], [illegible] que o nosso público bem conhece e admira; Martine Parmain, James Urbain, Don Snyder, as estrelas da Ópera de Paris Cyril Atanassoff, Jacqueline de Min e Pierra Byland, Muriel Belmondo e as estrelas da Ópera de Sofia Krassimira Koldamova, uma das maiores bailarinas mundiais de hoje, e Itchko Lazarov. Amanhã, chegarão as demais estrelas desta companhia: o grande bailarino Jean Babilée, o famoso par da Ópera de Bucareste Madalena Popa e Amatio Checiulescu e o grande bailarino Juan Giuliano.

A novel e já famosa companhia estreia amanhã em S. Carlos, com «Cantata Profana», «Hai-Kai», «Aquarela» e «Desertos».

Os artistas foram recebidos à sua chegada por Tomás [illegible] em representação do Teatro Nacional de S. Carlos pelo empresário Constantino Varela Cid.

A temporada popular prossegue no dia 22

A Temporada Popular de Bailados de 1969, que o Teatro Nacional de S. Carlos está a efectuar no Coliseu dos Recreios, prossegue no próximo dia 22 [illegible], com um espectáculo popular da famosa companhia francesa Ballet-Théâtre.

Eis o motor prático para o marinheiro conhecedor.

EVINRUDE
O poder da experiência

VIDA MUSICAL

Karine Georgian (Prémio Tchaikowsky) pela primeira vez em Lisboa

Poucas semanas após ter revelado ao publico de Lisboa o maior pianista da actualidade (Sviatoslav Richter) o Tivoli anuncia a apresentação de um dos maiores talentos violoncelisticos da nossa época. Assim, depois de Nova York, Londres, Paris e Berlim, Lisboa vai conhecer, hoje, às 18 e 30, Karine Georgian, a jovem intérprete que no famoso concurso Thaikowsky, de Moscovo, perante dezenas de concorrentes de vários paises, surpreendeu o juri do concurso desde a primeira prova, ao ponto de obter o «1.º Grande Prémio», por unanimidade — o que rarissimas vezes acontece. Rostropovitch, que estava presente, afirmou: «Arcada excelente, técnica magnífica; raras vezes o temperamento artistico, o lirismo acompanham essa técnica num mesmo artista». Não menos expressivas foram as palavras de outro célebre violoncelista (Gregor Piatigorsky). Por ocasião da sua estreia nos Estados Unidos, o critico do «New Yorker Magazine» disse: «o seu canto largo e expressivo, o seu virtuosismo estão muito acima do comum». Na Suécia, não menos exuberante foi o acolhimento dispensado a Karine Georgian. «O auditório foi surpreendido de tal maneira que os aplausos não terminavam».

No seu programa de estreia em Portugal, a jovem violoncelista tem a colaboração em piano de Vladimir Krainev (1.º Prémio do Concurso Viana da Mota), num excelente programa que contém as «Variações sobre um tema da Flauta Mágica» (Beethoven), a sonata n.º 2, em fá maior (Brahms) e a sonata op. 19 de Rachmaninoff.

VEIO A PÉ DE ZURICH

(2493 QUILÓMETROS)

PARA ASSISTIR AO JOGO PORTUGAL-SUÍÇA

Percorreu a pé 2493 quilómetros (exactamente a distancia que separa Zurich de Lisboa), para assistir a um desafio de futebol. Esta foi a proeza que cometeu o cidadão suiço Emile Holliger, que completa 51 anos em 8 de Setembro próximo e é operário de uma fábrica de vidros.

Emile chegou ontem à tarde à capital portuguesa depois de atravessar a França, a Espanha e Portugal, onde entrou pelo posto de fronteira do Caia na dia 13 de Abril, levando apenas três dias de Elvas a Lisboa.

Aliás não é esta a primeira façanha deste caminhante voluntário. Já assistiu aos jogos da selecção de futebol do seu país no último «mundial», em Inglaterra, utilizando o mesmo processo de deslocação: a marcha. Agora este calcurreador das estradas europeias levou trinta e sete dias na viagem, pois partiu de Zurique no dia 8 de Março às 17 e 30 conforme certifica o carimbo aposto pela policia helvética no livro de «contrôle» que exibe.

● **Neve em Espanha**

A travessia da França foi feita em onze dias (entrada por Saint Laurent du Pont em 15 de Março e saida a 26 do mesmo mês) entrando em Espanha por Junquera.

— «*Aqui passei muito frio* — disse-nos o incansável caminheiro —. *Entre Saragoça e Madrid encontrei neve com mais de dez centímetros de altura.*

Emile Holliger teve na viagem um ligeiro contratempo. O carrinho de bebé onde transporta a bagagem e que ostenta o reclame de uma fágrica de calçado (ele não o diz, mas deve ser a patrocinadora da viagem) sofreu uma «panne» e teve de ficar em Mérida.

Houve que proceder a uma substituição e este suiço de boas pernas e pulmões (e miolos?) chegou a Lisboa empurrando um saco de compras com rodas, daquelas com que as senhoras vão ao mercado.

● **Fanático do futebol**

A razão da viagem? Bem, nem a próprio Emile Holliger sabe explicar. Apenas a justifica como consequência de ser «um *fanático* do futebol»: só?

Também irá ao México? — «*Atencion* — E depois num francês germanizado: — *Nou, É Portugal quem vai classificar-se nesta série.*

Hoje porém o nosso homem fará a viagem de regresso mas não a pé. De avião, que é mais rápido e menos cansativo.

Mas nestes três dias de marcha pelas estradas portuguesas já foi o bastante para afirmar: — «*Portugal. Oh! Jolie.*»

Emile sobe a «cumbreza» da estátua do Marquês de Pombal, com um carrinho de compras

O suiço andarilho ao representante do «Diário de Lisboa»: «É muito simples: queria ver jogar a selecção do meu país em Lisboa, e vai daí meti pés ao caminho e cá estou»

«PORTUGAL E O OCIDENTE» — TEMA DA SEMANA DO ULTRAMAR QUE COMEÇA NA SEGUNDA-FEIRA

O sr. Presidente da República preside, na segunda-feira, na Sociedade de Geografia, à abertura solene da «Semana do Ultramar», que este ano se celebra sob o tema geral «Portugal e o Ocidente». É orador o sr. almirante Sarmento Rodrigues, que abordará aquele tema.

A sessão de encerramento realizar-se-á em Santarém, no dia 26, integrada nas comemorações do centenário da cidade. Presidirá o ministro do Ultramar, sendo orador o sr. prof. dr. João Ameal.

A «Semana do Ultramar» será ainda comemorada nas unidades militares, Legião Portuguesa, Câmaras Municipais, organismos corporativos e estabelecimentos de ensino oficial e particular.

Para proporcionar aos vários oradores alguns elementos sobre o tema escolhido, a Sociedade de Geografia editou um pequeno livro de [illegible] [illegible] Colonial, catedrático da [illegible], que tem por título «Portugal no Ocidente».

Aprovada a revisão de salários do pessoal camarário de Coimbra

COIMBRA 17 — Na reunião da Câmara Municipal, o presidente, sr. eng.º Araújo Vieira, fez uma importante comunicação constituída por um estudo sobre a revisão de salários do pessoal eventual dos Serviços Municipalizados e que já fora aprovado, no dia 1, em reunião do Conselho Municipal.

Disse que a última revisão fora feita em Maio de 1966, e que daí para cá se verifica uma evolução constante nos preços da mão-de-obra. Fenómeno relacionado com a contínua diminuição do poder de compra, além de que a escassez de pessoal qualificado tem agravado os salários.

Fez o orador diversas considerações sobre o fenómeno — desvalorização monetária generalizada, manutenção do agregado familiar — e afirmou que, por isso, a elevação dos salários se apresenta como uma tendência lógica na presente conjectura, pois quem trabalha tem direito a um salário que lhe permita manter-se e ao seu agregado familiar, num progressivo e razoável nível de vida.

Disse, ainda, o presidente que se devia, no interesse de todos, concretizar esse objectivo e dar melhoria de situação económica àqueles que empregam o seu esforço. Quando foram actualizados os salários — afirmou — não havia dificuldades na admissão de pessoal, enquanto hoje os de fora não procuram os serviços camarários e parte dos que trabalham nos mesmos abandonam os seus postos procurando na actividade privada melhores condições de vida.

Fez o sr. eng.º Araújo Vieira uma análise da preparação de operários nos Serviços Municipalizados e das providências que têm sido tomadas para manter um bom pessoal, pois os serviços não podem ser bons se o não for, também, o pessoal. Acrescentou que a revisão de salários acarreta um aumento de despesa na ordem dos 2800 contos, mas permite, também que se possam pedir ao pessoal mais alguns sacrifícios embora tudo se faça para que este agravamento não altere, por enquanto os sistemas tarifários actuais.

A revisão de salários foi, depois aprovada.

Construção de uma fonte luminosa

Foram, ainda, adjudicadas empreitadas de obras entre as quais a construção da fonte luminosa na Praça Salazar, cujo projecto ficou aprovado e que importará em 165 500$00.

Depois de nova intervenção do sr. eng.º Araújo Vieira, em que deu conta do encontro com o presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, sr. dr. Azeredo Perdigão, a quem apresentou o anteprojecto do novo edifício da Biblioteca Municipal. Informou que o pedido de auxílio teve a melhor aceitação, e que vai ser feito o projecto definitivo e que será apresentado o orçamento da obra ao presidente da Fundação Gulbenkian.

Por fim, o vereador sr. dr. Viriato Namora apresentou um circunstanciado estudo sobre os resultados práticos da aplicação do imposto de trabalho, demonstrando que, afinal, se colhem mais prejuízos do que lucros, pelo que propôs para se obter a informação sobre a possibilidade legal de cancelar a cobrança desse imposto e, se essa possibilidade existir, que esse cancelamento produza imediatamente esses efeitos, proposta que foi calorosamente aprovada.

VIA A TELEVISÃO E ARDIA-LHE A FAZENDA

SÁTÃO, 17 — O sr. José Carlos de Gouveia e Sousa acabou de ver televisão e, já meio morto de sono, foi-se deitar. Eis se não quando o acordam violentamente pois, enquanto via televisão, ardia-lhe a serração do Pereiro de que é proprietário e onde enterrara para cima de mil contos de melhoramentos. Naquela serração trabalham mais de meia centena de operários e empregados, quase todos bastante novos, pois os adultos tomaram quase todos o caminho da emigração.

Ao incêndio não escaparam os fios telefónicos, pelo que se dirigiu a Viseu o filho do proprietário da serração, a pedir os socorros dos Bombeiros Municipais e Voluntários.

A secção de cerâmica, com os seus dois andares foi totalmente devorada pelo fogo que, felizmente não atingiu a serração pròpriamente dita. Mesmo assim, os prejuízos ascendem a mais de 700 contos.

Artes plásticas

Júlio expõe em Lisboa

Júlio — um artista que desde a «Presença» (a cujo grupo pertenceu, e em cujas páginas se revelou) tem sempre revelado uma inconfundível personalidade criadora, quer como plástico, quer como poeta — Júlio volta a expôr em Lisboa; esta tarde na Galeria do «Diário de Notícias» é inaugurada uma exposição de desenhos e monotipias.

Júlio (Maria dos Reis Pereira, engenheiro civil, de 66 anos de idade, regressa assim ao convívio do público interessado de Lisboa, que decerto não deixará de acorrer a apreciar as criações do artista plástico que é ao mesmo tempo o poeta Saul Dias; e entre um e outro quase não existem fronteiras, acontecendo ser o mesmo o pequeno mas significativo universo da obra de ambos, feita, como diz um dos seus versos, de «tanto de quase nada», e também de «imagens desvairadas» e o quotidiano ingènuamente descrito».

E se, como têm notado quantos se interessam pela sua poesia, esta se caracteriza por «uma delicadeza e pureza de expressão que levam a uma depuração excepcional uma linha poética que vem directamente de Camilo Pessanha», sobretudo os seus desenhos — como escreveu Jorge de Sena — reflectem esta mais relevante característica da obra poética, mas uns e outros contêm uma [illegible] que [illegible] brutalidade de traços que é inseparável, e como que o suporte de uma quase complacência cénica, de uma melancólica e sonhadora malícia sarcástica».

Portanto a partir da tarde de hoje e até ao fim do corrente mês, desenhos e monotipias de Júlio na Galeria do «Diário de Notícias».

Exposições de arte sacra em Leiria

LEIRIA, 17 — A Comissão Regional de Turismo vem promovendo já há anos, na sua Galeria de Arte, na época pascal, exposições que evocam, por meio de diferentes figurações de arte, o triunfo de Cristo sobre a Morte.

Tivemos oportunidade para meditar sobre a expressão mais positiva do Mistério Pascal, de ver ali expostos quadros dos Museus de Arte Antiga e de Machado de Castro, dos Paços de Ourém Velho, bem como da Mater Dolorosa e de crucifixos; e depois, foi-nos dado apreciar valiosa documentação de Registos de Santos, todos devotadamente emoldurados, a maioria do século XIX. Trinta e oito peças, pertencentes a duas colecções particulares, mensageiras de um valor humano espiritual do que foi guardado, vivo e palpitante, de geração em geração, num recolhimento religioso, como se fosse um acontecer de páginas dum «Flos Sanctorum» em omnipotência de Deus e da sublimidade dos Santos que enchiam a sua devoção.

A exposição foi muito visitada e filmada para a TV.

...E AS VITÓRIAS
MORRIS
CONTINUAM!...

CAMPEONATO
NACIONAL DE RALLYES
RALLYE DE VISEU
VENCEDOR ABSOLUTO
ENG. HEITOR DE MORAIS
EM MORRIS COOPER'S.

A. M. ALMEIDA, S.A.R.L.
Lisboa — Av. da Liberdade, 11 / Av. 5 de Outubro, 166
R. da Escola Politécnica, 30
Porto — Rua Sá da Bandeira, 501

Os Jogos Florais da Emissora Nacional

Os poetas e prosadores portugueses que queiram concorrer aos Jogos Florais da Emissora Nacional, deverão, até ao dia 10 de Maio, entregar os seus originais dentro de um sobrescrito que, por sua vez, conterá um outro sobrescrito lacrado com o verdadeiro nome e morada do autor.

Só serão abertos os sobrescritos lacrados correspondentes aos trabalhos classificados. Os originais em verso não deverão exceder 3 páginas em papel vulgar de máquina.

Poderão ser apresentados os seguintes tipos de trabalho: *em prosa*, a) teatro radiofónico com a duração de 25 a 40 minutos; b) palestra radiofónica com a duração de 8 a 10 minutos; c) diálogo humorístico, com a duração de 10 minutos; d) monografia de uma freguesia (Ultramar ou Metrópole), com extensão máxima de 50 páginas; e) conto relativo a experiência militar, reservado a quem tenha desde 1961 servido campanha na Guiné, Angola ou Moçambique, com a extensão de 10 páginas.

Em verso, a) poesia heróica; b) poesia lírica; c) quadra popular; d) poesia alusiva ao Algarve.

Ao melhor soneto em qualquer das alíneas a), b) e c) será atribuído prémio especial.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

ora diga-nos...

— Gosta de estudar ao ar livre?

Os exames aproximam-se. O estudo intensifica-se. Os cafés, cortes cafés, estão cheios de estudantes. Mas há outros que não gostam dos cafés. E passeiam ao ar livre, em jardins, parques e esplanadas. Esses preferem o ar livre. Para estudar...

● *Respondeu em primeiro lugar à nossa pergunta de hoje o sr. Vítor Fernando da Silva Almeida, que nos disse:*

— Sim. Gosto de estudar ao ar livre. Porquê? Porque aprecio a tranquilidade, o sossego, e... o ar livre. Parece que me ajuda a concentrar, a fixar melhor aquilo que tenho de estudar. Sem dúvida que gosto de estudar ao ar livre. E é pena que outros não experimentem. Há coisa melhor que este sol?

● *Afirmou-nos a seguir o sr. Vítor Arlindo Marques Ricardo:*

— Sem dúvida nenhuma que sim. É bastante bom. Porque aprecio muito este ambiente. Umas vezes vou para jardins públicos, outras para parques. É claro que muitas vezes há coisas que nos distraem. Olhe, as pequenas, por exemplo. Mas, no fundo, são apenas uma pausa. Depois, o trabalho ao ar livre rende muito mais.

● *Por último disse-nos o sr. Destino Fernandes:*

— Sim senhor. Gosto muito de estudar ao ar livre. É um prazer fazê-lo entre árvores, com pássaros, por vezes, a chilrear e crianças a brincar. De manhã bem cedinho uma pessoa a estudar ao ar livre é das melhores coisas que pode suceder. Gosto muito de estudar ao ar livre, pronto!

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS NA GUINÉ

BISSAU, 17 — (A. N. I. e L.) — É o seguinte o sexto do boletim informativo das Forças Armadas na Guiné relativo ao período de 7 a 13:

«Durante o período, o inimigo flagelou os aquartelamentos de Cabuca, Fulacunda, Quitafé, Canjambari, Camaconda, Cacine, Nhalá Cabucu, Manpatá e Encheia e implantou engenhos explosivos na estrada de Buba-Aldeia Formosa, na região de Saredibane, Buba, estrada Piche-Ponta Caium, na região de Sorimone, Bissorã, na estrada Tite-Iusse e ponte sobre o rio Pulom Xitole e na região de Bissum armou emboscadas às nossas tropas na região de Cutia e Dandomandinga (Farim).

Em resultado das acções realizadas pelas nossas forças, o inimigo sofreu, na região de Bissá — Semadecima — Tita — dois mortos, dois capturados e a apreensão de documentos diversos; na estrada de Bula-Binar, um morto e a apreensão de material diverso; na região de Sansanto, a apreensão de documentos diversos; na região de Burne (Teixeira Pinto), um morto, e na região de Saredibane (Buba), o inimigo, em movimento, foi surpreendido pelas nossas tropas, que infligiram onze mortos e apreenderam, em combate, 21 espingardas automáticas.

No conjunto das acções levadas a efeito, foram recuperados nove elementos da população.

Durante o período, o inimigo sofreu 15 mortos e 2 capturados. As nossas forças sofreram um morto em combate, cujos elementos de identificação foram oportunamente divulgados aos órgãos de informação.

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

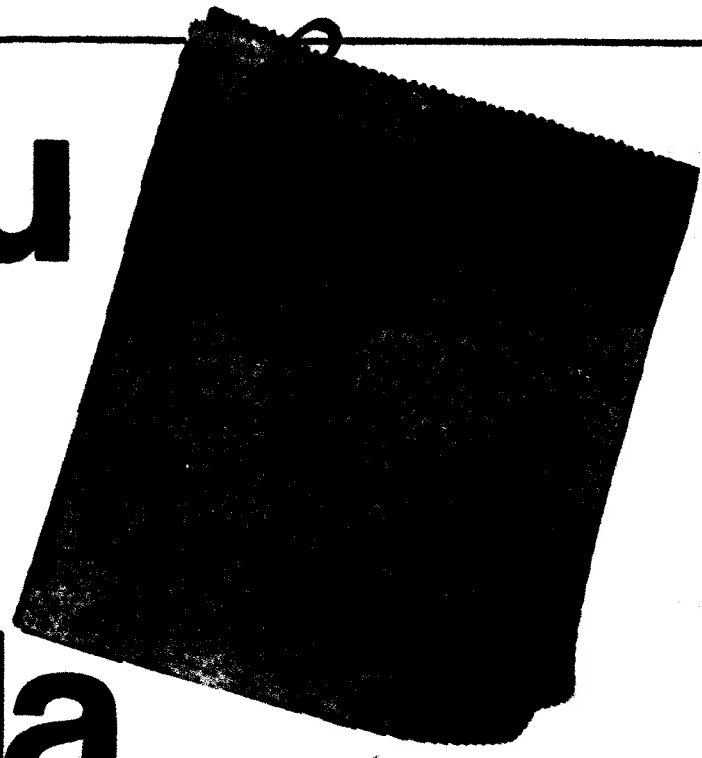
Em Angola há 67 anos visita a Metrópole pela segunda vez

OLIVEIRA DO BAIRRO, 16 — Está a ser preparada, nesta vila, uma recepção ao sr. José Duarte Teixeira que tem 85 anos e há 67 vive em Angola.

O sr. José Duarte Teixeira, natural desta freguesia foi agora distinguido com o prémio Governador-Geral de Angola. Colono dos mais antigos desta província, fundou, em 1913, a vila de Bela Vista, no distrito de Huambo. Há anos, foi condecorado com a comenda de Mérito Agrícola e com o grau de cavaleiro da Ordem do Império.

Durante a sua longa estadia em Angola é esta a sua segunda visita à Metrópole.

o seu capital pode ser ainda mais rentável



Conheça o empreendimento turístico da Praia de Alvor e obtenha a melhor colocação para o seu capital.
Apartamentos desde 280 a 990 contos.

LOGRATA

Informações:
Lisboa—Av. Duque de Loulé, 88-A, Telefs. 57710 e 54479
Algarve—Hotel Golfinho
Praia da D. Ana, Telef. 302, Lagos
Praia de Alvor
Telefs. 222 e 228 de Portimão

FOTO BEA

Seguro de Vida por Medida

10 anos de experiência conduziram-nos a 30 anos de progresso. O SEGURO DE VIDA POR MEDIDA IMPÉRIO marcará uma nova era na sua maneira de pensar acerca de seguros de vida.

Poder dar aos filhos a educação que para eles ambiciona, ser o apoio sólido dos que dependem de si, ter uma velhice sem preocupações económicas... já não serão mais incertezas.

A Companhia de Seguros Império, através do SEGURO DE VIDA POR MEDIDA, pode estudar um seguro à medida do seu caso e substituir por segurança as incertezas que hoje o assaltam.

Com o SEGURO DE VIDA POR MEDIDA a Império interessa-se pelo seu caso pessoal e quer criar exclusivamente para si UM NOVO SEGURO DE VIDA adaptado às suas necessidades e à sua capacidade económica.

Recorte, preencha e envie-nos o CUPÃO (abaixo). Receberá, completamente grátis e sem qualquer compromisso, uma edição ilustrada explicativa e pormenorizada sobre o SEGURO DE VIDA POR MEDIDA.

À COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO
Rua Garrett, 62 — Lisboa-2

Queiram enviar-me a vossa publicação explicativa sobre o SEGURO DE VIDA POR MEDIDA.

NOME

ENDEREÇO

AO SEU SERVIÇO!

IMPÉRIO

a sua seguradora

Carlos Paredes e Fernando Alvim foram à sede do Clube dos Publicitários para um agradável momento de convívio, de que damos esta imagem

AVENTURAS DE 2 RAPAZES NUM AUTOMÓVEL ROUBADO

ILHAVO, 17 — Pela calada da noite, passou em Cimo de Vila, lugar pacato, José Rocha Nunes Carlos, de 17 anos e via á porta do comerciante local sr. João da Mata Vinhito um automóvel estacionado. Sem carta, nem prática de condutor, entrou no carro, que estava aberto e pôs-se em marcha, de passeio, pelas Gafanhas, Barra, Aveiro, Coutada, sofrendo neste lugar um precalço do qual se livrou a custo, seguindo, depois, para Ermida onde arranjou um companheiro, Silvério Marques Correia de 18 anos e lá foram para Vagos, numa passeata nocturna. Aqui, porém, faltou-lhes gasolina, que meteram numa bomba daquela vila, entrando um com 5$00 e outro com 4$50, que era o que possuiam. À saída daquela vila, o carro avariou-se e então, com a ajuda dum trabalhadores meteram o veículo no caminho que segue para a Senhora de Vagos e desapareceram.

O dono do carro participou o caso á G. N. R., que conseguiu apanhar os dois aventureiros, os quais vão ser entregues ao tribunal.

A PROJECÇÃO INTERNACIONAL DO BANCO TOTTA-ALIANÇA

GENEBRA, 17 — O Banco Totta-Aliança tornou-se accionista do Etablissement Financier de Placements, sociedade recentemente constituida em Genebra pela Chaterhouse Japhet and Thomasson Limited, que realisará operações financeiras quer no mercado do dinheiro a curto prazo, quer no mercado internacional de obrigações. Os outros accionistas são: The Standard Bank, Ltd., a firma F. Van Lanschot, o Banco Di Napoli e o Banco Alexandre de Saint-Phalle & Cie.

O Banco Totta-Aliança fará parte da administração desta sociedade suiça.

Necrologia

FALECIMENTOS

Fellamina de Sousa Bizarro

Faleceu esta manhã, no Hospital de S. José, onde se encontrava internada, a sr.ª D. Fellamina de Sousa Bizarro, de 60 anos, casada com o sr. Joaquim Bizarro, e mãe das sr.as D. Natalina Bizarro, conhecida artista, D. Maria Helena Castelo Branco e D. Palmira Isabel Bizarro, e dos srs. José de Sousa Vilela, Joaquim Bizarro Junior e António Manuel de Sousa Bizarro. O seu funeral sairá amanhã, da Igreja de Arroios, a hora a determinar, para o cemitério do Alto de São João.

O «Diário de Lisboa» apresenta as suas sentidas condolências á família enlutada, em especial aos nossos companheiros de trabalho srs. Joaquim Bizarro e Joaquim Bizarro Junior, subchefes do quadro tipográfico do nosso jornal, e a António Manuel de Sousa Bizarro, elemento do mesmo quadro.

D. Maria da Conceição Pinto Fernandes

Faleceu a sr.ª D. Maria da Conceição Pinto Fernandes, de 79 anos, viuva, natural de Caparica, concelho de Almada.

O funeral, a cargo da Agência Barata, realisa-se amanhã, às 15 horas, da igreja de São Domingos de Rana para o cemitério local, após missa de corpo presente.

FUNERAIS

João Miguel Alves da Cunha e Silva

Para o cemitério do Alto de São João, seguiu esta tarde o funeral do sr. João Miguel Alves da Cunha e Silva, chefe de secção da Direcção-Geral de Cultura Popular e Espectáculos.

O extinto, natural de Lisboa, contava 58 anos e era casado com a sr.ª D. Maria de Lurdes Nunes Rocha da Cunha e Silva, também funcionária da Secretaria de Estado de Informação e Turismo e pai do estudante José Alberto Rocha da Cunha e Silva.

José António Lourenço

MARVÃO, 17 — Na povoação de Galegos, onde residia, realizou-se após missa de corpo presente, para o talhão dos combatentes no cemitério local o funeral do sr. José António Lourenço, de 74 anos que, como 1.º cabo do R. I. 22, tomou parte na primeira Grande Guerra, em França. Era muito estimado por quantos o conheciam, e, por isso, o funeral teve grande acompanhamento incluindo o representação com o estandarte, da L'ga dos Combatentes. Possuia a medalha de cobre, com legenda: «Exército Português — França 1917-18.»

O sr. José António Lourenço era casado com a sr.ª D. Joaquina Mendes Lourenço e pai dos srs. João e Manuel e das sr.as D. Francisca e D. Teresa e do sr. António Lourenço; e sogro das sr.as D. Gertrudes, D. Rosária, D. Justa, D. Juliana e do sr. José Correia Garção. Deixa seis netos.

SUFRÁGIOS

Daniel Gregório Rosa Duque

Comemorando o 5.º aniversário do falecimento do sr. Daniel Gregório Rosa Duque, que foi regente agrícola da Junta Nacional do Vinho, a sua família manda celebrar amanhã, às 12 e 15, missa de sufrágio na igreja de São Nicolau.

Dr. António Pedro Gaivão

Por iniciativa de sua família, é celebrada amanhã, às 12 e 45, na Basílica da Estrela, missa de sufrágio por alma do sr. dr. António Pedro Gaivão que faleceu no passado dia 12.

O sr. dr. António Pedro Gaivão tinha 42 anos, era natural de Coimbra e deixou viuva a sr.ª D. Anita Salles Lane Gaivão

Missa por alma de última rainha de Espanha

A Embaixada de Espanha comunica-nos que, depois de amanhã, às 11 horas, será celebrada Missa de Requiem, na igreja de São Roque, sufragando a alma de D. Victoria Eugénia, última rainha de Espanha.

A mesma Embaixada comunica que, nos salões da respectiva Chancelaria, à Rua do Salitre, 1, estará patente um livro de pêsames, durante hoje, amanhã e depois de amanhã.

A construção do Metropolitano entre Alcântara e os Caminhos de Ferro foi pedida na sessão do Município

O vereador Santos e Castro pediu esta manhã, na reunião mensal da Câmara Municipal de Lisboa, que fosse encarada a construção da projectada linha do metropolitano da Beira-Rio (Alcantara-Caminhos de Ferro), por forma a que os trabalhos comecem já no próximo ano.

O mesmo vereador acrescentou que este pedido envolve necessàriamente a construção de outra correspondência para além da do Rossio».

Presentes onze oradores no hemiciclo, a reunião decorreu sob a presidência do general França Borges, ladeado pelos vice-presidentes Aníbal David e eng.º Segismundo de Saldanha.

Como primeiro tópico foi lida uma moção (mais tarde aprovada por unanimidade e com vários «muito bem» dos vereadores) em que o Município se congratulava pelo significado da viagem do Chefe do Governo ao Ultramar, «sem escolta e rodeado por multidões». Sobre o mesmo assunto falou o vereador Pereira Bernardes.

«Certas pontas de cepticismo»

A intervenção do eng.º Santos e Castro foi precedida de uma comunicação do presidente acerca do edital — assinado há dias — relativo á toponímia da cidade, pelo qual vieram a ser dados, a novos arruamentos lisboetas, nomes como os de Irene Lisboa, Jaime Brasil e Artur Portela; e também pela informação de que o empréstimo ao Metropolitano de Lisboa foi totalmente coberto na parcela de 200 mil contos, com o maior interesse da população.

Usando então da palavra, aquele vereador começou por afirmar que a notícia do próximo alargamento da linha dos Anjos até Alvalade caíra muito bem.

— *A cidade* — disse — *recebeu-a com manifesta satisfação e justificada esperança, embora não se tenham apagado totalmente certas pontas de cepticismo geradas por outras tentativas não concretizadas. Desta vez não seremos certamente desiludidos, e dentro de alguns dias parece que veremos iniciarem-se os trabalhos.*

Para ele, no entanto, é necessário concretizar a anunciada linha da Beira-Rio, sem dúvida uma importante parcela deste empreendimento tão grande como necessários. Mas que se trabalhe sem perda de um minuto sequer», avisou.

— *A história do tempo que se perdeu* — são palavras suas — *a partir do momento em que a construção do transporte urbano subterrâneo se detiver na estação dos Anjos, e sobretudo alguns factos que a ilustram, recomendam que se não corra o risco de nova paragem. Paralelamente, o agravamento fatal das dificuldades do tráfego á superfície em cada dia transformam numa clamorosa necessidade o que, ainda ontem, seria apenas uma comodidade maior.*

Museu Municipal da Vida Submersa

Dez minutos bastaram para aprovar uma doação do Centro Português de Actividades Submarinas (ânforas, conchas, plantas, fauna viva e instrumentos vários) ao Município, com vista á criação de um Museu da Vida Submersa. Da mesma pensada os vereadores deram o seu consentimento á fundação desse museu.

Vai ficar instalado nas Janelas Verdes, e numa primeira fase constará da exposição de todos os objectos agora doados pelo C. P. A. S.

Peões e táxis

Peões e táxis ocuparam boa parte da reunião Quanto aos primeiros, foi aprovada uma nova redacção do Regulamento Municipal de Trânsito (n.º 4.º do art.º 7.º, n.º 2.º do art.º 10.º e art.º 76.º), segundo a qual «a travessia da faixa de rodagem deverá ser feita obrigatòriamente *pela direita das passagens para peões* assinaladas no pavimento, em obediência aos sinais luminosos ou aos sinaleiros.»

Quando não haja faixas, os peões atravessarão a rua *rápidamente* e junto dos cruzamentos ou entroncamentos.

Nas passagens de peões devidamente demarcadas (por traços de 4 a 6 metros de comprimento e 0,50 metros de largura), mas não comandadas por sinais luminosos nem sinaleiros, deve ser dada pelos automobilistas *prioridade de passagem aos peões*. Os automobilistas deverão reduzir a velocidade quando se aproximem de faixas de passagem demarcadas por traços com 0,20 metros de largura.

A este respeito falou o vereador Santos Labisa, não para desaprovar a proposta, mas para «pôr em dúvida que estejam criadas as condições para possibilitar uma aplicação das novas disposições de trânsito sem um claro sacrifício de um grupo de intervenientes no problema que são os peões». É um problema de facto importante, e a solução agora escolhida poderá vir a ser reajustada, como admitiu o presidente do Município.

Entre outros assuntos mídos, veio á baila o parquesmento livre de táxis. Uma proposta concreta, aprovada em breves instantes, proíbe-o entre as 8 e as 24 horas, *fora das praças*, numa zona delimitada pela Avenida D. Carlos I, Rua de S. Bento, Largo do Rato, Ruas Alexandre Herculano e Braamcamp, Rotunda, Avenida Duque de Loulé, Rua Luciano Cordeiro, Alameda de Santo António dos Capuchos, Campo dos Mártires da Pátria, Rua de S. Lázaro, Largo Martim Moniz, Rua do Arco do Marquês do Alegrete, Poço do Borratém, Ruas da Madalena e da Alfândega, Terreiro do Paço, Ribeira das Naus, Cais do Sodré e Avenida 24 de Julho.

A terminar, o general França Borges informou que está marcada para o último dia do mês uma reunião extraordinária. Na agenda: conhecimeno e aprovação da conta de 1968, relatório do mesmo exercício e orçamento suplementar.

O motorista do Porto que agrediu um viajante teria usado uma pistola de alarme

PORTO, 17 — A P. S. P. continua a procurar o motorista de táxi, José Freitas Guimarães, de 30 anos, casado, Rua da Areosa, que, de madrugada, após uma discussão por causa de um problema de trânsito, alvejou com três tiros de pistola, junto á Praça de D. João I, o viajante sr. Fernando Ribeiro da Costa, de 38, casado, Rua do Amparo, 88-A, 3.º que seguia em sentido contrário, ao volante do seu automóvel e teve de ir ao Hospital de Santo António receber tratamento, pois ficou ferido na cabeça junto de uma orelha.

Pessoas que assistiram á lamentável ocorrência embora um tanto ou quanto longe, e que acorreram logo após o acto do motorista, o qual primeiramente, puxou de uma navalha para agredir o viajante, têm a impressão de que a arma de fogo que ele sacara, depois, era uma pistola de alarme... De facto, dizem que o motorista disparou os três tiros com a arma mesmo encostada á cabeça do agredido, e que o ferimento teria sido provocado por haver o agressor batido junto á orelha A Polícia, entretanto, investiga.

Série de cinco lições pelo prof. Fritz Mattick na Faculdade de Ciências

No anfiteatro de Botânica da Faculdade de Ciências de Lisboa, começou esta manhã o anunciado curso de cinco lições sobre «Formas de crescimento das plantas como fundamento das unidades de vegetação», regido pelo prof. dr Fritz Mattick, da Universidade Livre de Berlim.

Estas lições são dadas ás quintas (das 10 ás 11 horas) e ás sextas-feiras (das 17 ás 18 horas)

O prof dr Fritz Mattick deslocou-se a Portugal a convite do Instituto Botânico da Faculdade de Ciências de Lisboa e com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian

A assistência ao curso (que é em português) é livre.

NOVA ESCOLA DE FORMAÇÃO DE ASPIRANTES A BOMBEIROS

A Associação dos Bombeiros Voluntários de Lisboa vai abrir, no próximo mês, uma nova Escola de Formação de Aspirantes a Bombeiro.

A inscrição pode fazer-se a qualquer hora do dia, no quartel actual, ao Largo do Barão de Quintela ou na Rua das Flores, 101, na secretaria da sede.

O ministro de Estado na Câmara Municipal

O ministro de Estado visitou ao fim da manhã os Paços do Concelho, onde teve uma reunião de trabalho com o general França Borges.

Homenagem póstuma a um dirigente do Sindicato dos Construtores Civis

Na sede do Sindicato Nacional dos Construtores Civis, foi prestada ontem homenagem póstuma a Adriano Guedes que exerceu funções directivas naquele organismo desde 1940 a Maio do ano passado, data em que faleceu, sendo na altura, presidente da assembleia geral.

Durante a cerimónia, a que assistiram muitos sócios do Sindicato, falaram os srs. Mário Afonso Neves e José do Espírito Santo Silva, respectivamente presidentes do conselho fiscal e da direcção, que se referiram á obra do homenageado.

No final a sr.ª D. Maria da Graça Guedes descerrou uma lápide que dá o nome de seu marido a uma das salas da sede daquele organismo.

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL

(1.ª DIVISÃO)

União de Tomar-Benfica

Domingo, 27 de Abril

A C. P. organiza, em colaboração com o Sport Lisboa e Benfica, um comboio especial de Lisboa a Tomar, e volta, no dia 27 de Abril, por ocasião do desafio de futebol «União de Tomar-Benfica», ao preço de 50$00.

HORÁRIO

Partida de Lisboa (Santa Apolónia)	8-42 h.
Chegada a Tomar ...	10-58 h.
Partida de Tomar	19-29 h.
Chegada a Lisboa (Santa Apolónia)	21-40 h.

Bilhetes à venda na Secretaria do Sport Lisboa e Benfica e nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia).

ENGENHEIRO OU AGENTE TÉCNICO
(civil)
[illegible] com pré-esforço. Admite-se Fábrica [illegible] — Tomar

BANCO DO ALENTEJO
1875
SEDE EM ÉVORA
DIVIDENDO DO EXERCÍCIO DE 1968
A PARTIR DO PRÓXIMO DIA 28 DE ABRIL ESTARÁ A PAGAMENTO NA SEDE, FILIAL DE LISBOA E AGÊNCIAS O DIVIDENDO DE 8% REFERENTE AO EXERCÍCIO DO ANO DE 1968.
ÉVORA, 15 DE ABRIL DE 1969.

ECOS

TRAVA-SE nos Estados Unidos uma tensa batalha pelo poder económico. O ano de 1968 registou a maior vaga de concentração do após-guerra. Dezenas sociedades americanas — segundo informam os próprios jornais económicos estado-unidenses — controlam já cerca de 60 por cento da produção industrial. Um porta-voz de Washington foi ao ponto de dizer: «Se não se puser cobro a isto, em breve haverá apenas uns 60 centros de decisões na economia americana. Paradoxalmente, os conglomerados nasceram da legislação anti-trusts. Eis que presentemente Richard Nixon brande os raios da lei anti-trusts contra os conglomerados temerários campeões da concentração industrial e perigosos técnicos da oferta pública de compra. O presidente dos Estados Unidos procura salvar o papel de árbitro dos grandes negócios que tradicionalmente cabe à Casa Branca. Porém, um novo conceito entra assim em jogo: o da superconcentrações. Talvez seja conveniente explicar que as fusões conglomeradas, do tipo de absorção dos filmes Paramount e de uma mina de zinco pela Gulf and Western, diferem das fusões horizontais (entre empresas do mesmo sector) e verticais (entre fornecedores e clientes). Nixon não podia, de facto, ignorar o perigo que eventualmente resultaria da quebra de um grande grupo, susceptível de arrastar na sua queda toda a economia americana. Nos Estados Unidos a contas com a inflação e onde o aluguer do dinheiro não pára de crescer. Nixon tem de enfrentar, pelo menos desde já, o grave problema da especulação.

*

A participação é a palavra do dia, de momento. É provável que o próprio general de Gaulle, após a revolução de Maio, haja sentido a sua importância histórica. Teria mesmo, porventura, reencontrado as suas amplas interrogações filosóficas de há vinte anos sobre o lugar do homem nos mecanismos da produção, em suma, aquilo que Servan-Schreiber capitula de «resposta francesa à nossa época».

NUNCA COMO HOJE SE ESPEROU TANTO DOS MESTRES E DOS ESTUDANTES

— DISSE O MINISTRO DA EDUCAÇÃO NO ACTO INAUGURAL DO EDIFÍCIO DE MATEMÁTICA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA A QUE PRESIDIU O CHEFE DO ESTADO

COIMBRA, 17 — Com a presença do sr. Presidente da República, foi hoje solenemente inaugurado o edifício da Cidade Universitária destinado à direcção da Faculdade de Ciências e à secção de Matemática. Por esse motivo, a Praça de D. Dinis, onde se ergue o novo edifício, como a antiga Rua Larga, encontravam-se, esta manhã, enga lanadas com mastros e bandeiras, oferecendo um ar festivo a toda a zona da Cidade Universitária.

Um pouco antes das 11 horas, foram chegando à Universidade os ministros da Educação Nacional, da Justiça e das Obras Públicas e subsecretário desta pasta, respectivamente, srs. dr. José Hermano Saraiva, prof. dr. Mário Júlio de Almeida e Costa, eng.º Rui da Silva Sanches e dr. Silva Pinto, que foram recebidos pelo magnífico reitor, sr. prof. dr. António Jorge Andrade de Gouveia, acompanhado do vice-reitor, professores da secção de Matemática, membros do Senado Universitário e secretário. Quando o ministro da Educação Nacional deu entrada no pátio, os sinos repicaram, e foi içado o pavilhão presidencial no mastro da torre.

As 11 horas, o sr. almirante Américo Thomaz, acompanhado do chefe da sua Casa Militar, general Humberto Pais, e do ajudante de campo, comandante Benvindo da Fonseca, chegou à Praça de D. Dinis, num automóvel precedido por batedores da P. V. T. Na antiga Rua Larga encontrava-se a guarda de honra, constituída por uma companhia a três pelotões, composta por elementos do R. A. L.-2 e C. I. C. A.-4, com bandeira, fanfarra e banda de música do R. I.-15, de Tomar, sob o comando do sr. major Rosa Carvalhal.

O sr. Presidente da República, depois de saudar a bandeira nacional, passou revista à guarda de honra e subiu a um estrado, onde assistiu ao desfile em continência pela guarda de honra.

Após esta cerimónia, o Chefe do Estado dirigiu-se para o Paço das Escolas, onde era aguardado pelas entidades acima referidas. À sua entrada no Pátio, os sinos repicaram, e foi içado o pavilhão presidencial no mastro da torre.

O sr. almirante Américo Thomaz subiu para as salas da reitoria, onde recebeu os cumprimentos.

Entretanto, foram chegando ao novo edifício da secção de Matemática muitas personalidades, entre as quais os srs. dr. Armando Rocha, director-geral da Educação Física e Desportos, eng.º Horácio de Moura, governador civil de Coimbra; eng.º Araújo Vieira, presidente da Câmara Municipal de Coimbra; general Viotti da Carvalho, comandante da II Região Militar; eng.º Abreu Faro, presidente do Instituto de Alta Cultura; prof. dr. Herculano de Carvalho, reitor da Universidade Técnica de Lisboa; padre dr. José Baeciar, vice-reitor da Universidade Católica; prof. dr. Karth Jakobsen, vice-reitor da Universidade Clássica de Lisboa, e eng.º Raul Mesquita de Lima, presidente do Conselho Superior das Obras Públicas.

(Continua na 23.ª página)

Artur Portela tem agora o seu nome numa praça de Lisboa

Acentuámos que seria um acto de justiça a Câmara Municipal homenagear, em nome da cidade, a memória de Artur Portela, apaixonado e vibrante cronista de Lisboa, ao celebrar-se, com festas e expressivas cerimónias evocadoras, o 10.º aniversário da sua morte.

Grande jornalista, cronista fulgurante e emotivo, escritor com um punhado de livros que dão a medida de tão admirável talento e da sensibilidade de um artista requintado, ele, repórter extraordinário, que entregou a sua existência à fascinante, absorvente, tritu adora aventura do jornalismo, foi um dos enamorados de Lisboa e as suas reportagens em rajadas de emoção descreveram dramas e dores anónimas e heróicas ou em rutilantes exultações em comovidos acenos de simpatia humana glorificando a cidade dos humildes, dos pobres e das figuras eternas da epopeia do trabalho.

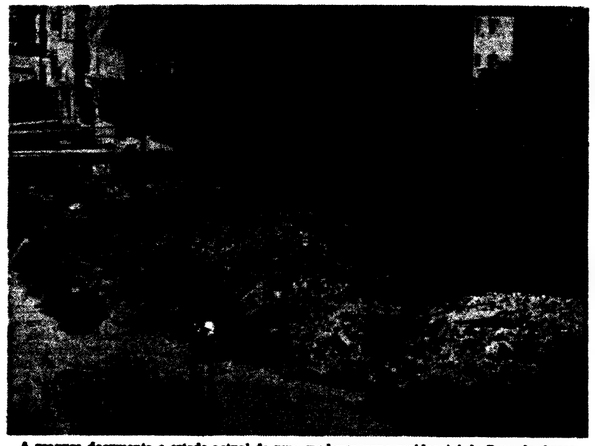
Evocámos, então, o saudoso companheiro, figura proeminente da pléiade dos que com garra e talento estuantes e ousada juventude, acompanhando Joaquim Manso, o inolvidável fundador do «Diário de Lisboa», deram o prestígio e a projecção a este jornal erguendo-o à posição que ocupa na imprensa portuguesa. E recordando o extraordinário *biógrafo* da urbe e assinalando as ingratidões desta para com tantos dos que a glorificam sugerimos a homenagem a Artur Portela, perpetuando-lhe a cidade o nome na sua toponímia. O nosso alvitre teve, desde logo, o apoio de figuras de relevo no panorama intelectual, as quais firmaram uma petição à Câmara Municipal. Desde logo, também, o ilustre presidente da edilidade, sr. general França Borges — grande defensor dos valores intelectuais e artísticos da cidade que muitos serviços lhe deve — se interessou pela sugestão; e assim, de acordo com a competência que lhe é atribuída pelo Código Administrativo e graças à sua valiosa influência, o burgo pagou a dívida de gratidão para com um dos seus maiores cronistas.

A Praceta da Quinta do Brito, a Estrada do Poço do Chão, será, pois denominada *Praça Artur Portela* — escritor e jornalista (1901-1959).

É uma praça moderna e aprazível, que se situa perto da rua à qual a cidade agradecida deu o nome do Dr. Joaquim Manso, fundador e primeiro director do «Diário de Lisboa».

O sr. general França Borges, a quem testemunhamos o nosso agradecimento, teve ainda a cativante gentileza de acompanhar o pintor Severo Portela, irmão de Artur Portela, numa visita àquele local onde o nome do grande jornalista evoca, também, um dos que melhor *sentiram* e souberam definir a alma de Lisboa.

Será isto uma zona urbanizada?



A gravura documenta o estado actual de uma moderna zona residencial do Paço de Arcos. Lamentável estado, como se pode ver: montes de entulho, cardos e urtigas, em vez de pavimentos e passeios. Esta «zona urbanizada» ladeia um trapo de acompanhamento designada Avenida Senhor Jesus dos Navegantes. As casas novas estão lá, mas implantadas no meio de lixo, silvas, pedras e detritos de toda a ordem. Quando é que a Câmara de Oeiras se dispor a completar (ou começar?) a urbanização desta zona residencial, onde há uma avenida por nenhar e um templo a inaugurar em breve?

CINEMA-1968

DECRESCEU A PRODUÇÃO DE FILMES DE FUNDO

A produção nacional de filmes de fundo nos últimos dois anos (quatro em 1968 e sete em 1967) leva o boletim da União de Grémios dos Espectáculos a escrever que aquela produção baixou consideràvelmente durante o ano passado. O mesmo se verificou também na produção de filmes publicitários (167 em 1967 contra 150 em 1968) e só a produção de filmes de complemento registou aumento (186 em 1967 e 202 em 1968).

Os filmes de fundo produzidos durante o ano passado foram «O Amor Desceu em Pára-Quedas» (realisado por Constantino Esteves, com interpretações de Calvário e Paula Ribas), «Estrada da Vida» (realisado por Henrique de Campos e interpretado por Paulo Renato, Laura Soveral nos principais papéis), «O Romance do Luschimos» (realisado por Baptista Rosa e produzido pela Diamang) e «A Caçada do Malhadeiro» (realizado por Quirino Simões e interpretado por Fernando Guerreiro, Rui Mendes, Baptista Fernandes, Carmen Mendes e outros).

Dos 202 filmes de complemento produzidos, que se devem a 21 produtoras e várias entidades oficiais, 35 são oriundos de Angola e Moçambique e a sua metragem total é de 60 310.

Torre de Babel

por João Medina

AS ILHAS ENCANTADAS

Recordemos primeiro os factos. Em Março passado, o navegador francês Moitessier, à frente numa volta ao Mundo em veleiro organizada pelo «Sunday Times», abandona a prova e, desistindo de atingir Plymouth, tomou a direcção oposta, seguindo para o Pacífico a bordo do «Joshua». Próximo do Cabo — o Cabo da Boa Esperança —, o navegador solitário lançou sobre a coberta de uma vedeta que o cruzara uma curta carta redigida em inglês, anunciando que, em vez de se dirigir para a Europa pelo cabo Horn, preferia prosseguir a rota em direcção às Ilhas do Pacífico, via Leeuwin, na Austrália. Deste modo o provável vencedor de uma regata de circum-navegação renunciava ao troféu que o esperava na Grã-Bretanha e preferia tomar um rumo bastante diverso daquele que a competição previa. A mulher de Moitessier, depois de passada a surpresa inicial, afirmou compreender perfeitamente a decisão do marido. Também ela percorrera uma vez 14 000 milhas de Tahiti a Alicante pelo cabo Horn, a bordo do mesmo «Joshua».

Eis, portanto, os factos, na sua nudez quase telegráfica, tal como as agências noticiosas os registaram e os jornais os difundiram, com maior ou menor relevo, consoante a urgência e os interesses que presidem à selecção dos «faits divers» do planeta. Depois, como o nosso mundo é um espectáculo e como, no dizer de Béart, «il nous faut des miracles», logo as rotativas trituraram e inundaram o quotidiano de outros prodígios, outras proezas, outras paranoias. E Moitessier, solitário a bordo do «Joshua», prosseguiu em direcção às ilhas a sua rota já esquecida pelas multidões que devoram os vespertinos. De modo que, neste mesmo momento em que escrevo estas linhas, o «fait divers» daquela súbita decisão de mudança de rumo apodrece nos caixotes de lixo da actualidade, ao lado de um avião roubado em voo, um crime passional na província, um tremor de terra na Turquia, uma batalha algures no Oriente, um golpe de Estado que já nos parece tão antiquado como o voo de Lindbergh em Maio de 1927. Voltando a citar a canção de Guy Béart:

Tournez, tournez rotatives.
Pour les âmes sensitives.
Le monde est un spectacle.
Il nous faut des miracles.

Mas os milagres hodiernos duram o tempo das rosas, fenecem dum dia para o outro. Milagres didrios que servem apenas para distrair as «almas sensíveis» de que fala Béart, os «faits divers» têm uma vida fulgurante mas breve, morrem jovens como os deuses antigos, atravessam o céu do nosso quotidiano como meteoritos, ardem um momento, deixam nos jornais um rasto breve e logo se apagam. Vista de Sírius, toda a História universal é aliás «fait divers» também: as civilizações, os povos e as grandes épocas culturais duram um instante, erguem-se e fanam-se como flores duma só noite, deixam à superfície da Terra uma cicatriz tão ténue como a esteira aberta pelo veleiro «Joshua», o qual, desistindo de atingir Plymouth e sagrar-se vencedor da volta ao mundo, apontou a proa em direcção às Ilhas do Pacífico. Vista de Canopus, a epopeia dum certo aventureiro corso que fez tremer a Europa durante uma década, derrubou tronos e convulsionou por algum tempo a carta política do Globo parece, afinal, tão fútil ou tão passageira como a mudança de rota do navegador Moitessier. Mas como vivemos no mundo sublunar e não numa estrela distante, tentemos erguer a aventura do «Joshua» à dignidade duma mini-epopeia, duma espécie de «Odisseia» de camarote.

Algures entre o Cabo da Boa Esperança e as ilhas Samoa, o tripulante solitário do «Joshua» talvez tenha redescoberto o axioma antigo: beata solitudo, sola beatitudo. Não já, claro, no sentido egoísta, mesquinho e fraudulento do adágio, mas numa perspectiva nova, rica. Com efeito, ao dirigir-se para a Polinésia, Moitessier não sucumbiu apenas à tentação das Ilhas Encantadas, ao mito dum paraíso perdido onde os homens ainda são felizes e a natureza não foi poluída e ofendida pela vulgaridade do mundo industrial (detritos, publicidade, embalagens perdidas, destruição dos «stocks» excedentários, expansão demográfica, paisagens fabris, florestas invadidas por rebanhos de forçados dominicais com uma televisão portátil às costas, etc.). A sereia que o fez mudar de rota chama-se Solidão. Sim, a boa solidão, a feliz solidão, a «sola beatitudo» do adágio antigo. Mas não confundamos esta solidão dos grandes espaços oxigenados e perfumados dos mares do Sul com o mitozinho perverso cantado pelos poetas decadentes do século XIX, pelos egotistas modernos ou pelos «desprezadores da turba».

A solidão a bordo dum veleiro rumo às ilhas do Pacífico é apenas homónima daquela que, no fundo, roi e entrepece o nosso mundo mecânico, urbano, técnico, produtivista: a primeira é pureza, harmonia, frescura da madrugada, reencontro com a Natureza, inocência e plenitude; a segunda, a solidão da civilização industrial, não passa de azedume, desamparo no meio da multidão, no emprego, no metropolitano, em casa, na cidade. Solidões gregárias: eis as nossas cidades. Olhemos as estatísticas do suicídio em França: de dez em dez minutos, um habitante deste país tenta suprimir-se. Não, amigo, não é na solidão imensa e plena do mar que o homem está só e abandonado aos demónios da violência e do ódio, mas nas ruas das nossas grandes urbes industrializadas, civilizadas, estrondosas, perfeitas. Amargas. Quem está só não é Moitessier no seu veleiro, somos nós nos nossos autocarros e nossos comboios suburbanos.

PARTOS FELIZES NO «ZOO»

— UM CAMELO, TRÊS PUMAS E UM LEOPARDO

O Jardim Zoológico tem novos bebés: um camelinho (que mais parece um carneiro), três pumas («Olha gatinhos!» — dizia um garotito) e um leopardo já com sementes de ferocidade.

A camela mãe, muito pacífica ao sol da manhã, não estranhou o clique do repórter fotográfico.

Levantou-se, veio até à rede e disse-nos:

— *Chamo-me Zaida. Já conheço quase todos os lisboetas. São pessoas muito* [illegible] *com o parto.*

[illegible] *determinado. Correu tudo bem, muito obrigada.*

Zaida chamou o filho para as apresentações:

— *Aqui tem o rebento* — disse. — *Ainda não tem nome. Tem de ser um nome árabe, não? Talvez Omar... ...*

Os pumas recém-nascidos portaram-se muito mal [illegible] a objectiva.

— *As mentalidades renovam-se, mantêm-se mitozinhos, arreganhavam os dentinhos.*

— *Quistos...*

Nascidos há quinze dias, os pumazinhos ainda não se [illegible] com os «visitantes curiosos» a que o camelo [illegible] sinha-cinzinha, [illegible] chocolate, [illegible] do sol serena mãe puma.

O leopardo agarrou-se pela cauda

Quando o tratador apareceu com o leopardo há pouco tempo nascido seguro pela cauda, a fim de ser devidamente fotografado, ouviu-se o espanto de três garotos que visitavam o Jardim:

— *Ena, pá!*

O animal [illegible] se, parecia querer [illegible] -se aos sorrisos dos presentes.

Impávido, o tratador erguia-o pela cauda, a modos de brinde à Natureza pródiga de beleza. E, na verdade, era um momento grande: nunca a vida se mostrara tão imponente, impaciente, por se sentir agarrada pela cauda...

Visita às instalações do Banco Totta-Aliança

Os alunos da Escola Industrial e Comercial do Montijo, acompanhados por alguns dos seus professores, visitaram as instalações da sede do Banco Totta-Aliança.

Após uma pequena palestra sobre o Banco, aqueles estudantes [illegible] demoradamente [illegible] as várias [illegible] e [illegible] que [illegible] o [illegible] [illegible] [illegible]

Actualidade internacional

JORNAL COMUNISTA DE HONG-KONG CRITICA A U. R. S. S.

HONG-KONG, 17 — (R.) — O porta-aviões americano «Kitty Hawk» e o contratorpedeiro «Black» partiram antes do alvorecer de hoje para destino desconhecido.

Um informador do consulado dos E. U. A. disse que outro contratorpedeiro, o «Frank Knox», partirá também de Hong-Kong ainda hoje para se juntar aos outros dois navios.

A apressada partida dos barcos que não deviam abandonar este porto senão em 22 de Abril, segue-se ao derrubamento na terça-feira pela Coreia do Norte de um avião de reconhecimento norte-americano, transportando 31 pessoas.

Encontram-se presentemente no porto de Hong-Kong quatro outros navios de guerra americanos, além do «Frank Knox».

Entretanto, o jornal comunista em língua chinesa «Ata Kung Pao» condena hoje a União Soviética por auxiliar os Estados Unidos nas buscas para encontrar os destroços do avião desaparecido.

A U. R. S. S. trai a Coreia do Norte e os seus próprios irmãos com tal acto — afirma o jornal.

O CASO DO AVIÃO-ESPIÃO

NIXON PROCURA EVITAR NOVO CONFRONTO

WASHINGTON, 17 — (R.) — O presidente Nixon parecia hoje inclinado a evitar uma nova confrontação por causa do derrubamento, pela Coreia do Norte, de um avião de reconhecimento norte-americano, transportando 31 tripulantes, agora todos considerados virtualmente como mortos.

No meio de crescente indignação do público dos E. U. A. por causa do incidente, que se regista quase um ano depois do apresamento pela Coreia do Norte do navio de informações norte-americano «Pueblo», altos funcionários do Governo de Nixon continuavam a recusar-se a fazer comentários.

Anunciou-se que o próprio Nixon estava a usar de extrema cautela ao tratar do caso e que se mostrava, também, ansioso em evitar uma nova confrontação com os comunistas.

Observadores julgavam que a moderação indicava como cada vez mais remota a possibilidade do presidente ordenar retaliação militar contra a Coreia do Norte, a qual afirmou que abatera o avião na terça-feira, após o aparelho violar o seu espaço aéreo.

O Pentágono comunicou que todas as provas disponíveis revelavam que o «EC-121» — um avião accionado a hélice, cheio de equipamento electrónico, que se desloca lentamente — fora abatido numa área do Mar do Japão, muito afastada de território comunista.

Entretanto, não se esperava que o presidente Nixon quebrasse o seu silêncio sobre o caso antes de amanhã, quando deve realizar uma conferência de Imprensa, organizada antes da notícia do desaparecimento do avião ser recebida em Washington há dois dias.

Observadores notaram que a reacção cautelosa de Nixon estava em acentuado contraste com as críticas que fez durante a campanha eleitoral contra a forma como o ex-presidente Johnson tratou o incidente com o «Pueblo».

Observadores viram ainda na cooperação americano-soviética nas buscas como outro indício de que o presidente Nixon desejava evitar qualquer confronto.

A reacção entre congressistas era, porém, menos moderada. Alguns pediam uma resposta militar ou pelo menos uma quarentena económica contra a Coreia do Norte.

RECOLHIDOS DOIS CORPOS

TÓQUIO, 17 — (R.) O Ministério dos Negócios Estrangeiros do Japão anunciou que o contratorpedeiro norte-americano «Henry W. Tucker» recolheu hoje no mar do Japão os corpos de dois homens com fardas de aviadores norte-americanos, mas sem coletes de salvação.

O «Tucker» é um dos dois navios de guerra dos E. U. A. que procuram os sobreviventes do avião de reconhecimento americano que se julga ter caído ao largo da Coreia do Norte.

O «New York Times» aprova a serenidade do presidente

NOVA YORK, 17. — (F. P.) — O «New York Times» aprova hoje em editorial a calma evidenciada pelo presidente Nixon no caso do avião espião abatido pelos norte-coreanos. O jornal compara esta atitude com a que prevaleceu nos Estados Unidos após o incidente do golfo do Tonkin ou na questão do «Pueblo» e acrescenta: «Esta nova maturidade que os americanos parecem mostrar em matéria de política estrangeira, sugere que os erros do passado serviram de lição. Uma grande potência, mesmo dotada de grande número de armas nucleares, deve usar sempre de infinitas precauções num mundo em que qualquer acção militar terá consequências de uma complexidade sem limites.

«Isto aplica-se particularmente às missões executadas pela misteriosa esquadra americana de navios e de aviões de reconhecimento» E já tempo que se explique a razão por que tais expedições, repletas de estratagemas, são consideradas necessárias, a ponto de no espaço de quinze meses os Estados Unidos terem gravemente comprometido por duas vezes o seu orgulho nacional. Quaisquer que sejam as informações recolhidas por expedições como a do «Pueblo» ou do «EC 121», não sofrem comparação com o prejuízo causado por estes dois casos ao prestígio dos Estados Unidos no mundo».

DECLARAÇÕES DO MINISTRO DA DEFESA NORTE-COREANO

(Continuação da 1.ª página)

A Agência Noticiosa Central norte-coreana (ANCN), escutada nesta capital, citou o general Choi como tendo feito essa declaração numa ordem a oficiais e soldados da 896.ª unidade do Exército do Povo Coreano, que abateu um avião de reconhecimento dos E. U. A., com trinta e um homens a bordo.

A A.N.C.N. disse ainda que o general agradecera á unidade por «abater com um só tiro» o avião que, afirmou, penetrara ilegalmente no espaço aéreo da Coreia do Norte.

Contudo, o ministro não revelou se o avião fora abatido por míssil terra ar ou por um caça.

A A.N.C.N. citou ainda o general como dizendo: «O acto provocador de pirataria cometido desta vez pelos agressores imperialistas americanos é parte dos seus preparativos bélicos para começarem uma nova guerra na Coreia.

«Hoje, os imperialistas americanos estão a tornar-se mais frenéticos nos seus actos de provocação para outra guerra de agressão contra o povo coreano, numa tentativa para manter o seu Governo colonial na Coreia do Sul, que está a estremecer nos seus próprios alicerces.

«A situação continua a ser tensa e revela que poderá estalar uma nova guerra a qualquer momento devido às manobras agressivas dos imperialistas americanos.»

O ministro da Defesa ordenou que a unidade esteja «firmemente preparada para esmagar o inimigo de um só golpe» — acrescentou a agência noticiosa.

O comunicado feito hoje pelo Ministério da Defesa foi o primeiro sobre o incidente a ser transmitido pelos meios noticiosos da Coreia do Norte, depois da notícia inicial dada na terça-feira, afirmando que o avião americano tinha sido abatido.

Não há notícia de terem sido recolhidos sobreviventes.

à venda nas livrarias
2.º volume
da ENCICLOPÉDIA DA EMPRESA MODERNA
Organização Contabilística e Financeira
EDITORIAL INOVA □ PORTO

O TERMO DE UM PRIVILÉGIO — «Os cardeais constituem o senado do pontífice romano, são os seus conselheiros principais e os seus cooperadores no governo da Igreja» — diz o cânone 230 do Código de Direito Canónico. Esta disposição legal permite compreender em que termos e porquê os Governos das principais nações católicas procuraram, e conseguiram, intervir na nomeação dos príncipes da Igreja. Pálido reflexo presente dessas intervenções do passado, o privilégio, concedido aos chefes de Estado de Portugal, Espanha, França e Itália, de imporem a «barretta» aos novos cardeais criados nos seus países, extinguiu-se agora a pedido do Vaticano, mesmo aos pró-conciliares. Na gravura, O almirante Américo Thomaz impõe o barrete cardinalício (o último que um Chefe de Estado português impôs) a monsenhor Maximiliano de Furstenberg, que foi núncio apostólico em Lisboa

EMBAIXADA DA AUSTRÁLIA EM LISBOA

CANBERRA, 17. — (A. N. I.) — O Governo australiano decidiu estabelecer uma embaixada em Lisboa, nomeando como primeiro embaixador em Portugal o seu embaixador em França, A. P. Renouf, que ficará cumulativamente acreditado nos dois países.

Portugal mantém uma embaixada em Canberra desde 1963.

Renouf continuará a residir em Paris, visitando Lisboa periódicamente. Durante a sua ausência, a embaixada será chefiada por um encarregado de Negócios.

O Papa convidado a visitar o Egipto

CAIRO, 17 — (R.) — O patriarca copta ortodoxo Kyrollos Sexto convidou o Papa Paulo VI a visitar o Egipto, segundo revela hoje o autorizado jornal «Al Ahram».

O jornal acrescenta que o patriarca pediu ao Santo Padre que visite o Cairo na sua viagem de ida ou na de regresso do Uganda em Junho próximo.

DOIS PAPAS VISITARAM JÁ A SUIÇA

FRIBURG, 17 — (F. P.) — Nota-se nos meios católicos de Friburg que antes de Paulo VI já vieram á Suiça dois Papas, mas as suas viagens situam-se antes da Reforma. Trata-se de Gregório X, que ao regressar do concílio de Lyon foi consagrado na catedral de Lausana em 1275, e de Martinho V que visitou ou atravessou a Suiça por ocasião do concílio de Constança em 1418.

Também estiveram na Suiça dois antipapas: João XXIII, depois de ter sido deposto pelo concílio de Constança, e Félix V, duque Amadeu de Sabóia, que deixou a tiara na catedral de Lausana, em 1449 antes de se conciliar com o papa legítimo.

O Papa Paulo VI vai muitas vezes á Suiça encontrar língua. Além disso [illegible] pela quando ia para Nova York, em 4 de Outubro de 1965.

ESTUDO SOBRE VIOLÊNCIA NA TELEVISÃO

WASHINGTON, 17 — (R.) — O Governo norte-americano vai iniciar um estudo sobre a violência nos programas de Televisão e os seus efeitos sobre telespectadores, especialmente crianças, segundo foi anunciado a noite passada.

O secretário do Departamento da Saúde, Educação e Bem-Estar, Robert Finch, declarou que o estudo será dirigido pelo cirurgião-general dos Estados Unidos, dr. William H Stewart, que terá a colaboração de 15 técnicos, incluindo psicologistas, psiquiatras, sociólogos e especialistas no desenvolvimento infantil.

Finch afirmou que, se a comissão de estudo verificasse que havia uma ligação entre a violência na Televisão e o comportamento emocional, esperava que as restrições quanto a programação seriam feitas pela indústria de radiodifusão numa base voluntária.

EMITEM RAIOS «X» OS RECEPTORES DE TV A CORES

WASHINGTON, 17 — (A. N. I.) — O Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos aconselha os possuidores de aparelhos de televisão a cores a não se sentarem a menos de um metro e oitenta a três metros de distância do aparelho, para minimizar os efeitos potenciais da radiação.

Um estudo efectuado por aquele Serviço na comarca de Suffolk, Estado de Nova York, mostrou que cerca de 30 por cento dos 3000 aparelhos de televisão a cores submetidos ao teste emitiam raios «X» acima do nível considerado de segurança.

SINTRA ESPERA-O [illegible]

ALTO DO DAFUNDO
Bons andares com 3 e 4 assoalhadas, dependência e garagem privativa.
Vendem-se na Rua Joseph Bloch, 24-26 e 28.
[illegible] GALLIZA
4 28 34

A ala esquerda dos socialistas italianos propõe-se colaborar com os comunistas

ROMA, 17. — (F. P.) Golpe de teatro na Câmara dos Deputados italiana: a ala esquerda do Partido Socialista (governamental), pediu que os ministros socialistas abandonem o Governo de Mariano Rumor e propôs-se colaborar com os partidos Comunista e Socialista Proletário (da oposição).

Falando em nome da ala esquerda, o deputado socialista Riccardo Lombardi afirmou que após os incidentes de Battipaglia o governo de coligação deixara de ser o que era, pelo que convinha que os socialistas saíssem dele. Ao mesmo tempo, é necessária uma «mudança radical»: a colaboração dos comunistas e dos socialistas proletários com os socialistas, para «resolver os problemas mais importantes da nossa vida democrática».

Lombardi acusou os cristãos-democratas de terem efectuado uma «viragem á direita», com a nova preocupação de defenderem a ordem pública a pedido dos meios reaccionários, que desejam a guerra civil. Há, na actual campanha de Imprensa a favor da guerra civil algo que recorda a iminência de um golpe de Estado, afirmou ainda o deputado socialista.

Antes, o secretário-geral da Democracia Cristã, Flaminio Piccoli, tinha insistido na tese de que as últimas manifestações sindicais foram provocadas por elementos subversivos e admitiu a possibilidade de haver um plano organizado para atentados contra edifícios públicos. Também em nome da maioria, o representante do Partido Republicano mostrou-se optimista quanto á presente situação económica italiana, reconhecendo, porém, que a prolongar-se a presente crise, as perspectivas de progresso podem ser prejudiciais.

Para a oposição da direita (liberais, monárquicos e neo-fascistas), a fraqueza do Governo, incapaz de debelar um plano organizado de subversão, deve-se ás dissenções internas existentes na coligação do centro-esquerda.

DO PERU AO MÉXICO NUMA JANGADA DE CANAS E JUNCOS

LIMA (Peru), 17 — (R.) — Um norte-americano, um peruano e um italiano, navegavam hoje para o México numa frágil jangada de canas e juncos.

Os três aventureiros, o explorador norte-americano Gene Savoy, de 41 anos, o peruano Segundo Grandez Zumaeta, de 35, e o italiano Tomas Serafini, de 43, partiram anteontem do porto de Salaverry, no norte do Peru, a bordo da sua jangada «Kiviku», para tentarem provar que as civilizações pré-incas do Peru utilizaram este tipo de jangada para fazerem comércio com os aztecas do que hoje é o México.

A jangada, com três metros de comprimento e dois de largura, foi construída por peritos indianos com juncos, canas e cordas do Equador e não contém um único prego. Foi coberta com várias camadas espessas de verniz para proteger as canas da água salgada.

Os três aventureiros declararam aos jornalistas antes de partirem de Salaverry, a 550 quilómetros ao norte desta capital, que esperavam demorar três meses para alcançar a costa mexicana.

A jangada transporta três toneladas de víveres e água em recipientes de barro semelhantes aos utilizados pelos índios.

AGITAÇÃO NA BRETANHA E GREVE DE COMERCIANTES EM TODA A FRANÇA

PARIS, 17 — (A. N. I.) — A França foi afectada ontem por uma greve geral dos pequenos comerciantes e dos trabalhadores por conta própria, que pretendem a reforma do sistema de impostos e da assistência social.

Em Paris, formaram-se longas «bichas» junto aos raros estabelecimentos que venderam cigarros e café. A fim de evitarem faltas de alimentos, os estabelecimentos de víveres estiveram abertos da parte da manhã, mas encerraram á tarde.

Em Quimper, na Bretanha, bombas de plástico destruíram as janelas da repartição de finanças local. Não há notícias de vítimas.

A Polícia teve que usar granadas de gás lacrimogéneo e bastões para obrigar a dispersar um grupo de trezentas pessoas que tentou invadir a repartição de finanças de Morlaix, também na Bretanha.

Os grevistas bloquearam o trânsito em algumas estradas importantes, mas foram sempre obrigados a retirar rápidamente. As únicas regiões onde a greve não foi respeitada foram o departamento de Isére, onde o movimento sindical representativo dos trabalhadores por conta própria aconselhou os seus associados a tomarem medidas mais directas, em Sete, na costa do Mediterrâneo, e na Córsega.

O Governo francês tomou a sua habitual atitude perante as greves de um dia — ignorou-a.

SALÁRIO PARA OS PADRES BRASILEIROS

RIO DE JANEIRO, 17 — (F. P.) — Todos os padres católicos serão, em breve, assalariados, e a Igreja não fará pagar a administração dos sacramentos — afirmou o irmão António Prado, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, numa declaração publicada pelo diário «Última Hora». Este projecto está actualmente em estudo, afirmou o eclesiástico, que acrescentou que já se encontra em vigor em Fortaleza, capital do Estado do Ceará. O arcebispo do Ceará, na verdade, decidiu pagar salários aos seus padres, o que lhe foi possível graças a um auxílio mensal concedido pela arquidiocese de Colónia (Alemanha).

O mau estado das cadeias entre as causas dos motins de presos

ROMA, 17 — (R.) — Os motins, que se têm verificado nas prisões italianas, vieram pôr em foco o mau estado em que se encontram as cadeias do país — muitas vezes instaladas em sombrios e velhos conventos, fortes e castelos — e as trágicas ironias da justiça á moda da Itália.

Os motins e manifestações registados em Turim, Milão e Génova tiveram como finalidade uma lei segundo a qual qualquer suspeito de ter praticado um crime pode ficar preso durante anos antes de ser julgado.

Nas cadeias da Itália existem cerca de 30 000 presos condenados a penas longas e cerca de 60 000 passam por elas todos os anos para cumprirem penas de curta duração.

As autoridades italianas mostram-se convencidas de que os motins não são mais do que o reflexo da atmosfera de agitação geral que se respira no país e que tem sido sublinhada por numerosas manifestações de ruas e atentados bombistas.

Todavia, os problemas penais são já velhos e numerosos na Itália.

A prisão de Turim, por exemplo, tem o nome de «Carceri Nuove» (prisões novas), mas tal designação não corresponde á verdade. A cadeia recebeu esse nome quando foi construída em 1857, para acomodar apenas 600 prisioneiros. Durante os recentes motins encontravam-se ali internados 1070 reclusos.

No entanto, o ponto mais controverso de todo o sistema penal italiano consiste numa lei relativa á detenção preventiva, que data dos tempos do fascismo. Segundo ela, todos os que forem presos por crimes graves continuarão na cadeia até que um tribunal anuncie o seu veredito.

AS DEFESAS DE HANOI — Modernos foguetões de fabricação soviética estão apontados para o céu da capital da República Democrática do Vietnam, prontos a entrar em acção

O VIETCONG BOMBARDEOU A CIDADE DE DA NANG

SAIGÃO, 17 — (R.) — Guerrilheiros do Vietcong dispararam, as primeiras horas de hoje, 15 foguetões contra a cidade de Da Nang, matando seis pessoas e ferindo quarenta — segundo revelou um informador militar sul-vietnamiano.

Por seu turno, uma fonte americana declarou que um dos foguetões caiu na grande base militar dos E.U.A. nesta cidade, ao Norte do país, mas não causara baixas ou estragos. Foi atingido um depósito de carburante, perto da base.

O ataque contra Da Nang, a segunda maior cidade do Vietnam do Sul, ocorreu pouco antes da meia-noite e continuou para além desa hora.

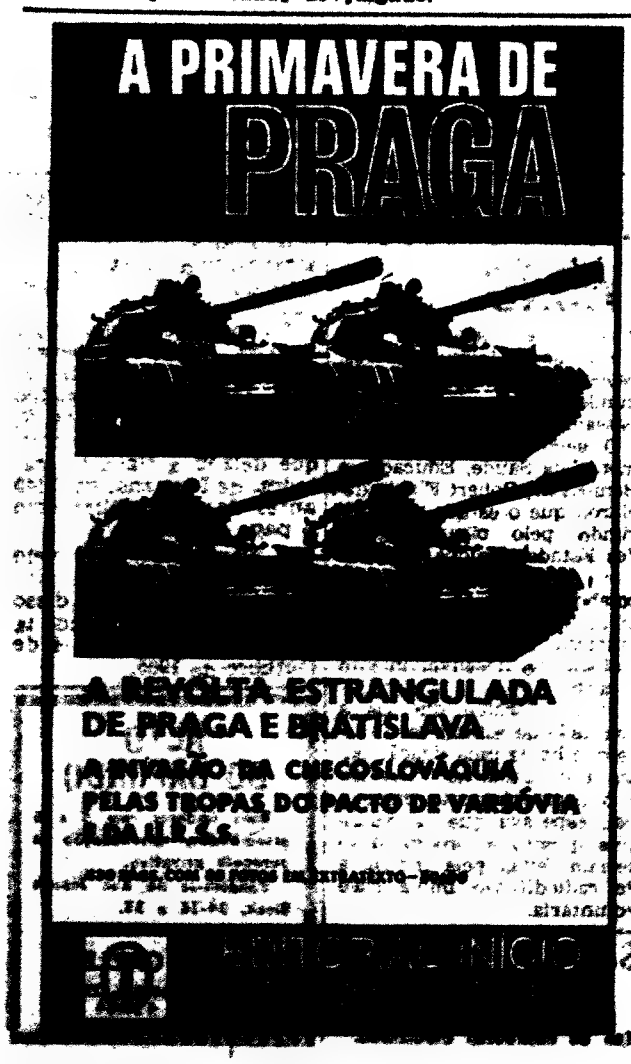
O informador sul-vietnamiano acrescentou que quatro civis e dois soldados governamentais foram mortos em consequência do bombardeamento. Entre os feridos encontravam-se 29 civis.

Registaram-se também cerca de 15 outros ataques com foguetões e morteiros, embora menos violentos, contra várias cidades e instalações militares no Vietnam do Sul, incluindo um acampamento de infantaria americana apenas a nove quilómetros a sudoeste de Saigão. Cinco foguetões caíram no acampamento, mas as baixas foram ligeiras, segundo anunciou um informador norte-americano.

Da Nang tem sido atacada várias vezes pelos guerrilheiros, desde que desencadearam em 23 de Fevereiro a sua ofensiva de bombardeamentos nocturnos.

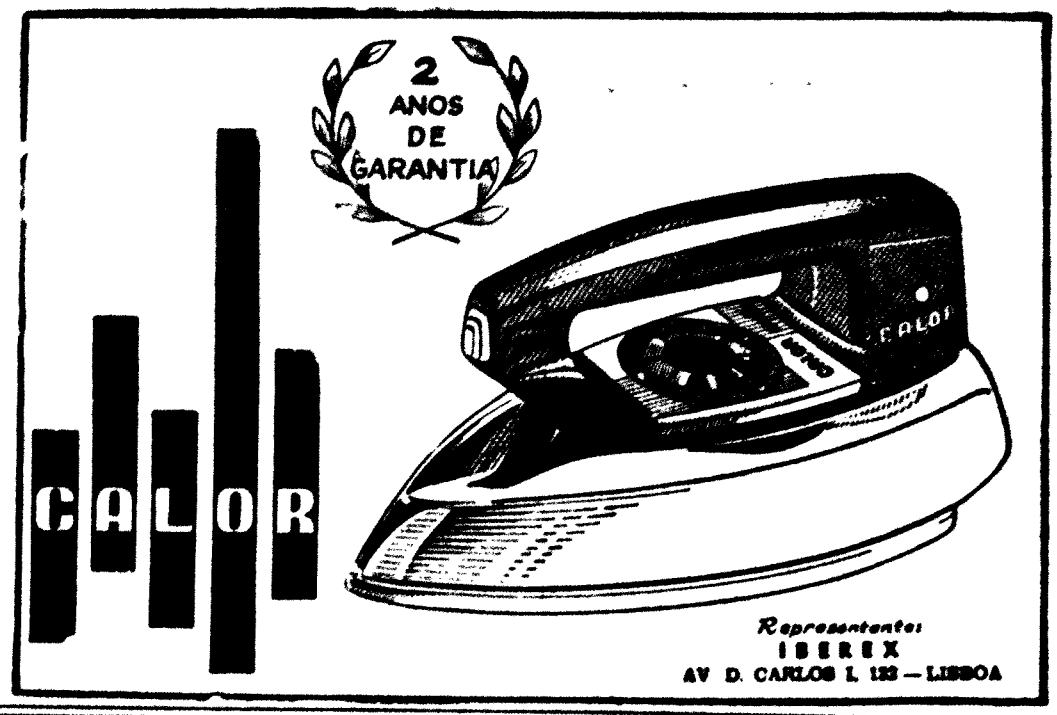
Por outro lado, na província de Tay Ninh, ao Sul soldados de cavalaria aerotransportada americana descobriram ontem um grande arsenal a 59 quilómetros a noroeste de Saigão.

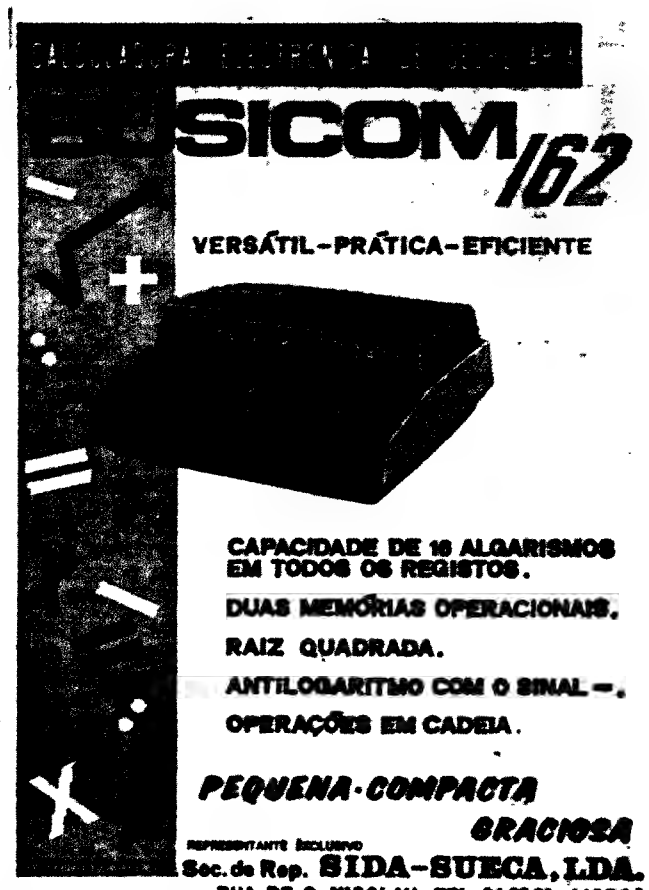
Pesando mais de duas toneladas, o arsenal incluía 250 granadas de morteiro, 530 foguetões de granadas de mão e 41 [illegible] de T.N.T.



Manobras navais envolvendo forças portuguesas

NORFOLK (Virgínia), 17 — (R.) — Manobras navais destinadas a melhorar a preparação das forças anti-submarinas de Portugal, da Espanha e dos Estados Unidos começam no Atlântico Central em 21 de Abril, segundo anunciou [illegible] americana no Atlântico.





EMPRESA TERMOELÉCTRICA PORTUGUESA

S. A. R. L.

Sede: Rua do Bolhão, 72-3.º — PORTO
Delegação: Av. Infante Santo, 15-1.º — LISBOA

CONCESSIONÁRIA DA PRODUÇÃO TÉRMICA DE ENERGIA ELÉCTRICA

— CENTRAL DA TAPADA DO OUTEIRO (GONDOMAR) — Em exploração 1.º e 2.º Grupos
— CENTRAL DO CARREGADO 3.º Grupo — Em exploração — Em construção
— ESTUDOS DA CENTRAL DE RIO MAIOR E DA PRIMEIRA CENTRAL NUCLEAR

CAPITAL AUTORIZADO: 850 000 000$00
CAPITAL REALIZADO: 720 000 000$00

SERVIÇO DE ACÇÕES — PAGAMENTO DO DIVIDENDO DO EXERCÍCIO DE 1968

Informam-se os Senhores Accionistas de que estará a pagamento, a partir do dia 21 do corrente mês, o dividendo de Esc. 80$00 por acção, correspondente ao exercício em referência, atribuído às acções n.os 1 a 600 000.

O valor líquido do dividendo a pagar por acção, depois de deduzidos os impostos legais, é de:

Acções ao portador	568,35,6
Acções ao portador registadas	71,946
Acções nominativas	70,585,5
Acções averbadas a Instituições de Previdência	79,539,5

O pagamento deste dividendo será efectuado pelos seguintes estabelecimentos de crédito:

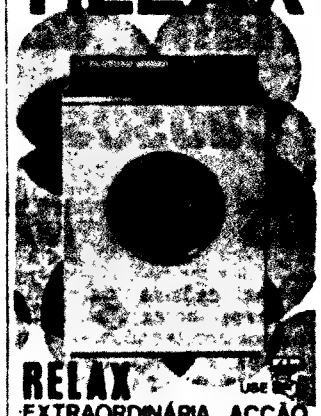
Caixa Geral de Depósitos, C. e Previdência
Banco de Fomento Nacional
Augusto Reis & C.ª
Banco da Agricultura
Banco do Alentejo
Banco Borges & Irmão
Banco Espírito Santo e C. de Lisboa
Banco Fernandes Magalhães
Banco Fonseca & Burnay
Banco Lisboa & Açores
Banco Nacional Ultramarino
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Português do Atlântico
Banco Totta-Aliança
Comp.ª Geral de Crédito Predial Português
Crédit Franco-Portugais

Porto, 17 de Abril de 1969

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

VEJA AS NOVAS MÁQUINAS DE LAVAR AUTOMÁTICAS

RELAX



RELAX
EXTRAORDINÁRIA ACÇÃO DE LAVAGEM E SECAGEM
MODELOS DE 10 A 14 PROGRAMAS, E COM ECONOMIZADOR
a venda nas boas lojas

CAMISAS P/ MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(no Saldanha)

Em MAFRA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no café e carvoaria Sabino Faria, 12-A.

DURANTE OS MESES DE ABRIL E MAIO OS CAMINHOS DE FERRO TÊM O PRAZER DE LHE OFERECER O ALMOÇO DURANTE A VIAGEM

Preços de Lisboa a Madrid para uma viagem de simples ida:

1.ª CLASSE	2.ª CLASSE
437$00	329$50

2 lotes para prédio de rendimento com 3 pisos, situado nas Fontainhas, Cascais.

A Câmara Municipal de Cascais anuncia que no dia 19 do corrente mês, pelas 15 horas, na Sala das Sessões dos Paços do Concelho, serão vendidos em hasta pública os seguintes lotes de terreno para construção:

2 lotes no Bairro da Assunção, em Cascais, um com a área de 82 m2, destinado à construção de um estabelecimento comercial, pelo preço base de licitação de 800$00 cada metro quadrado, e outro com 261 m2, destinado a um prédio de rendimento com 3 pisos, pelo preço base de licitação de 3200$00 cada metro quadrado;

com as áreas de 163,5 m2 e 165,5 m2, pelo preço base de licitação de 2500$00 cada metro quadrado;

1 lote de terreno para construção de um estabelecimento comercial, situado na Parede, junto ao Bairro da Federação das Caixas de Previdência, com a área de 176,64 m2, pelo preço base de licitação da 800$00 cada metro quadrado;

2 lotes de terreno para construção de moradias isoladas, situados na Rua de Santa Joana, em Cascais, com as áreas de 352 m2 e 353 m2, pelo preço base de licitação de 350$00 cada metro quadrado;

3 lotes de terreno na Rua Dr. João de Barros, em Cascais, destinados a moradias isoladas, com as áreas de 482 m2, 530 m2 e 671 m2, pelo preço base de licitação de 300$00 cada metro quadrado;

1 lote de terreno, situado no Bairro do Rosário, em Cascais, com a área de 450 m2, destinado à construção de uma moradia isolada, pelo preço base de licitação de 400$00 cada metro quadrado;

1 lote de terreno, destinado à construção de uma moradia, situado em Matos, Cheirinhos, freguesia de S. Domingos de Rana, com a área de 350 m2, pelo preço base de licitação de 200$00 cada metro quadrado.

As condições de venda, anteprojectos e plantas de localização encontram-se patentes no átrio dos Paços do Concelho todos os dias úteis, dentro das horas de expediente.

Cascais.

O Presidente da Câmara — António de Azevedo Coutinho, Eng.º Agrónomo

CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS

SECRETARIA

VENDA DE LOTES DE TERRENO NO CONCELHO DE CASCAIS

FORNECIMENTO DE VIATURAS

Concurso público n.º 30/69

No Serviço Central de Aquisições do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos — Av. 24 de Julho, Lisboa — estão no encontram patentes ao candidatos ao concurso, condições gerais e especiais para o fornecimento das referidas.

As propostas são abertas às 15,30 do primeiro [illegible], pelas 9,30 horas, devendo [illegible]-se a sua entrega e a dos correspondentes depósitos até às 15,45 horas do dia útil imediatamente anterior.

Lisboa, 17 de Abril de 1969.

MISERICÓRDIA DE ALCOCHETE

MÉDICO

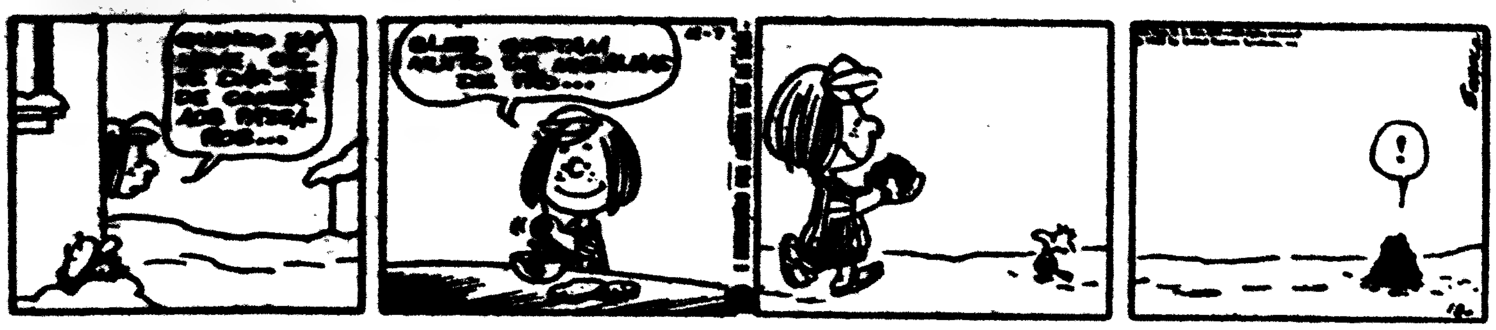
Está aberto concurso documental, até ao dia 15 de Maio de 1969, para provimento de um lugar de médico de clínica geral para prestar serviços no Hospital desta Instituição.

Na Secretaria da Misericórdia, de horas marcadas [illegible] candidatos [illegible] condições do concurso e de prestação dos serviços.

Alcochete, 15 de Abril de 1969.

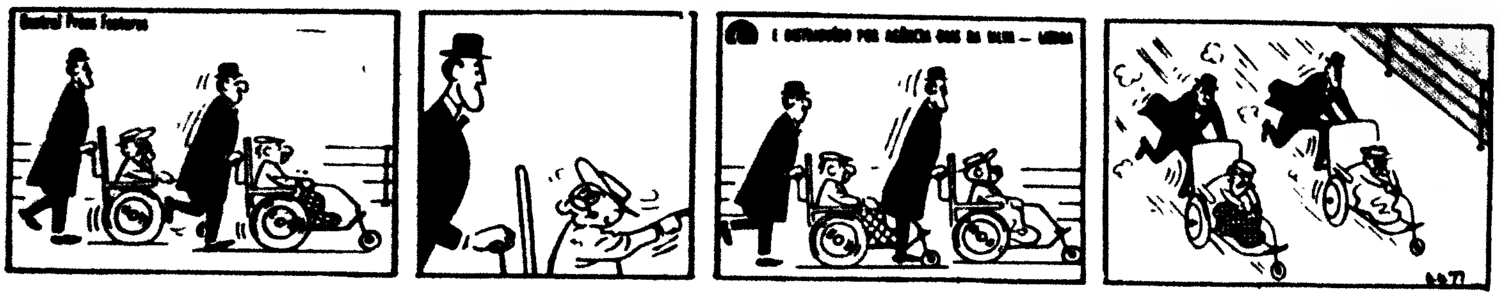
O Provedor,
ANTÓNIO ANTUNES

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa», de 17 de Abril de 1939 publicava:

«O «Journal» regista:

«Publicou-se integralmente em Roma a mensagem de Roosevelt, embora sem comentários o que é significativo, desde que se saiba que os alemães fizeram á mensagem do presidente tão mau acolhimento. Os italianos foram unânimes em reconhecer que o presidente dos Estados Unidos oferece um meio de salvar a paz que desejam, tanto como qualquer outro povo do Mundo.»

EXCURSÃO DA C.P.

Évora-Monsaraz-Ponte do Guadiana

Comunica-nos a C. P. de que realiza no próximo dia 20 do corrente, em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, uma excursão de Lisboa a Évora, Monsaraz e Ponte do Guadiana, incluindo a viagem no comboio automotor FIAT (1.ª classe e ar condicionado), pequeno almoço no comboio, almoço regional em Évora e circuito turístico em autocarro.

PREÇOS

MODALIDADE 1

215$00

MODALIDADE 2

(Incluindo o jantar no comboio FIAT na viagem de regresso) 270$00

Só transporte em caminho de ferro de Lisboa a Évora, e volta, 83$50 (incluído no preço o serviço de pequeno almoço no comboio).

Bilhetes á venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa Santa Apolónia) nas Agências de Viagens autorizadas, na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124) e nos Despachos Centrais do caminho-de-ferro em Lisboa, onde são distribuídos folhetos descritivos

Palavras cruzadas

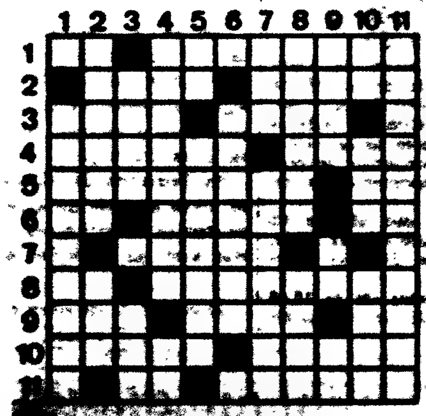
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5150

HORIZONTAIS: 1 — Ande. Fixais por tarifas os preços. 2 — Não viciada. Barra do leme de uma embarcação. 3 — Uma das principais personagens do «Otelo», de Shakespeare. Cada uma das extremidades do circuito de uma pilha eléctrica. 4 — Refrear. Indignar 5 — Passo por cima. Papa. 6 — Entre nós. Alteies. Pertences. 7 — Atraiçoar. 8 — Em a. Afastamento. 9 — Ecoa. Senhora Graceja. 10 — Verão. Abominar. 11 — Prefixo que designa privação. Empregaria.

VERTICAIS: 1 — Naturais de Ítaca 2 — Afasta Preposição e artigo (pl.) 3 — Apertar molhos. Prende. 4 — Trovejara. Prefixo de negação. 5 — Em doses iguais (abrev.). Aclama. 6 — Exacta. 7 — Sufixo que designa diminuição. Interpretaremos um escrito. 8 — Atribuís como origem. Nascida. 9 — Grande afeição. Antes de Cristo. Frequentar. 10 — Partida. Decâmetro quadrado. Encolerizai. 11 — Distinguira-se.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5149

HORIZONTAIS: 1 — ...meorolito. 2 — Algor-... 4 — ...tina. Pigm. ... Cas. Pês. 7 — Os. RA-... 9 — BOA. Cri. SER. ... 11 — Morais. Usos.

...ROSO. Bem. 2 — ... 4 — Ervou. Dê. 5 — ... 7 — ... 10 — ...

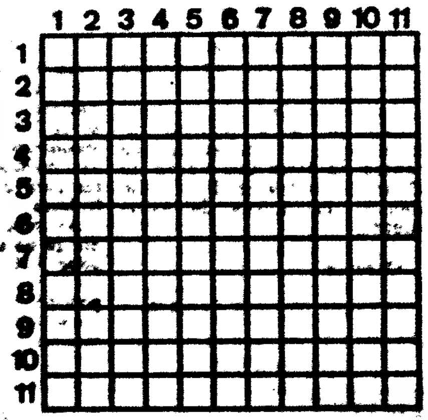
... SER. BOA

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8993

HORIZONTAIS: 1 — Possessão portuguesa na Ásia. Nome de frutos. 2 — Encolerizar. Doméstico. 3 — Machos adultos da galinha doméstica. Que é do ar. 4 — Torno mestre. 5 — Tecerias. 6 — Viração. Preposição. 7 — A Irlanda. Tombos 8 — Poisara no mar (o avião) 9 — Bocados. Direcções. 10 — Terra nova e arroteada de fresco. Introduza. 11 — Nome de flores. Unir por cosamento.

VERTICAIS: 1 — Parte em migalhas. Joeirar. 2 — Arara. O mesmo que três. Cincho 3 — Guardar segredo. Estirpes. 4 — Perfume. Sacrifica. 5 — Períodos de sete dias seguidos (pl.) 6 — Apelido. 7 — Travar luta com. 8 — Esteve unido por aderência. Perfume 9 — Diadema. Pequenos barcos de recreio. 10 — Estime. Catedrais. Prende. 11 — Ecoam. Empregar.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA

HORIZONTAIS: 1 — Porto, Fraco. 2 — Adia. Erem. 3 — Lio. Coa. Cruz. 4 — Ia. Tampa. Ta. 5 — Ovais. Esmor. 6 — ... Ro'a. 7 — Uta. Tio. 8 — ... Arrás. LA. 9 — Sal. Ias. Mar. 10 — ... Salva 11 — ... ram ...

VERTICAIS: 1 — ... 2 — Oclava. Sair. 3 — ... Aru. ... Ta. Tiata. ... 5 — Casariam. 6 — ... 7 — ... 8 — Re. Aceis. El. 9 — ... Mie. ... Amuar. ...

METALURGIA CASAL, S.A.R.L.

AVEIRO—PORTUGAL

Capital social: 30 000 000$00

AUMENTO DE CAPITAL

Para a realização de novos investimentos (ampliação de maquinaria e instalações) vai a METALURGIA CASAL, SARL aumentar o seu capital social para Esc.: 40 000 000$00, mediante a emissão de 10 000 acções no valor nominal de Esc.: 1 000$00 cada uma.

As acções são postas á subscrição pelo valor nominal para os actuais accionistas e pelo valor de 1 500$00 para os novos.

É dada preferência aos antigos accionistas.

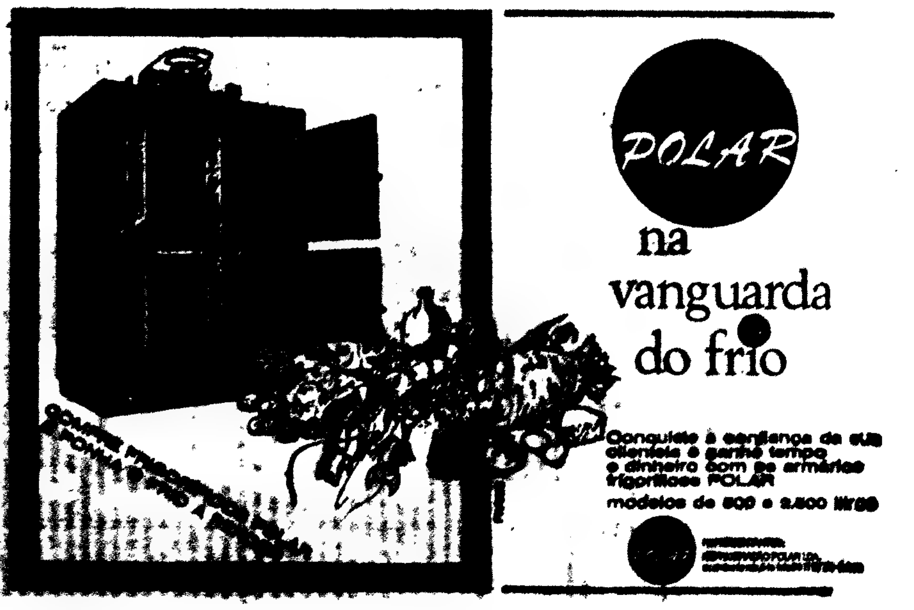
O prazo de subscrição termina em 31 de Maio, procedendo-se a rateio, se necessário, até ao dia 15 de Junho.

O pagamento efectuar-se-á em duas prestações, sendo uma de 50% do total de acções subscritas no acto da subscrição e o restante após o rateio, até ao dia 30 de Junho de 1969.

As acções subscritas beneficiarão dos dividendos relativos ao 2.º semestre de 1969.

Os interessados devem dirigir-se á METALURGIA CASAL, S. A. R. L., Apartado 83 — AVEIRO, que prestará todos os esclarecimentos e reservará as acções que desejarem subscrever.

A ADMINISTRAÇÃO



As festas da «Queima das Fitas»

Prosseguem em meio de crescente entusiasmo os preparativos das grandes festas académicas da «Queima das Fitas», de larga fama e projecção além-fronteiras, como as grandes festas dos estudantes de Portugal.

Verificando os organizadores, de há tempo a esta parte, que se tem acentuado a necessidade de obviar, de algum modo, as grandes quantias, que despendem com a propaganda das festejos, a respectiva comissão, com o apoio da Comissão Central, decidiu que, este ano, em face das necessidades ocorrentes, haverá a contribuição com a quantia simbólica de 1$00 no acto da aquisição de um cartaz e um selo. Assim, a distribuição dos cartazes e selos far-se-á como nos anos anteriores, mas contra a entrega da pequena contribuição referida, a qual não afectará ninguém e será boa ajuda para solução do problema económico resultante dos encargos da propaganda

DE COIMBRA

Comemorações do aniversário da «Real República Pagode Chinês»

No característico ambiente de ruidoso entusiasmo, com o espírito, a graça e a envolvente alegria dos estudantes, decorrerão depois de amanhã as entusiásticas comemorações do XXIII milenário (23.º aniversário) da típica e afamada «Real República Pagode Chinês», uma das mais antigas tendências colectivas de universitários que possibilitam, através de permanente convívio, intercâmbio de ideias e de conhecimentos, propiciando uma valorização cultural.

Por essa prestigiosa «República», tão rica de tradições tem passado, além dos componentes, eminentes personalidades em visita a Coimbra, como, por exemplo, o famoso cirurgião prof. Barnard; e muitos dos seus antigos «republicos» ocupam hoje elevados cargos.

Actualmente, fazem parte da «Real Republica Pagode Chinês» os estudantes: Paulo Borges de Arruda Moreira (Mandarim-mor), José Augusto Pinto da Silva, António José Fruituoso de Melo, Carlos Alberto Pinheiro Torres Martins da Rocha, Joaquim Maria Passanha Alcoforado Saldanha, Luís Manuel Miranda Pereira e ainda o «Bonzo» (calouro) Luís Filipe Fernandes Tavares.

O prof. Paulo Quintela tomou posse como catedrático

No seu gabinete, do Paço das Escolas, o reitor da Universidade conferiu ontem posse, no cargo de professor catedrático de Filologia Germanica da Faculdade de Letras, ao prof. Paulo Quintela.

O acto foi concorridíssimo, vendo-se não só o director interino da Faculdade de Letras, prof. Américo Ramalho, como professores assistentes universitários antigos componentes do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra, muitas dezenas de alunos, amigos pessoais do empossado, funcionários superiores da Universidade e ainda alguns dos seus familiares.

Lido o auto de posse pelo primeiro oficial, sr. Vergílio Cordeiro de Melo, em substituição do secretário, foi depois assinado pelo reitor e pelo empossado e ainda por muitos dos presentes.

O reitor saudou o novo catedrático, referindo-se ao que tem sido a sua vida de professor e fez votos por que tenha as maiores prosperidades no exercício das suas novas funções. Por sua vez o prof. Paulo Quintela agradeceu as palavras que lhe foram dirigidas e a presença de todos os que lhe quiseram dar aquela prova de estima e consideração.

As autoridades procuram o principal responsável pela tentativa de rapto de uma rapariga em Chaves

CHAVES, 17 — As autoridades não conseguiram ainda localizar o engajador João Pinto Marques e um seu companheiro não identificado que, ontem, após uma tentativa frustrada de rapto de uma rapariga, na aldeia de Sobreira, em que ambos estão implicados, se puseram em fuga.

O caso de aspectos inéditos que alarmou a população daquela aldeia, a 15 quilómetros desta cidade, que depressa se pôs «em pé de guerra».

A jovem, em questão, é Beatriz Fernandes, há pouco regressada de Espanha, para onde fugira na companhia do João Pinto Marques, residente em Jales, Vila Pouca de Aguiar, agora réu de um processo de emigração clandestina, pendente do Tribunal desta comarca.

A rapariga foi detida pelas autoridades espanholas, a pedido de seu pai, sendo depois julgada em Portugal e estando agora em liberdade sob fiança. O seu companheiro de aventuras não se conformou porém, e arquitectou um engenhoso plano de rapto, para voltar a tê-la junto de si. Para isso, contratou dois indivíduos (Alberto de Oliveira Augusto, de 24 anos casado, morador em Vila Nova de Gaia e José Maria de Matos Teixeira, de 33 casado, motorista, natural de Telões, Vila Pouca de Aguiar, e residente em Lisboa) que, fazendo-se passar por policias, foram a Sobreira, intimando a Beatriz Fernandes a acompanhá-los.

O aspecto canhestro dos falsos policias denunciou-os, porém, e nem as ameaças feitas de pistola (de alarme) em punho conseguiu convencer a multidão que depois se juntou. Foram mais tarde presos pela G. N. R. desta cidade e confessaram que o Pinto Marques os aliciara, a troco de dinheiro, para raptarem a rapariga.

O Pinto Marques e um seu companheiro que haviam ficado à espera próximo de Sobreira devem ter fugido, quando se aperceberam que a demora dos «policias» era demasiada.

Complicações por causa de um acto na via pública

Esta madrugada, pelas 2 e 30, o sr. António Maria de Sousa Veríssimo, de 34 anos, solteiro, electricista, natural de Lisboa e residente na Rua Angelina Vidal, 26-2.º, satisfazia certa necessidade fisiológica, na via publica, na Av. Almirante Reis, quando ali passavam senhoras. O guarda-nocturno sr. António Fernandes, em serviço na área, admoestou-o, mas ele não aceitou o reparo e atirou-se àquele, tendo-lhe passado uma rasteira e pretendeu desarmá-lo.

Então, com o «cassetete» e auxiliado por um guarda da P. S. P., o sr. Veríssimo foi conduzido á esquadra da área. Aí, tentou ainda agredir o guarda da P.S.P. e, depois, atirou-se contra as paredes, acabando por se ferir no rosto.

OCTOGENÁRIA AGREDIDA POR UM LARÁPIO

SETÚBAL, 17 — Foi preso pela P. S. P., João Manuel da Silva, o «Nobreza», de 22 anos, solteiro, trabalhador, residente nesta cidade, sítio do Casal das Figueiras, autor de numerosos roubos, por meio de assalto, cujo valor excede mais de três dezenas de contos.

Os roubos foram cometidos na Avenida Manuel Torres, na Rua General Daniel de Sousa, na Praia de Albarquel, Alto das Necessidades, na fábrica Movante (montagem de automóveis) e no Casal do Forno, sito na estrada da Rasca. Neste último, além de ter roubado diversos objectos de ouro ainda agrediu a sr. D. Maria Gertrudes Guerreiro, de 81 anos, que por isso teve de ser hospitalizada.

Como muitos dos roubos foram praticados em locais confiados à G. N. R., o «Nobreza» foi entregue ao comandante do respectivo quartel, que lhe instaurou o processo e enviou ao tribunal.

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS

A classe de Ciências da Academia das Ciências de Lisboa reuniu esta tarde, sob a presidência do sr. prof. doutor Américo Pires de Lima, [illegible] sócio correspondente, prof. de Física [illegible] sobre «Algumas [illegible] sobre a [illegible] Fonseca [illegible] sócio correspondente, prof. de Física [illegible] sobre «Algumas [illegible] sobre a [illegible]

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Ofer.	Compra	Vendo
Consolidado 4 1/2%	530$	527$	530$
Consolidado 5%	545$	544$	545$
Consolidado 6%	650$	650$	—
Contratos 4%	1 012$	1 512$	1 515$
Obrig. Tesouro 5%	1 008$	1 008$	—
Externa 1.ª Série	—	600$	700$
Externa 2.ª Série 6	850$	830$	870$
Externa 3.ª Série	—	780$	—
Externa 3.ª Série 6	—	910$	940$
Caminhos de Ferro	—	900$	000$
OBRIGAÇÕES			
Agua [illegible] 5%	—	480$	485$
A P [illegible]	970$	965$	970$
A P [illegible]	—	960$	970$
A P [illegible]	—	900$	920$
C P 5 1/2% 57	—	—	015$
C U P 6%	—	—	000$
C U P 6% 60	1 015$	1 012$	0 15$
Cim. Bissaya 4% 46	—	865$	—
Cim. Bissaya 4 1/2% 51	—	900$	—
Cim. Bissaya 5% 54	—	920$	940$
Cim. Bissaya 5% [illegible]	—	920$	940$
Cim. Bissaya 5% [illegible]	—	940$	—
Cim. Bissaya 5% [illegible]	—	925$	935$
Cim. Bissaya 5% 57	—	920$	—
Cim. Bissaya 5% 57	—	1 015$	035$
N. e A. Alentejo 5%	—	—	—
N. e Cávado 3%	—	—	835$
N. e Cávado 4%	1 012$	1 010$	1 013$
N. e Douro 3%	—	—	850$
N. e Douro 6%	1 004$	1 003$	004$
N. e Norte Port 5%	—	—	—
N. e Estrela 6%	—	1 006$	008$
N. e Zêzere 5%	—	840$	—
N. e Zêzere 5%	—	840$	—
Lisnave 6%	—	1 016$	0 18$
Metropolitana 4%	—	900$	—
Metropolitana 5 1/4%	—	1 000$	—
Moçambique 3%	—	780$	—
Nac. Electr. 5%	860$	—	865$
Nitratos 5%	—	835$	—
Nitratos 5% 60	840$	840$	—
Petroquímica 5%	880$	880$	900$
Port. Cela 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	935$	930$	950$
Sacor 5% 56	—	—	—
Siderurgia 5% 1.º	830$	830$	—
Siderurgia 5% 2.º	—	830$	860$
Siderurgia 5% 3.º	—	—	—
Siderurgia 5% 4.º	—	—	—
Sonaca 5%	—	835$	—
T A P 4%	—	—	—
Termoelect. Port 5%	—	—	860$
U. E. P. 5 1/4%	—	835$	—
U. E. P. 4%	—	845	—
U. E. P. 4 1/2%	—	900$	—
U. E. P. 5%	—	845	845
U. E. P. 5% 60	—	830$	—
U. E. P. 5% 63	—	860$	—
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	—	000$	000$
Alentejo	750$	700$	700$
Angola	2 170$	2 150$	2 170$
Burnay	2.100$	2 100$	—
Crédito Predial	—	—	—
E. Santo	—	—	—
E. Santo n	—	—	—
Fonsecas & B.	—	—	—
F. B. Agores	—	4 080$	4 088$
F. B. Agores n	—	—	—
P. Atlânticos	—	5 400$	—
Portugal	—	2 450$	2 500$
Portugal n	—	—	—
Totta Alliança	—	5 400$	5 500$
Ultramarino	1 960$	1 900$	1 970$
Ultramarino n	2 300$	2 300$	2 350$
Seguros			
Alendouro	—	740	755$
Douro	—	—	—
Mundial	—	—	—
Segrós	—	4 450$	4 458$
Tranquilidade	—	[illegible]	[illegible]
Ultramarino	—	[illegible]	[illegible]
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	—	—	—
Ag. Castelo	660$	[illegible]	[illegible]
Ag. Fidelidade	—	[illegible]	[illegible]
Ag. Nova	—	[illegible]	[illegible]
Ag. Torre e Prelada	—	—	—
Bobi	—	[illegible]	[illegible]
Bull	785	0 35	825
Cafegal	2 350$	2 [illegible]	2 [illegible]

Ultramarinos	Ofer.	Compra	Vendo
Diamantes Angola	1 460$	1 455$	465$
M. E. Revue	—	595$	620$
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	112$	110$	114$
Tanete n	—	—	—
Tanete p	—	390$	390$
Zambézia	—	—	—
C. Diversos			
Cimentos	7 200$	7 200$	7 250$
Cim. Leiria	—	—	2 750$
Cim. Tejo	4 650$	4 660$	—
Sec. Navegação	870$	870$	890$
C. U. F.	—	050$	—
Ind. Aliança	—	—	695$
Nac. Navegação	2 910$	2 900$	2 950$
Petroquímica	—	2 [illegible]	2 [illegible]
Port. e Colónia	1 370$	1 370$	1 380$
Port. Celulose	—	—	—
Port. Pesca	900$	—	910$
Port. Tabacos	570$	520$	527$
Sacor	—	—	—
Sanargilo Nac.	4 830$	4 800$	4 900$
Sacor	1 400$	1 390$	—
Tabacos de Portugal	—	2 200$	—
Tabacos n	—	890$	900$
U. E. Azore	11 600$	11 600$	11 600$
U. E. Azore	—	74$	74$
Imobiliárias e Obr.			
Águas Lisboa p	—	395$	—
Águas Lisboa 3%	—	470$	—
Águas Lisboa 4%	—	520$	—
Elect. Beira	384$	484$	48$
Gás. Electr.	196$	96$	965$
H. e Alto Alentejo	96$	97$	98$
H. e Cávado	1 320$	1 [illegible]	1 [illegible]
H. e Douro	1 [illegible]	1 [illegible]	2 [illegible]
H. e Norte Portugal	—	30$	3 [illegible]
H. e Estrela	—	—	—
H. e Zêzere	1 270$	1 270$	280$
Nac. Electricidade	—	350$	360$
Termoelectr. Port.	—	—	—
U. E. P.	197$	9 5$	200$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
Atlânticos	—	605$	630$
B. I. N.	—	107$	110$

INDICE BORGES & IRMÃO	10/4/69	16/4/69	17/4/69
GERAL	114.6	116.0	116.4
METROP.	111.7	113.1	113.6
ULTRAM.	135.6	137.3	137.1

PAÍSES	Compra	Venda
Africa do Sul — Rand	56800	56900
América		
[illegible]	[illegible]	[illegible]
[illegible]	[illegible]	[illegible]
Canadá — Dollar	26140	26170
Argentina — Moeda	1702	1722
Austria — Schilling	3908	3915
Bélgica — Coroa Nova	3850	3890
Dinamarca — Coroa	539.8	544.4
Espanha — Peseta	1178	1206
Finlandia — Marco	6750	6830
França — Libra	13450	13490
Holanda — Florim	7904.41	7964.85
Marrocos — Dirham	4775	4825
Noruega — Coroa	3858	3898
Suécia — Coroa	5500	5550
Suiça — Franco	6537	6588
Europa		
[illegible]	[illegible]	[illegible]
[illegible]	[illegible]	[illegible]
Ouro Fino — Libra	24470	24530

BURNAY, L.DA Notas estrangeiras [illegible] ao câmbio [illegible]

PNEUS E TRANSPORTES — PROBLEMAS ESTUDADOS NUMA REUNIÃO INTERNACIONAL QUE DECORRE EM LISBOA

Com sessões dedicadas ao estudo dos problemas gerais da industria de pneus e sua relação com a industria de transportes e com a economia dos países representados, tem decorrido em Lisboa, no Hotel Ritz, a Reunião Mundial das Empresas Associadas da General Tire, em que participam dirigentes de empresas de dezassete países. Foi a primeira reunião em que se juntaram os delegados de toda a vasta rede de empresas associadas da General Tire, que abrange a Europa, África, Ásia e América do Sul.

Na primeira parte dos trabalhos, que ontem ficou concluída, participaram os srs. M. G. O'Neil, presidente da General Tire International Co., H. J. Harmon, director da Produção da General Tire International Co., Paul Pfeiffer, administrador do pelouro técnico relativo ao aperfeiçoamento do artigo e fabrico de pneus da General Tire International, e T. Fisher, administrador do centro de vendas da mesma organização.

A Lisboa, enquanto pertence à General Tire International, esteve representada pelos srs. dr. Miguel Quina, vice-presidente da Mabor angolana, Henrique Malheiro Dias, administrador-delegado, dr. Albert Reynolds, administrador, Jorge Sotto-Mayor e José Manuel Quina, gerentes em Lisboa.

O sr. M. G. O'Neil presidiu á sessão de encerramento da primeira parte dos trabalhos, ontem realizada, tendo pronunciado um importante discurso em que analisou a evolução da produção de pneus dentro e fora dos Estados Unidos.

Comparando o mercado dos Estados Unidos com o resto do Mundo, acrescentou que a importância relativa deste último aumentará apreciàvelmente até 1972, devendo atingir o dobro do volume correspondente ao mercado norte-americano naquele ano, o que é consequência de cuidada programação que irá ao encontro das previstas necessidades da industria de transportes.

Os trabalhos continuam hoje, com prolongamento até à [illegible] pràticas [illegible] comités técnicos [illegible] analisados [illegible] das [illegible] [illegible] [illegible]

dia a dia

HOJE PODE VER...

AUDREY, a cançonetista francesa que logo pelas 21 e 55, preencherá o «Estúdio C»

ESTÚDIO C: AUDREY ARNO

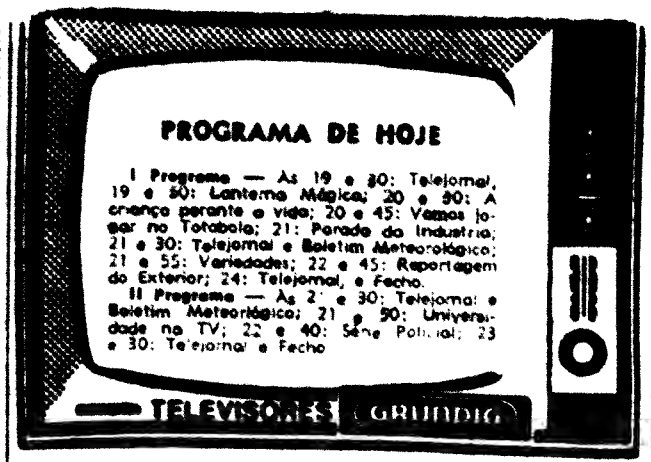
PELA VOZ de Pedro Moutinho será apresentada a cançonetista francesa Audrey Arno, cujo programa de Variedades da série «Estúdio C» foi gravado há relativamente pouco tempo, sendo Ruy Ferrão o realizador do mesmo.

Audrey Arno, que aparecerá nos pequenos «écrans» pelas 21 e 55, interpretará as seguintes canções:

«É Nero», «Caroline est Sympa», «Il passe dans mon coeur», «Tu as la touche», «Retour a Napoli», «Lorsque ma joie s'envolve», «Printemps», L'homme et la femme», «Ah! Quelle affaire», «Tu jeux et tu sais si bien».

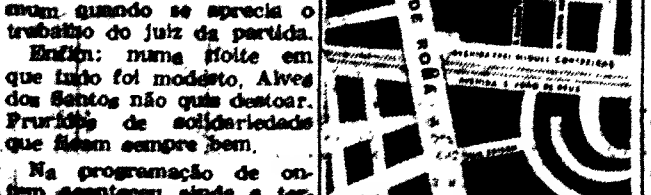
2.º PROGRAMA UNIVERSIDADE NA TV E PORTA 77

O PROGRAMA Regional será preenchido pela rubrica «Universidade na TV», com um documentário da série «O Mundo e os Homens»: «Os Caminhos de Santiago» e as 22 e 40, Roger Smith, Efrem Zimbalis Jr. e Edward Byrnes aparecerão nos pequenos «écrans» para a interpretação de mais um episódio da série policial «Porta 77».



AMANHÃ — I Programa — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa — Matemática Moderna, pelo dr. Almeida e Costa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Aspectos de Lourenço Marques; 20 e 20: Vamos Dormir; 20 e 30: Nós, as Mulheres; 20 e 45: Sangue na Estrada; 21: Cartaz TV e Nós e o Público; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 55: Noite de Cinema — «Casanova Junior» (Give a Girl a Break); 23 e 35: Telejornal; Meditação e Fecho.

II Programa — Às 21 e 28: Abertura; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 50: Folhetim «Silvia dos 3 Ulmeiros» (6.º episódio); (transmitido no I Programa em 10-11-68); 22 e 25: Culinária (no I Programa em 22-3-69); 22 e 50: Concerto



— O anticiclone continua a centrar-se, teimosamente, a oeste dos Açores. Resultado: pode chover, pode fazer sol

canal da crítica

ESSA NOITE EM QUE TUDO FOI MODESTO...

A noite foi dedicada ao futebol que jogava mais uma partida internacional. Para entrar o futebol, saiu o teatro. Aceita-se, dado que os produtos enlatados podem esperar.

Suponho que será de boa norma generalizar-se o conceito de que os jogos da selecção portuguesa, realizados no nosso País, devem transmitir-se. Quanto mais não seja para confirmar-se na prática o título de «equipa de nós todos».

No que respeita à exibição da equipa da Federação, as críticas do «Diário de Lisboa» vão escrever-se sua justiça. No que respeita à exibição da equipa da Televisão, deve dizer-se que ela esteve ao mesmo nível...

Foi uma exibição perfeitamente optimista. Ao jogo «afundado» dos jogadores portugueses, correspondeu o jogo afundado dos ingleses. Futebolistas muito novatos, certamente longe dos «mathusalens». Assim, também nenhum deles nunca chegou a ser «vedeta». Não houve jogadores brilhantes, mas também não houve fundamentalmente maus. Ainda ainda do nível português ao que mais.

Ao recordar-se a época em que Portugal não dava um chavelho por futebol, ao ver-se a forma como os ingleses encaravam o jogo, ao ver-se a maneira como os jogadores portugueses encaravam o jogo, ao ver-se a maneira como os jogadores portugueses encaravam o jogo, ao ver-se a maneira como os jogadores portugue

DINHEIRO!...

APLIQUE-O EM

J. PIMENTA, S. A. R. L.

OBTENDO JUROS OU RENDIMENTOS DE 7 A 10%

ANDARES E APARTAMENTOS MOBILADOS PARA HABITAÇÃO PRÓPRIA OU COM RENDIMENTO GARANTIDO DURANTE 12 ANOS POR ESCRITURA PÚBLICA

INFORMAÇÕES Rua Conde Redondo, 53-4. Esq. em Lisboa Telefones 45843-47843

A queda de uma pesada conduta de ferro põe em foco o problema do trânsito em Leiria

LEIRIA, 17. — Já tivemos ensejo de nos referir às condições deficientes de que enferma um dos mais movimentados cruzamentos da cidade, mais propriamente no Largo Alexandre Herculano junto à Ponte Eng.º Afonso Zuquete, por onde se cruza todo o movimento que se dirige a esta velha urbe como todo aquele que demanda o Norte ou o Sul do País.

Previsto já há tempo o arranjo do local, por forma a remediar o caso, tudo permanece na mesma, ou melhor, as dificuldades cada vez são maiores, à medida que o tráfego aumenta assustadoramente em todos os sentidos, constituindo um autêntico quebra-cabeças pelo tempo perdido em esperas prolongadas, constantes.

Além do movimento rodoviário naquela bifurcação para onde convergem cinco artérias, do piso irregular e acidentado do pavimento, subsiste um outro problema que contribui para o engarrafamento do trânsito — a exiguidade do tabuleiro da referida ponte, sem possibilidade de solução, a pedir alargamento adequado de harmonia com as exigências do tráfego.

Sempre que no local transite qualquer veículo de características anormais, é certo e sabido que o trânsito sofre as inevitáveis consequências.

O mais recente caso verificou-se agora com o transporte de uma conduta de ferro de cerca de 50 toneladas de peso, com 32 metros de comprimento e 10 de altura, proveniente das oficinas da CUF, no Barreiro, e destinada à refinaria da Sacor, em Cabo do Mundo, no porto de Leixões.

O pesado e volumoso transporte, assente numa zorra que por sua vez era rebocada por um potente camião, embora experimentasse dificuldades no percurso até esta cidade, acabaria aqui por ser vítima das condições em que se encontra o cruzamento, assentando a retaguarda do pavimento sem possibilidade de se safar dali, pelos seus próprios meios.

Ao cabo de muitas horas de trabalho, foi possível apear a armação, com a ajuda de maçarico, a fim de poder prosseguir o seu destino. Escusado será dizer que por tal facto o trânsito sofreu as inevitáveis consequências, uma vez mais.

Perante todos estes inconvenientes, uma pergunta se oferece formular: quando é que a cidade deixa de estar sujeita a constantes engarrafamentos e o tráfego se processa normalmente?

SERÁ INAUGURADO BREVEMENTE O HOSPITAL SUB-REGIONAL DA MURTOSA

MURTOSA, 17 — A mesa administrativa da Misericórdia desenvolve os melhores esforços para dotar o novo Hospital Sub-Regional de todo o mobiliário e material próprio, de modo a promover a sua inauguração oficial dentro de pouco tempo e pôr a funcionar uma obra indispensável, que todos acarinham e representa muitos sacrifícios da população, que tanto se empenhou na sua realização. E é de salientar a acção abnegada e benemerente da colónia dos naturais deste concelho.

Visite a doentes

Celebrando a Páscoa, grupos, incluindo senhoras, pertencentes aos organismos da Acção Católica, visitaram os doentes que se encontram retidos no leito ou de qualquer modo impossibilitados de sairem de casa, levando-lhes uma palavra amiga de conforto moral, para lhes suavizar o sofrimento, incutindo-lhes o sentido do amor cristão.

Cemitério de Pardelhas

Vão muito adiantadas as obras de construção, pela Câmara Municipal, do cemitério municipal de Pardelhas, que se espera seja inaugurado, oficialmente, dentro em breve.

Ficará assim a freguesia da Murtosa, que faz parte da vila do mesmo nome e é constituída por duas paróquias, a da Murtosa e a de Pardelhas, com dois cemitérios municipais, e assim se satisfaz uma aspiração dos habitantes de Pardelhas, pois os dois cemitérios estão afastados um do outro cerca de dois quilómetros.

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da pág. anterior)

todo o mundo acabará por pensar que na Terra só há jogadores de futebol.

O realizador de «Se bem me lembro» deve evitar que Vitorino Nemésio se volte continuadamente para trás a fim de consultar a cábula. Ponham-lhe a cábula à frente, não há problema nenhum. Outro pormenor em que a câmara falhou: não deu, como lhe competia, a imagem do relógio de Vitorino Nemésio. Os inúmeros admiradores do escritor estavam interessados em saber se o relógio já tinha corrente nova. Oxalá, oxalá que não. Não nos dê esse desgosto.

Mário Castrim

ALUGUER SEM CONDUTOR

CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS

Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B

Telefs.: 72 76 54 72 40 79

LISBOA

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITANICA DE TV

6. DOMINGOS DE RANA

Maria da Conceição Pinto Fernandes

Confortada com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

FALECEU

Judithe Pinto Fernandes de Sousa, seu marido e filhos; Maria Emília Fernandes Barata, seu marido e filho; Edmundo Pinto Fernandes, sua mulher, filhas e mais família, participam que foi Deus Servido chamar à Sua Divina presença a sua muito querida mãe, sogra, avó e parente Amanhã, às 16,30 horas, na Igreja Paroquial de S. Domingos de Rana, será rezada missa de corpo presente, realizando-se seguidamente o funeral para o Cemitério da Freguesia.

P. N. A. M.
AGÊNCIA BARATA

JOSÉ ANASTÁCIO HONRADO

Missa do 8.º Aniversário

A Gerência da Firma J. A. Honrado & Calhado, Ld.ª, participa que amanhã dia 18, pelas 9 horas, será rezada Missa na Igreja de Nossa Senhora da Ajuda à Boa Hora, pelo eterno descanso do seu saudoso sócio-gerente

AOS EX.MOS COLECCIONADORES DE ARTE ANTIGA

ANTIQUÁRIOS, «BRIC-À-BRACS» E DECORADORES

NOTÁVEL E IMPORTANTE

LEILÃO DE ANTIGUIDADES

Objectos e raridades dos séculos XVII, XVIII e XIX

NO PRÓXIMO SÁBADO, 19 E DIAS SEGUINTES, ÀS 15 E ÀS 21 H.

NOS AMPLOS SALÕES DO ANDAR NOBRE DO ANTIGO PALACIO PICALHO, À RUA LUZ SORIANO, 53-1.º, LISBOA, TERÁ LUGAR UMA DAS MAIS IMPORTANTES ALMOEDAS DA PRESENTE ÉPOCA.

Entre cerca dos 1.000 lotes a leiloar encontram-se magníficos peças de mobiliário português, francês, inglês e outros, de diversos estilos e épocas; grande quantidade de porcelanas da China, um mobiliário do C.º das Índias, muitos deles raros e nesta denominação europeia; porcelanas europeias; interessantes e variadas bibliotecas e objectos de vitrina; esculturas; marfins, vidros esculturados e outros, relógios de bolso, mesa e outros tipos; jóias; pratas; bronzes; miniaturas; curiosidades; bons tapetes persas e orientais de grandes e pequenas dimensões; tapeçaria Aubusson; pinturas; aguarelas; gravuras; desenhos; estátuas e panos; estátuas de mármore de Itália para jardim ou interior e muitos outros valiosos objectos que estarão patentes ao acto da praça.

EXPOSIÇÃO — AMANHÃ, DAS 15 ÀS 19 E SÁBADO DAS 10 ÀS 12,30 HORAS

O CATALOGO, ILUSTRADO, ESTÁ SENDO DISTRIBUIDO PELO CORREIO AOS NOSSOS HABITUAIS CLIENTES.

A CARGO DA ANTIGA AGÊNCIA

SOARES & MENDONÇA, LIMITADA

Rua Luz Soriano, 53 — Tel. 301342 e 309000 — LISBOA

Filial no Porto: Rua Formosa, 113 — Tel. 33989

COMENDADOR

MANUEL JOSÉ DE CARVALHO

MISSA DO 7.º DIA

Sua família, participa que amanhã, dia 18, às 12 horas, na Igreja de S. Nicolau será celebrada missa, pelo eterno descanso de sua alma agradecendo desde já a todos quantos se dignem assistir a este piedoso acto.

P. N. A. M.

AGÊNCIA MAGNO — TELEF. 534167

VASCO MORGADO JR. VAI CASAR-SE

Vasco Morgado Junior vai casar-se. A notícia, que certamente surpreenderá aqueles que ainda se não habituaram a ver o jovem filho do «patrão» do teatro português como um homem já feito, começa agora a correr pelo meio artístico.

Vasco Morgado Junior, que acaba de representar o protagonista da peça «O jovem mentiroso» partirá para a África próximamente, a fim de tomar parte na digressão que a companhia de sua mãe, Laura Alves, ali efectuará, com as peças «Rainha do Ferro-Velho», «O comprador de horas», «A mulher do roupão» e «O jovem mentiroso». A futura nora de Vasco Morgado e Laura Alves é uma jovem de 16 anos, que não pertence ao meio teatral. Parece ser intenção de Vasco Morgado Junior casar-se antes de iniciar o seu serviço militar, o que acontecerá brevemente.

ASSEMBLEIAS GERAIS

Instituto dos Ferroviários do Sul e Sueste

Em assembleia geral, foram eleitos os corpos gerentes do Instituto dos Ferroviários do Sul e Sueste. A direcção ficou composta pelos srs. Calisto Vaz de Carvalho, Joaquim Baptista Candeias, Teodoro Maurício Costa, José Emídio, Cristino Ferrão, Joaquim Francisco Castanheira e Humberto Martins Alexo.

Presidem à assembleia geral e ao conselho fiscal respectivamente, os srs. Ezequiel da Costa Cavaco e António Cláudio Pereira.

Companhia Angolana de Agricultura (CADA)

A assembleia geral ordinária da Companhia Angolana de Agricultura (CADA), reunida sob a presidência do sr. Rogério Cândido da Silva, aprovou o relatório e contas referentes ao exercício do ano passado.

Na sua exposição, o presidente do conselho de administração, sr. Manuel de Queirós Pereira referiu-se á situação da Companhia e acentuou a diminuição da produção de café que se fixou, nos últimos anos, além daquilo que poderá considerar-se normal.

Estas considerações estão, de resto, na sequência do relatório que dá um panorama dos problemas de natureza e fiscal que afectam as empresas, designadamente aquelas que ocupam lugar de maior predomínio.

Anglo Portuguese Bank Limitd

Para apreciar o relatório, balanço e contas relativos ao exercício findo em 31 de Janeiro deste ano, vai reunir-se em Londres, no dia 22 do próximo mês de Maio, a assembleia geral ordinária do Anglo Portuguese Bank Limited.

Através daquele documento agora divulgado pode verificar-se que o Anglo Portuguese Bank Limited mantém o ritmo de progresso que desde há anos caracteriza a sua actividade. As reservas subiram de 2 000 000 libras para 2 250 000 libras; o saldo da conta «Adiantamentos Concedidos a Clientes» perfaz 35 427 531 libras, seja mais 5 303 059 libras do que em 1968; a rubrica «Contas Correntes, Depósitos e Outras Contas» encerrou com o saldo de 45 190 206 libras, contra 38 765 716 libras no exercício transacto; a conta «Aceites e Créditos Confirmados» registou um aumento de 266 460 libras, mostrando o saldo de 6 421 698 libras. O total do balanço elevou-se de 49 943 297 libras para 56 891 292 libras. Este acréscimo de movimentos influiu no lucro líquido do exercício que, depois de retiradas as verbas para «Encargos Fiscais» e «Reservas para Imprevistos», ascendeu a 279 545 libras, em comparação com 251 900 libras, no exercício findo em 31 de Janeiro de 1968.

NOVA COMISSÃO DISTRITAL DA U. N.

Tomará posse dentro de dias a nova comissão distrital da União Nacional no Funchal, agora nomeada pelo sr. conselheiro Albino dos Reis, vice-presidente, em exercício, da Comissão Central daquele organismo.

A nova comissão fica assim constituída: presidente, dr. José dos Ramos, conservador do Registo Predial; vice-presidente, dr. Graciano Ferreira Alves, notário; vogais, dr. Casimiro Manuel Monteiro de França Dória, intendente de Pecuária; eng.º Gilberto Hénnam de Freitas, agrónomo; dr. João de Lemos Gomes, médico; dr. João Militão Rodrigues, funcionário público, e dr. [illegible], conservador do Registo Civil.

Começará em breve a construção do Instituto Industrial de Coimbra

— anunciou o ministro das Obras Públicas

(Continuação da pág. central)

além de muitas outras entidades.

Benção e discursos

Pouco depois, chegou ao edifício o sr. Presidente da República. Depois de o bispo de Coimbra, sr. D. Francisco Rendeiro, ter procedido à bênção do edifício, o Chefe do Estado e todas as entidades presentes deram entrada no edifício e dirigiram-se para a Sala Infante D. Henrique, onde se realizou a sessão solene.

Presidiu o sr. almirante Américo Thomaz, ladeado pelos ministros das Obras Públicas e da Educação Nacional, reitor da Universidade, director da Faculdade de Ciências e pelo decano da Faculdade, sr. prof. dr. Manuel dos Reis.

Nessa sessão discursaram sucessivamente o reitor da Universidade, o decano da Faculdade de Ciências e os ministros da Educação e das Obras Públicas, tendo este feito a entrega do edifício.

No seu breve discurso, o sr. prof. dr. Manuel dos Reis fez a história da escola que durante 140 anos foi Faculdade de Matemática, até que em 1911 foi transformada na 1.ª secção da Faculdade de Ciências, então criada.

Salientou que o edifício agora inaugurado vem resolver o grave problema das instalações da sua escola, cujas aulas se encontravam, nos últimos anos, em diversas salas dos Gerais.

A importância da Universidade na construção do mundo do futuro salientada pelo ministro da Educação

Ao usar da palavra, o ministro da Educação, depois de agradecer ao seu colega das Obras Públicas o interesse que do seu departamento têm merecido os problemas da política educacional, revelou verbas que, no programa do III Plano de Fomento, serão gastas em 1969 no sector do Ensino Superior e afirmou:

«É certo que as questões que no seu conjunto constituem «o problema universitário» não poderão ser resolvidas unicamente no quadro de uma política de investimentos; mas também é certo que sem essa política dificilmente se poderia dar algum passo no caminho das reformas necessárias. A Universidade é ao mesmo tempo um conjunto de estruturas e um sistema de funções. A parte do Estado é facultar-lhe as estruturas indispensáveis á prossecução dos seus fins próprios. A criação das funções é domínio que só à Universidade pertence realizar.»

Referindo-se, depois, ao clima de contestação que nos últimos anos se tem generalizado, o ministro José Hermano Saraiva afirmou:

«Mas os espíritos são naturalmente levados a prestar mais atenção ao ruído do que ao silêncio. O que ainda ninguém contestou foi a essencialidade das Universidades como instrumento de toda a política cultural que pretenda perdurar. O que ninguém até hoje pôs em causa foi a responsabilidade da Universidade pela construção da sociedade do futuro. A mesma intensidade das preocupações de que ela se tornou objecto comprova quanto os povos ainda nela confiam. Poderia até dizer-se da sua história, tantas vezes secular, nunca porventura a humanidade esperou tanto dos mestres e dos estudantes como nos dias que estamos a viver».

Ao usar da palavra, o ministro das Obras Públicas recordou que foi aluno da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra e que, portanto, era grande o seu júbilo por lhe ser possível fazer, agora, a entrega do novo edifício. E disse:

«Vamos continuar a trabalhar em Coimbra com o maior empenho de satisfazer nos mais curtos prazos as necessidades do ensino em matéria de instalações, conforme os planos aprovados. Apressa-se, aqui ao lado, a conclusão do edifício destinado á Secção de Física e Química da Faculdade de Ciências e está em curso a ampliação das instalações, aliás precárias, da Faculdade de Farmácia, a conclusão das obras do Centro Universitário e a ampliação e beneficiação das Instalações Académicas. Iniciar-se-á, dentro em pouco, o grupo residencial de Montes Claros, e este será o ano de arranque definitivo para a construção do hospital escolar, por que a Universidade tanto anseia. Também dentro em breve vamos começar a construir o Instituto Industrial de Coimbra.

Ao todo, é de 54 mil contos o dispêndio que o Ministério das Obras Públicas conta efectuar no corrente ano com as realizações da Cidade Universitária de Coimbra. Trata-se de um esforço considerável, que é indispensável acrescer ainda, pois as construções escolares, como tudo o que respeita à Educação, têm lugar prioritário no III Plano de Fomento. O Ministério das Obras Públicas empenha-se em corresponder aos designios do Governo e procura preparar-se para satisfazer o ritmo acelerado do desenvolvimento escolar. No corrente ano, há-de o Ministério despender 479 mil contos em construções escolares em todo o País.»

Acrescentou o ministro que o programa de trabalhos do ano em curso comporta a construção de 33 edifícios, 15 dos quais começados em anos anteriores, e 18 com início neste ano orçando pelos 800 mil contos o custo global destas obras. Anunciou, também, que vai ser criado no seu Ministério um departamento destinado ao estudo, projecto e construção de todos os edifícios escolares do País.

Visita ao edifício

Finda a sessão solene, o sr. Presidente da República fez uma demorada visita ao edifício, cujo projecto é da autoria dos srs. arquitecto Lucínio Cruz e prof. eng.º Edgar Cardoso, com capacidade de 35 salas de aulas (1700 lugares) e, ainda, 36 gabinetes. A biblioteca tem capacidade para 60 000 unidades e dispõe de uma sala de leitura para 50 leitores. Além disto, dispõe, ainda, de salas especiais, de topografia, duas com 74 lugares de desenho, 4 com 120 estiradores, anfiteatros, 8 com 620 lugares.

Na fachada principal tem dois baixos-relevos com 10 metros de altura, da autoria do escultor Gustavo Bastos, subordinados aos temas: «A Criação do Mundo», «As Matemáticas como Ciência da Natureza», «A Matemática como Ciência do Pensamento e da Razão Pura».

Para o átrio estão previstos dois painéis a fresco, do artista Almada Negreiros, cujas maquetas já estão concluídas, cada um com as dimensões de 7,30 × × 4,80 m, representando «A Matemática Portuguesa ao Serviço da Epopeia Nacional» e «A Matemática desde os Caldeus e Egípcios, até aos nossos dias».

Na Sala do Conselho existe uma tapeçaria sobre cartão, do pintor Rogério Ribeiro, obedecendo ao tema, «O Progresso Técnico», com as dimensões de 3,30 × × 5,50 m.

O sr. Presidente da República percorreu todo o edifício e ouviu os esclarecimentos que lhe foram dados pelos técnicos, manifestando a sua satisfação pela forma como tudo se encontrava.

Finda a cerimónia da inauguração, o Chefe do Estado voltou ao Paço das Escolas, onde, na Sala do Senado, se realizou uma pequena sessão, onde o sr. almirante Américo Thomaz entregou ao sr. prof. dr. Luís de Cabral Moncada, lente jubilado da Faculdade de Direito, a Grã-Cruz da Ordem de Sant'Iago de Espada.

Pouco depois, realizou-se, na Reitoria, um almoço, oferecido pelo sr. Presidente da República, a que assistiram setenta convidados, que foi magnificamente servido pelo Café-Restaurante Nicola, de Coimbra, que mereceu os maiores louvores de todos os convivas.

Findo o almoço, o sr. Presidente da República visitou as novas instalações da Escola de Regentes Agrícolas e o Liceu D. Duarte, seguindo, depois, para a Figueira da Foz.

*

Continuando uma tradição de relevo, justificativa do bom nome da indústria nacional, a firma Francisco Miguel Bombarda, do Porto, e á semelhança do acontecido em tantas outras obras anteriores, de grande relevo, associou-se ao esforço desta excepcional construção, fornecendo e colocando todas as armaduras de iluminação em quantidades da ordem dos milhares, números bem expressivos da grandiosidade da obra presente.

O Chefe do Estado visita Peniche no próximo domingo

Como foi já anunciado, o sr. Presidente da República deslocar-se-á a Peniche no próximo domingo, sendo acompanhado pelos ministros do Interior, Marinha, Corporações e Obras Públicas.

Entre as várias cerimónias programadas para aquele dia, contam-se uma sessão solene nos Paços do Concelho, benção da Frota de Pesca e inauguração de um bairro de 110 casas para pescadores.

Quatro milhões de visitantes na Feira Internacional de Milão

onde estão representados 90 países (incluindo Portugal)

A Feira Internacional de Milão, inaugurada pelo Presidente da República italiana, estará patente ao público até ao dia 25 do corrente, e calcula-se que deve ter cerca de quatro milhões de visitantes.

Estão representados 90 países, entre os quais Portugal, que participa oficialmente, mercê da organização do Fundo de Fomento de Exportação e com as suas delegações de Roma e de Milão. Estão representadas várias entidades mais interessadas, como o Instituto das Conservas de Peixe, a Junta Nacional do Vinho, Instituto do Vinho do Porto e ainda, o Fundo de Fomento e Propaganda do Café além de numerosas firmas.

O grande recinto da feira, [illegible] tem a área de 400 mil metros quadrados com a configuração duma verdadeira cidade, dotada de espaçosas praças e avenidas, ladeadas pelos vastos pavilhões, verdadeiros edifícios de vários andares, vistosos como belos palácios. Representam, com a utilização também dos espaços ao ar livre, uma capacidade expositiva numa área global de cerca de 640 000 m2, inteiramente ocupada pelos expositores de 90 países — que andam, cada ano, à roda de 14 000. O total dos expositores anuais na Feira de Milão sob aliás para cerca de 24 a 25 mil, contando ainda com os 40 certames especializados por sectores que, no decorrer de todo o ano — antes e após Abril —, se realizam sob o patrocínio da mesma Feira nos seus pavilhões.

O sector que ainda se evidencia é, possivelmente, o da mecânica, representando as actividades industriais com maior incremento e expansão em todos os países mais desenvolvidos e, de modo especial, na Itália.

Foi criado um especial serviço de assistência para os comerciantes estrangeiros que visitam a feira, com o fim de lhes permitir as melhores relações comerciais com as 14 000 firmas industriais expositoras. Os visitantes estrangeiros — comerciantes qualificados — recebem (já antes de se deslocarem ao grande certame) nas delegações da Feira, funcionam em todos os países (incluindo Portugal), uma «carteira de legitimação» que lhes dá direito ao livre acesso no recinto da própria feira e a toda a assistência gratuita prestada pelo S.A.V.E., instalado no Palácio Internacional das Intercâmbios.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

Centro da esquerda, falha espectacular de Humberto Coelho e golo de Vuilleumier. Era o «avigo» ..

O MÉXICO... CADA VEZ MAIS LONGE

A INFERIORIDADE DA NOSSA «SUPERIORIDADE TÉCNICA»

O futebol suíço não goza de verdadeira projecção internacional. Não tem grandes títulos de glória no passado, não conquista evidência no presente e talvez não esteja destinado a melhores proezas no futuro. Mas ontem à noite, no Estádio José Alvalade, onze robustos e decididos rapazes suíços fizeram mais do que triunfar num jogo. Eles devem ter despedido do próximo campeonato do Mundo a representação que milhões de entusiastas admiraram e muitos milhares aplaudiram no «Mundial» anterior. E para aqueles que não voltaram a ver o futebol português desde 1966 em Inglaterra, vai ser difícil de compreender essa coisa da Suíça vir ganhar a Lisboa, e por 2-0, deixando a selecção portuguesa na muito provável e pobre situação de ver o «Mundial» do México... pela TV.

Quando se efectuou o sorteio dos «Grupos» de apuramento para a competição de 70, foi um farôlo de optimismo. Uns mais, outros menos, aqueles lembrando cuidados necessários, estes pensando que a selecção portuguesa iria conquistar a qualificação com toda a facilidade, generalizou-se a ideia que de gregos, romenos e suíços não podia vir mal ao mundo das nossas convicções futebolísticas.

É certo que já o futebol português sofrera o golpe de não se qualificar para a fase final do Campeonato da Europa, superado que foi pelos búlgaros. Isto, um ano depois do «brilharete» de Inglaterra, que atirara com os Eusébios, os Simões, os Torres, os Hilários, etc., para uma evidência praticamente universal.

O fracasso do «Europeu» foi esquecido ràpidamente, depois de mais ou menos justificado pelas velhas «contingências do futebol», que têm nome pomposo e largas costas. Pensou-se (nós também) que a selecção nacional ia conquistar o primeiro lugar do seu «Grupo», no qual os próprios adversários a consideravam a *grande favorita*.

A desilusão consumou-se ontem, à noite. A derrota em Atenas, enfim, já fôra uma escorregadela-zita, mas perder no país do adversário é normal, mesmo que esse adversário seja inferior. A tal história de que «cada um em sua casa...»

... Mas ontem, os da «casa», os considerados superiores, os favoritos, os que tinham, *teòricamente*, quase todos os trunfos, sofreram uma derrota decisiva.

★

Como foi?

O curioso é que nada do que aconteceu foi surpreendente. Esperava-se que os suíços reforçassem a defesa, com «ferrolho» e tudo — e foi isso que se viu. Esperava-se que fossem rápidos no contra-ataque, e foi, nem mais nem menos, o que sucedeu. E não se perdeu o sentido do prático, caindo-se no estilismo, no adorno, como que um falar muito para não dizer nada.

O futebol português sul-americanizou-se. Com as vantagens dos progressos na execução, no toque de bola, no drible, nos primores técnicos, que não deixam de ser o aval dos grandes futebolistas. Mas devemos lembrar-nos de que as próprias equipas da América do Sul, apesar dos extraordinários jogadores que são os brasileiros, os argentinos e os uruguaios, foram sentindo cada vez mais dificuldades em impor a sua arte. O futebol do músculo começou a ditar a sua lei. E não só do músculo: do resultado. Com todos os esforços e toda a atenção orientados para as duas verdades do jogo: marcar e não sofrer golos.

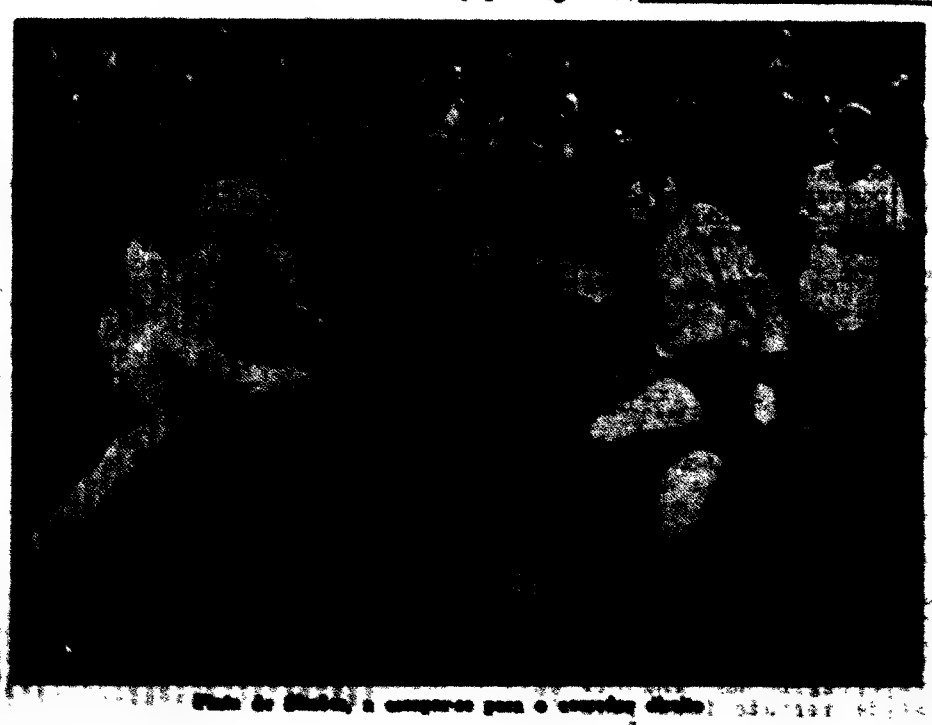
Daí que os próprios sul-americanos, apesar de

(Continua na página seguinte)

Comentário de MÁRIO ZAMBUJAL

que houve uma certa má sorte nos golos que se sofreram (em ambos os defensores portugueses estiveram donos do lance) e no falhar de um ou dois muito possíveis. Mas isso não mascara a verdade de que o nosso futebol foi vertiginosamente ultrapassado. Nem está só em causa o tão debatido problema da força (alheia) e da falta de força (nossa). É toda uma concepção em que

Conta Juventude
BANCO PORTUGUÊS



Pluie de flashes à espera-se para o «match» decisivo

DR. JOSÉ MARIA ANTUNES:

Ainda acredito na ida ao México

«... AGORA É, APENAS, MAIS DIFÍCIL»

Cabisbaixo, sentindo na carne a derrota da equipa, o seleccionador nacional, dr. José Maria Antunes, caminhou lentamente até aos balneários. Foi decerto dos últimos a entrar.

Abordámo-lo ao sair do relvado e o dr. José Maria Antunes não se escusou a responder-nos. A explicar-nos como fora aquilo: — «Tivemos muita infelicidade. A equipa, ainda que a princípio me parecesse um pouco presa, correspondeu ao que eu esperava. Os golos é que não surgiram. E quando assim é...»

— Comprometida definitivamente a qualificação para o México?

— Comprometida definitivamente porquê? Apenas se tornou mais difícil alcançá-la. Tal como estes vieram cá ganhar nós também poderemos ir ganhar fora. E se assim acontecer, voltamos outra vez ao princípio.

E com um gesto de revolta:

— Ainda poderemos ir ao México e continuo a acreditar que iremos. Saberemos vencer os obstáculos. Os rapazes têm valor para conseguí-lo.

OUTROS JOGOS PARA O «MUNDIAL»

Para o Campeonato do Mundo (prova de qualificação) disputaram-se, ontem, mais alguns encontros. Eis os resultados:

Grécia, 2-Roménia, 2; Escócia, 1-República Federal da Alemanha, 1; República Democrática Alemã, 2-País de Gales, 1.

DOMINGO: REGRESSO AO «NACIONAL»

QUINZE MIL PORTUENSES AO «ASSALTO» DE LISBOA

O próximo jogo entre o Benfica e o F. C. Porto está a despertar um enorme interesse na capital do Norte. Segundo informes da comissão pró-sede do F. C. Porto, treze mil bilhetes que se destinam às pessoas que viajarão em quatro comboios especiais que o clube portuense «fretou» à C.P. e em cerca de duzentos autocarros, foram já requisitados ao clube. A estes meios de transporte juntar-se-ão, certamente, algumas dezenas de automóveis e outros entusiastas viajarão de avião, pelo que se calcula que cerca de 15 mil portuenses tomem o rumo do Estádio da Luz neste fim-de-semana.

Entre a massa associativa do F. C. Porto há uma fé inquebrantável de que o clube regressará vitorioso desta jornada considerada de transcendente importância para as aspirações e anseios dos dois grandes clubes em luta.

ROLANDO, ÚNICO PROBLEMA

Para já, na equipa do F. C. Porto não há problemas de ordem física. É desconhecido, por enquanto, o estado físico de Rolando, que no jogo contra a Suíça sofreu um toque numa coxa. Mas as primeiras impressões é de que o médio portuense estará em perfeitas condições de jogar na Luz.

Hoje efectuou-se, no relvado principal das Antas, o último treino de conjunto do F. C. Porto, após o que a equipa ficará concentrada no «Lar do Jogador», de onde sairá ao princípio da tarde de sábado com rumo a Vale de Lobos.

A comitiva do F. C. Porto, com os jogadores, treinador, massagista e chefe da secção, dr. Miguel Pereira, encetará a viagem para Lisboa em avião especial. Serão acompanhados de alguns dirigentes e do presidente do clube, Afonso Pinto de Magalhães. O avião deverá pisar solo lisboeta cerca das 14 horas de sábado.

Torneio da Primavera da Associação de Atletismo de Lisboa

A Associação de Atletismo de Lisboa fará disputar nos dias 19 e 20, respectivamente nas pistas do Campo Grande e do Estádio José Alvalade, a segunda volta do Torneio da Primavera, sendo esta o ponto de incidência e outras provas entram para os diversos escalões de idades.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO

OS QUE JOGARAM EM ALVALADE

DE DAMAS A JACINTO JOÃO RARAS FORAM AS NOTAS POSITIVAS

• KUNZLI, SIGNORELLI E WILLEUMIER FIGURAS DESTACADAS DOS HELVÉTICOS

Nem sempre o tecnicismo se casa com o arreganho. Viu-se isso ontem à noite em Alvalade onde a equipa portuguesa servida por executantes de escol fracassou ante o grupo suiço, inegavelmente de menores atributos técnicos, mas indudivelmente mais veloz.

Os jogadores de Portugal quiseram fazer bem. Os helvéticos preferiram fazer depressa. E dentro destas linhas de orientação uns foram de mais acertado labor, do que outros.

Vejamos como individualmente se comportaram

Por Encarnação Viegas

os jogadores que pisaram o relvado de Alvalade, num desafio de desagradáveis recordações para o futebol português.

Rolando e Peres — os mais iguais em rendimento

No compartimento defensivo da turma de Portugal Hilário (quem tal diria) pareceu o mais perturbado do quarteto que oscilou demasiado ante o contra-ataque apoiado dos suiços. Até o próprio Damas (mal batido no segundo golo?) não sugeriu tranquilidade e segurança.

No meio-campo terão actuado os homens mais influentes da turma portuguesa: ROLANDO E PERES. De rendimento mais igual do primeiro ao último minuto, aproveitando com acerto a relativa liberdade concedida pelos helvéticos. Poucas vezes, porém, ter-se-ão metido com afoiteza na área de remate, embora ao académico tenham pertencido as intenções mais agressivas de entre os futebolistas nacionais.

A razão maior da derrota terá de encontrar-se na insuficiência da vanguarda, em perfurar uma cortina defensiva como foi a helvética. Complicativos os extremos, que pareciam apenas apostados em ganhar cantos, SIMÕES e JACINTO JOÃO, não puderam ser os criadores de espaços para a penetração dos «pontas-de-lança».

A verdade é que quer TORRES como EUSÉBIO jogaram exageradamente estáticos, recusando as possibilidades de penetração pelos corredores laterais.

As suas tentativas para se furtar à marcação dos opositores eram autênticas fugas para a retaguarda sem um propósito verdadeiramente objectivo. MANUEL ANTÓNIO que substituiu Torres não teve ensejo para mostrar do que é capaz e quanto a JACINTO que entrou no início da segunda parte a ocupar a posição de José Carlos, convenhamos que emprestou maior vivacidade á equipa até porque como convinha, frequentemente se integrou nos movimentos atacantes.

Um triunfo de onze jogadores

Os jogadores suiços actuaram como um verdadeiro bloco. Naturalmente que mais preocupados em defender do que atacar, particularmente depois que se viram com a vantagem de dois golos.

A verdade é que para além da sua organização os helvéticos contaram ontem com um magnífico guarda-redes: PROSPERI. Que bem defendeu o «keeper» suiço. Teve uma espantosa defesa, já na segunda parte a remate de Eusébio que define a classe de um jogador. A classe e os reflexos.

Da defesa, que contou com o apoio de quatro companheiros, TACHELLA terá sido o de acção mais destacada, acorrendo onde se tornasse necessário colmatar uma brecha. Todos eles porém nunca hesitaram em ceder canto. Muito seguros, RAMSEIER e SIGNORELLI este com a específica missão de vigiar [illegible]

O [illegible] helvéticos deve-se também a KUNZLI e a WILLEUMIER. Pois este [illegible] por si só constituiu um [illegible] constante [illegible] portugueses, [illegible] antes e [illegible] na [illegible] guição ofensiva que se impunha, aproveitaram da melhor forma os amplos espaços que se observaram no meio-campo dos adversários.

Notável também o apoio prestado pelos extremos (helvéticos) ODERMATT e QUENTIN aos movimentos ofensivos da sua equipa. Particularmente a Hilário [illegible] das [illegible] do [illegible] de marcação feitas pelos defesas portugueses. E no flanco esquerdo da cortina de protecção a Damas geraram-se muitos lances perigosos, por virtude exclusiva do n.º 8 visitante.

Todos os jogadores visitantes foram contudo de elevado espírito de sacrifício. Quantas vezes neutralizaram lances perigosos com risco da sua integridade física?

Nem melhor, nem pior. Sai Torres entre Manuel António

Circuito fechado de TV para os adeptos do Manchester

MANCHESTER, 17 — (U. N. I.) — A direcção do Manchester United decidiu montar um circuito fechado de televisão para que os adeptos do clube possam assistir, no seu Estádio de Trafford, ao desafio contra o Milão, na Itália, a 23 de Abril, para as meias-finais da «Taça dos Campeões Europeus».

O secretário do clube, Lee Olive, declarou em Manchester que as negociações se encontram só na fase final, acrescentando que o desafio será transmitido num écran de 12 por 9 metros.

O projecto custará ao clube mais de 10 mil libras (685 contos).

PORTUGAL-SUÍÇA (0-2)

(Continuação da pág. anterior)

sempre ufanos do seu «melhor futebol», estejam a procurar uma europeização nos processos, desde os cuidados com a preparação física, até à simplificação do seu jogo.

Quanto aos portugueses, a sua tão frequentemente apontada «superioridade técnica», começa a ser um peso terrível. O primeiro passo para uma inferioridade que os resultados vão mostrando.

★

As duas derrotas portuguesas de ontem, à noite, num esclarecedor total de 6-0, não podem deixar de reflectir esse problema, cada vez mais evidente. Mas haverá que ter em conta outras razões, algumas delas ocasionais, como é o caso da má «forma» de vários jogadores.

(Aqui, e relativamente ao Portugal-Suíça, não faltará quem pergunte: *mas então, por que jogaram esses, e não outros?* Na maioria dos casos — não todos — terá de se responder com outra pergunta: *Quais outros?...*)

A grande dificuldade está, manifestamente, nos avançados. Em três jogos (os dois de ontem e o Portugal-México de há dias) não obtivemos um único tento. Quer dizer: entre efectivos e suplentes utilizados estiveram em campo nesses jogos uma boa dúzia de jogadores com o rótulo de avançados. E nem sequer um golo! Isto não pode situar-se inteiramente no plano individual, de categoria ou má «forma». Reflecte, sem dúvida, o tal hábito, cada vez mais enraizado, de atacar «au ralenti» e a quase total ausência de verdadeiras jogadas de «association», em que a técnica se alia à velocidade. E vê-se o que se viu ontem em Alvalade: quando se verifica a necessidade de atacar com decisão cai-se no simplismo do pontapé ao Deus-dará, a fazer a bola cair na área, com as habituais vantagens para quem defende.

Tudo isto se refere a problemas técnicos do jogo, mas há outro ponto que tem de ser, igualmente, tido em consideração. Menos de três anos depois de ser festejada com todas as pompas e aplaudida com simpatia até pelos que não costumam entusiasmar-se com o futebol, a selecção portuguesa volta a sentir uma certa frieza, um quase alheamento sobre o que possa ou não fazer. O estado de espírito da nossa equipa, o seu ânimo ou desânimo, dependem, em grande parte, do ambiente que a rodeia. E esse «estado de espírito», bom ou mau, é decisivo para o bom ou mau que uma equipa realiza.

★

Noutro lugar se faz mais detalhada análise da actuação dos jogadores, das dificuldades da defesa ante os céleres ataques adversários, dos «tormentos» dos «pontas-de-lança» situados, cercados de suiços, e, também, sem movimentação adequada para se furtarem, quanto possível, a tal cerco. Fala-se do que o jogo foi — não do que o jogo poderia ter sido, se...

Sim, se a nossa selecção tem tido a sorte (mesmo que fosse por sorte...) de marcar um tento antes do adversário; se, como é natural, os serviços abandonassem mais a defesa para procurarem a igualdade; se houvesse a moralização do golo marcado em vez da perturbação do golo sofrido; se o princípio tem sido diferente, enfim, o jogo e as ambições dos jogadores seriam, certamente, diferentes. Não se falaria, então, e por ora, em «problemas do futebol português». Mas seria apenas um adiamento. Porque os erros, os embaraços, a confusão — estão lá.

★

... E não vale a pena zangarmo-nos com a selecção. Ela fez o que lhe foi possível. Que não foi o suficiente para superar uma equipa bem organizada, mas de «segunda linha». E, pelo que se viu ontem, a selecção portuguesa não merece mais que a da Suíça a viagem até terras mexicanas. Pelo que vimos nestes últimos tempos, só merecemos mais a viagem ao México — do que o próprio México.

M. Z.

Árbitro: o inglês John Taylor.

PORTUGAL — Damas; Conceição, Humberto Coelho, José Carlos e Hilário («cap.»); Rolando e Peres; Simões, Torres, Eusébio e Jacinto João.

SUIÇA — Prosperi; Michaud; Ramseier, Tachella («cap.»), Signorelli e Stierli; Odermatt e Vuilleumier; Kuhn, Kunzli e Quentin.

Na primeira parte, 0-2.

Golos de Vuilleumier, aos 20 e 35 minutos.

Substituições: na segunda parte, Jacinto rendeu José Carlos. Aos 26 minutos, Manuel António substituiu Torres e Desbiolles entrou para o lugar de Quentin.

Eusébio observado no instante do remate

Sarau de ginástica

No próximo sábado, dia 1[illegible] o Lisbon Cricket Clube [illegible] o seu tradicional [illegible] anual de ginástica, cujo programa inclui, para além da apresentação das classes [illegible] ginásticas [illegible] também [illegible] de [illegible] modalidades [illegible] espectaculares: os voos à Leotard e saltos de mesa alemã.

RÂGUEBI

PARTIU PARA MARROCOS A SELECÇÃO PORTUGUESA

Partiram hoje do aeroporto de Lisboa para Marrocos, onde vão disputar o seu segundo jogo da «Taça das Nações», os ragueblistas portugueses que constituem a selecção nacional da modalidade.

A delegação portuguesa é chefiada por Luís Caldas, secretário [illegible] da Federação [illegible] de [illegible] lecionador [illegible] Francisco Guedes, L. Penha [illegible] e Costa, A. Penha e Costa, Nuno Lino e Bessa, do C. D. U. L.; Neto, Silvestre, Trindade, Nobre e Gaspar Ramos, do Benfica; Cunha, de Direito; e Ernesto, de Económicas.

Apesar de a derrota no Lavradio ter tornado mais difícil a classificação da equipa [illegible] de esperar, [illegible] melhor comportamento [illegible] português [illegible] do Norte [illegible] Barros, Costa, [illegible] Lisboa [illegible] Francisco Guedes, L. Penha guebistas.

EM COVENTRY, SELECÇÕES DE «ESPERANÇAS»

SÓ TEVE «MEIO-CAMPO» A EQUIPA DE PORTUGAL

• INGLATERRA, 4 - PORTUGAL, 0

COVENTRY, 17 — (*Especial para o «Diário de Lisboa»*) — No mesmo dia em que em Lisboa alguns celebrados jogadores portugueses soçobraram, sensacionalmente, diante da equipa suíça, também as «Esperanças» lusas, aqui em Coventry, contra as da Inglaterra, baquearam por 4-0.

Será caso para afirmar que ontem soprou forte aragem em desfavor do futebol português, cujo futuro parece apresentar-se-nos de sombrias perspectivas, já que o presente se nos afigura inundado de perturbações de mau augurio.

Os «sebastianistas» do futebol lusitano, que continuaram amarrados às glórias do passado, deveriam ter sofrido profunda decepção...

Mas reportemo-nos ao desafio de Coventry.

O «team» inglês deu algumas preocupações ao seleccionador Alf Ramsey, por lhe faltarem alguns elementos tidos como insubstituíveis, tais como Hurst, Royle, Osgood e Hughes, mas, diante da frágil equipa lusitana, não lhe foi grandemente difícil conseguir triunfo substancial.

Diga-se que determinados jogadores portugueses revelaram indiscutíveis recursos, mas os seus adversários mostraram-se superiores em todos os pormenores futebolísticos, desde o conjunto sólido e maciço, por vezes pesado e monótono, aos primores de execução individual e a um poder atlético que, á força de repetido, já de maneira alguma poderá surpreender a luso gente.

O encontro revestiu-se continuamente de uma feição de claro predomínio inglês, revelando-se o quadro português vulnerável na defesa e mais ainda no ataque. E esta inferioridade ofensiva, cremos nós, também já não oferecerá surpresas de maior a quem quer que seja...

Em conjunto, os portugueses deram débil amostra de possibilidades, parecendo amiúde que alguns deles formavam equipa pela primeira vez. Na defesa registaram-se lapsos consecutivos, provenientes de desorganização e de falhas de atributos técnicos, embora todos os seus componentes se houvessem batido sempre com brio e voluntariedade, até ao limite da sua resistência, o que frequentemente, aliás, costuma definir a acção dos defesas nestas andanças internacionais.

No ataque é que tudo se conjugou para redundar em acção paupérrima, muito ao sabor, igualmente, do futebol português. Trabalho descomandado, escassez de audácia em tentativas de natureza individual, daquelas que amiúde conduzem ao remate mais ou menos fácil ou às situações de golo á vista. E, em conjunto, actuação de autêntica mediocridade. Nem individualismos firmes nem ligação a solicitar e a criar oportunidades de golo. Portanto, um ataque destinado a franco malogro. E foi o que naturalmente sucedeu.

Em especial os dianteiros não poderão queixar-se da tarefa apagada dos colegas do meio-campo. Porque foram precisamente os «centro-campistas» os que se distinguiram por uma acção perfeita e caracterizada por repetida eficiência. Quer dizer: foram eles — Pavão e Toni — os mais destacados elementos da equipa, não se esquecendo o defesa Murça, cuja acção, só por si, chegou, em determinados trechos, a notabilizar todo um compartimento defensivo.

Do «team» inglês há que analisá-lo em globo e não pelas individualidades que o constituíram. Um conjunto forte, poderoso, forte e poderoso de mais para o dos adversários. No entanto, nele houve uma «estrela» de rutilante grandeza. Queremos referir-nos ao avançado Clarke, do Leicester. Um avançado de real categoria, daqueles que enchem de fulgor um campo de jogos e o labor que despendem.

Em suma: a equipa inglesa obteve um triunfo fácil, talvez mais fácil do que esperava. As «Esperanças» portuguesas foram pouco «esperançosas», aparte os três referidos elementos. Aliás o conjunto não os favoreceu. Navegaram ao sabor da corrente, raramente assinalando espírito de entreajuda. E não houve aquela determinação, aquela imaginação e aquele irrequietismo que costumam distinguir os jogadores latinos, em especial, e os portugueses, em particular, quando os tempos correm de feição e pão existem nuvens negras a acastelar-se no horizonte... E, quando a condição atlética não ajuda, então os malogros surgem com um realismo ainda mais chocante. Na verdade, foram pouco esperançosas, aqui, em Coventry, as «Esperanças» de Portugal...

Árbitro: Vang Ewert (holandês).

INGLATERRA — Shilton; Smith, Booth, Sadler e Pardoe; Boyle, Robson e Clarke; Coats, Evans e Simons.

Aos 26 minutos do segundo tempo, Nish substituiu Sadler.

PORTUGAL — Fonseca; Barros, Calú, Adriano e Murça; Mário Campos, Toni, Pavão e Nené; Nelson e Cameira.

No segundo tempo, Chico substituiu Cameira.

Ao intervalo: 2-0.

Golos de Clarke (9 e 40 m. da primeira parte), **Simons** (24) e **Robson** (60).

Fase do jogo Sporting-Desportivo de Lourenço Marques. Os «leões» estão no ataque

BASQUETEBOL

O SPORTING A UM PASSO DO TÍTULO NACIONAL?

Realizou-se ontem a penultima jornada do Nacional de Basquetebol. Os «leões» com a vitória de ontem devem ter assegurado o título absoluto (claro e com o maior respeito pelo Sporting de Luanda), a possível vitória deste no encontro de hoje.

O jogo de ontem começou equilibrado, com as equipas a alternarem na defensiva, homem-a-homem e «zona flutuante».

Os homens do Sporting actuaram muito bem no capítulo defensivo, em que construíram uma barreira tal que os ataques moçambicanos não conseguiam penetrar. Não surpreendeu, portanto, que passados alguns minutos o Sporting, saindo bem para o contra-ataque, começasse a usufruir de vantagem, que mais se acentuou a partir do meio da segunda parte, acabando, por vencer de forma indiscutível e com toda justiça pela diferença expressiva de vinte e nove pontos.

Esta equipa do Desportivo quedou-se na vulgaridade idêntica às equipas médias existentes na Metrópole. Esperávamos mais, de facto, do representante de Moçambique.

No primeiro encontro da noite, a Académica venceu (sem contestação) o Sporting de Luanda, dominando o encontro de início ao final. Os rapazes de Angola, como tem sido seu apanágio, lutaram abnegadamente. Mas, pareceu-nos que alguns dos seus elementos já não possuem a mesma frescura física do início da competição. É mais que justo salientar (e aqui abrimos uma excepção devido á regularidade das suas actuações) o jogador Carvalho, «pivot» do Sporting de Luanda, que de facto mostrou ser fora de série (pela facilidade de processos e eficiência). Sósinho na tabela, deu luta aos vários «tabeleiros» das restantes equipas.

Alinharam e marcaram:

ACADÉMICA (81) — Reis Pires (6), L. Almeida (27), Guy (22), Hilário (2), Baganha II (13), Gomes (5), Sequeira (2), Sérgio (2), Catarino e Ching (2).

SP. LUANDA (61) — José Santos (7), José Maria (5), Carvalho (30), Macedo (8), Barbosa (2), Barroso (1), Guimarães Santos (3) e Guerreiro (2).

Árbitros — José Cardoso e Orlando Rebelo.

DESPORTIVO (45) — Paulo Carvalho (14), Lima (4), Alemão (9), Arruda, Lopes (3), Alves (6) e Aurélio (9).

SPORTING (74) — José Mário (5), Encarnação (18), Sousa (8), Augusto (11), Sobreiro (19), Valente (10), Monteiro (6) e Vicente (2).

Árbitros — Carlos Tomás e A. Baptista.

Classificação — Sporting, 9 pontos; Académica, 8; Desportivo, 8 e Sp. Luanda, 5.

TIRO EM BRAGA

O Clube dos Caçadores de Braga promove, de amanhã a domingo, provas extraordinárias de tiro ao voo, dotadas com valiosos troféus e magníficos prémios pecuniários.

O programa é o seguinte:

AMANHÃ — Taça «Raul Dias» e quarenta mil escudos. Distancias de tiro: vinte e dois, vinte e cinco e vinte e sete metros. A «poule» é a um pássaro.

SÁBADO — Campeonato do Clube («Taça Camara Municipal de Braga») e setenta mil escudos «Poule» em quinze pássaros a 26 metros de distancia.

DOMINGO — Grande Prémio («Taça de Ouro do Governo Civil de Braga») e noventa mil escudos. Prova de «poules» em doze pássaros, com «handicaps».

As inscrições de tiradores fazem prever um insuitado movimento de interesse em torno destas competições que, por iniciativa do Clube dos Caçadores de Braga e sob o patrocínio da Federação Portuguesa de Tiro a Chumbo devem atrair, á capital do Minho, inúmeros forasteiros.

Não se tem poupado a esforços, no sentido de reunir o melhor conjunto de atiradores do momento, a direcção do Clube, constituida por Fernando Gomes, Vitor Laranjeira, Joaquim Manuel Ferreira, José Peixoto Rodrigues, Alberto Jorge Terroso Gomes, João Vieira e Mauricio Freire.

TORNEIO DE TIRO AOS PRATOS

O Clube dos Caçadores Portugueses realisa no dia 20 no stand dos Soeiros, um torneio de tiro aos pratos para o qual foram instituidos valiosos prémios e troféus.

HOJE À NOITE

BADMINTON — Primeira jornada do Torneio de Pares-Veteranos, promovido pelo Clube de Badminton de Lisboa, na Escola Nuno Gonçalves, às 21 e 45.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da 1.ª Divisão (masculino): Sporting-Sporting de Luanda, às 21 e 15; e Académica-Desportivo de Lourenço Marques, às 22 e 30, no Pavilhão da Tapada da Ajuda.

GINÁSTICA — Posse dos dirigentes eleitos para cargos vagos, na Federação, às 21 e 30.

TÉNIS DE MESA — Torneio Popular de Séniores: Série A: Palmeiras-Oriental, Benfica B-Lusitano e Combatentes-Vitória. Série C: Empresa de Alvalade-Benfica B e Académica 1.º de Junho-Bairro Tacha, às 21 e 30, nas mesas dos primeiros.

— Campeonato de Lisboa de Senhoras: Combatentes-Sporting, na mesa do primeiro, às 21 e 30.

— Sorteio das mesas e dias do 2.º mês da Taça de Portugal de Seniores (fase de Lisboa), entre o Sporting e o Benfica, na Associação, às 21 e 30.

VOLEIBOL — Campeonato de Lisboa de Seniores: C. D. U. L.-Faculdade de Ciências, e Faculdade de Ciências, às 22 horas.

CICLISMO

NÃO VAMOS À «VUELTA»...

Comunica a Federação Portuguesa de Ciclismo:

«Por sugestão do Conselho Técnico, realizou-se ontem, na sede desta Federação uma reunião entre os ciclistas indicados como possíveis seleccionados, o técnico Manuel Graça e os membros [illegible] em que [illegible] encontravam os referidos ciclistas e bem assim [illegible] participação na Volta a Espanha.

Após troca de impressões [illegible] foram declarado pelos ciclistas não se considerarem com suficiente preparação para tomar parte naquela dura prova.

Este facto não foi também desconhecido pelos respectivos directores desportivos de clubes da F. C. Porto e Sporting.

Como não é a esta Federação que compete dar a adequada preparação aos ciclistas e entretanto o problema tem de ser posto não haver a ilusória [illegible] de uma representação condigna dos [illegible] nacionais, combate com profundo pesar, deliberou esta Direcção não participar na aludida prova.»

Sobre o assunto o presidente da Federação de Ciclismo, Idalino Freitas, declarou-nos esta manhã:

— A maior parte dos ciclistas ainda não pensou, imediatamente, a diferença[illegible] uma prova desta envergadura. Além disso, houve outros problemas [illegible] Mesmo [illegible] [illegible] Bahamontes [illegible] [illegible] [illegible]

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreias de hoje — UM IMPÉRIO NA SELVA — Politeama — FALEMOS DE HOMENS — Estudio 444 — HISTÓRIA DE UM ASSALTO — Avis

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 356265
HOJE, À NOITE, às 21.30
ESTREIA DE ALTA EMOÇÃO com MARTIN MENDER
UM IMPÉRIO NA SELVA
A história de três aventureiros num audacioso desafio à morte (col.)

HOJE, às 18.30
SESSÃO CLÁSSICA
(Maiores 17 anos)

ODEON
Tel. 320583
Às 15.15 e 18.15 (P.r.) e às 21.30
GRANDIOSO ÊXITO
Uma comédia em alto estilo de fascinação espectacular
AMOR ANDALUZ
com Carmen Sevilla, Francisco Rabal e Arturo Fernandez
LINDAS CANÇÕES
Eastmancolor

IMPÉRIO
(M. 12 anos) Tel. 865134
A maior produção cinematográfica do mundo!
5.ª e última semana
AUSTERLITZ
1.º episódio de «GUERRA E PAZ»
70 mm — Mosfilm
Realização de Sergei Bondarchuk inspirado na obra de Leo Tolstoy
Horário das sessões:

Sessão	Fecha
15.00	18.15
21.30	21.45

ESTÚDIO
(M. 12 anos) Tel. 68560
As 15.30 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
Technicolor Technoscope
CHARLY
Um filme de Ralph Nelson com Cliff Robertson e Claire Bloom

LIDO
Praça D. João I — Amadora
(M. 12 anos) Tel. 937595
Às 21 e 30
O mais original filme musical de todos os tempos!
CHITTY, CHITTY BANG BANG
Em maravilhoso 70 mm com Dick Van Dyke

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 778085
ESTREIA — Às 21.45
A completa dissecação do homem pelos processos mais femininos!
FALEMOS DE HOMENS
c/ Nino Manfredi e Margaret Lee

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 527172
As 15.15, 18.15 e 21.30
O maior filme policial dos últimos vinte anos
STEVE MCQUEEN é
BULLITT
TECHNICOLOR

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763080
As 15.45 e 21.45
O maior filme policial dos últimos vinte anos
STEVE MCQUEEN é
BULLITT
Você jamais o esquecerá!

EDEN
(Adultos) Tel. 329766
As 15.15, 18.30 e 21.45
O maior filme policial dos últimos vinte anos
Você jamais o esquecerá!
STEVE MCQUEEN é
BULLITT
TECHNICOLOR

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Tel. 320917
As 21 horas
AS DUAS MULHERES MODELOS DE PARIS

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21.30
A FLOR AMARGA
com Melodie Dare, Anouk Feijac e Henri Garcia

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
As 21 horas
A CONDESSA DE HONG-KONG
O MISTÉRIO DO CÍRCULO VERMELHO

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 48533
As 21 horas
A MULHER DESCONHECIDA
DINGAKA

AVIS
(Adultos) Tel. 47163
As 21.45 — ESTREIA
HISTÓRIA DE UM ASSALTO
Eastmancolor — Deltascope
c/ Tessa Millian e Anita Ekberg

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 54153
3.ª SEMANA
As 15.15 18.15 e 21.30
Uma verdadeira pandega cinematográfica
A FESTA
com Peter Sellers e Claudine Longet

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 56586
As 3 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
Alain Delon, Romy Schneider e Maurice Ronet em
A PISCINA
Um filme de Jacques Deray

CONDES
Telefs. 232523 - 236710
As 15.15 e 21.15 (Adultos)
3. SEMANA
70 mm — Metrocolor
E TUDO O VENTO LEVOU
c/ Clark Gable, Vivien Leigh, Leslie Howard e Olivia de Havilland
O filme começa a ser exib.do 10 minutos depois do início das sessões

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
As 15.15 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Edward G. Robinson e Janet Leigh na empolgante história de um roubo audacioso
O ÚLTIMO TRUNFO
Cinemascope - Technicolor
Um filme que é um êxito!

Metro: Estação Picoas

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
As 15.15 e 21.30
EM 3.ª SEMANA
uma comédia picante e maliciosa!
c/ David Niven e Lois Albright
A MINHA FILHA É UM PROBLEMA
SCOPE — COLOR

MONUMENTAL
(Adultos) Tel. 555131
As 18 e 21.30
4.ª SEMANA
FUNNY GIRL
Uma rapariga endiabrada com Barbra Streisand e Omar Sharif

QUINZENA
O AMOR NO CINEMA
Amanhã — 18.30 h. — Adultos
FÚRIA DO DESEJO, de King Vidor, com Charlton Heston, Jennifer Jones, Karl Malden
Dia 21: O Grande Amor da Minha Vida (Adultos)

ROMA
(Adultos) Tel. 787778
As 15.15 e 21.15
3.ª SEMANA
O FILME DOS 10 OSCARES!
E TUDO O VENTO LEVOU
70 mm — Metrocolor
c/ Clark Gable, Vivien Leigh, Leslie Howard e Olivia de Havilland

Atenção: o filme projecta-se 10 minutos após o início da sessão

CASINO ESTORIL
(M. 12 anos) Tel. 268728
As 17 e 21.30 horas
OS TEUS, OS MEUS E OS NOSSOS
c/ Lucille Ball, Henri Fonda, Van Johnson e Tom Bosley

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «Anatomia de uma história de amor» (17 anos).
A B C — Às 20 e 45 e 23: «Eles é que sabem» (17 anos).
VARIEDADES — Às 21 e 45: «Cartas na mesa» (17 anos).
GIL VICENTE — Às 2 e 45: «Mona Stuart» (12 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e 23: «Mãos à Obra» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 21 e 45: Quando ela se despiu» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e 23: «A Preguiça» (17 anos).

Atrás do reposteiro

- *Está quase completo o elenco da companhia de revistas que o empresário José António de Macedo está a preparar para o Teatro Vale Formoso.*
- *Tudo indica que, no próximo Verão, estejam abertos todos os teatros de Lisboa.*
- *O novo Teatro Maria Matos deve ser inaugurado em Outubro.*
- *Os ensaios de revisão das peças que a actriz Laura Alves pensa levar a África*
- *Foi contratado para o elenco do Teatro Maria Matos o actor Mário Pereira.*
- *Não está posta de parte a possibilidade de a companhia do actor Henrique Santana vir a apresentar alguns espectáculos no Teatro Laura Alves.*
- *O actor Rogério Paulo deve ser o ensaiador da peça «Black out» a subir à cena no Teatro Villaret*

CINEMAS

CINEARTE — Às 21: «O ódio que gerou o amor» (17 anos)
PARIS — Às 21: «A Lenda de uma estrela» (12 anos)
ROYAL — Às 21: «Gargalhada permanente» (12 anos)
ARCO ÍRIS — Às 2 : «7 Pistolas magníficas» (17 anos)
JARDIM — Às 2 : «O grande Carnaval» (12 anos)
OLIMPIA — Às 9 «Continente perdido» (12 anos)
CINE-MOSCAVIDE — Às 21: «Adeus amigo» (12 anos)
PROMOTORA — Às 21: «O audaz agente especial» (17 anos)
CINE ORIENTE — Às 21: «A morte espera em Atenas» (12 anos).
UNIVERSAL — Às 2 : «O homem de Oklaoma» (12 anos)
A VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «As cartas do escorpião» (12 anos)
ENCARNAÇÃO — Às 4 : «A lenda de uma estrela» (12 anos)
VOZ DE LOURES — Às 2 e 30: «A noite perversa» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 9: «Montanha de Luz» (17 anos)

● Linha de Cascais

PAREDE — ROYAL CINE — Às 21: «Os longos dias de vingança» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 17 e às 21 e 30: «Os teus os meus e os nossos» (14 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Quem tem medo de Virgínia Woolf» (17 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 5: «Vive Django» (17 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 2 e 5: «Se o meu marido ofende desligue» (17 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 2 e 5: «O Diabo atrás do portão» (7 anos)

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «O grande mestre se entrega» (17 anos)
VENDA NOVA — CINE PORTUGAL — Às 2 e 5: «O enganador atira à esquerda» e «Máscara do Zorro» (. anos.
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 2 e 5: «Deserto em chamas» e «Kongo» (12 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Blue» (17 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — — Às 21 e 30 «A revolta dos Cossacos» (12 anos

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno C

ALVALADE — Sanez, Av. da Igreja, 3-C (716905) e Aeroporto Av. Gago Coutinho, lote 101-D (à Av. D. Rodrigo da Cunha) (722384) e Rio de Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C (à Av. Estados Unidos da América) — (72 409)
ALCANTARA — Vieira Rosa, Rua Prior do Crato, 14 (660 87)
ALMIRANTE REIS — Centro, Av. Almirante Reis, 16-A (44373)
ALTO DO PINA — Ibéria, R. Barão de Sabrosa, 235-A (à Alamedal (728477)
AVENIDAS NOVAS — Campo Pequeno, Av. da República, 58-D-E, (77 66) e Figueiras, Av. Marquês de Tomar, 20 (44995) e Cruz Nunes, Pr. Duque de Saldanha 4 (4 845) e Novais, Av. Luís Bivar, - 8 (443241)
ARCO DO CEGO — São Jorge, Av. Rovisco Pais, 32-A-B (534027)
AREEIRO — Algarve, Av. de Roma, 1-B (777478)
ARROIOS — Santos, Rua Morais Soares, 91-F (844350)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascensão, R. 27, n. 4 (8 2 6)
BAIXA — Silva Carvalho, R. dos Fanqueiros, 26 (326575)
BELÉM — Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias 63-A (6 1454)
BENFICA — Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-A (704868) e Vitoa, Est. de Benfica, 373-B (780548) e J. Ribeiro, Estrada de Benfica, 459-A (780088)
CAMPO — Santos, Pr. [illegible] de Camões, 2 (32 [illegible])
CAMPO DE OURIQUE — [illegible] Ferreira, R. de Campo de Ourique, 31-133 (686640) e Elias, Rua D. Maria Pia, 358-A (686176) e Urbana, de Freitas, Rua Silva Carvalho, 9 (562838)
CAMPO DE SANTANA — Silmar, R. de S. Lázaro, 28 (428294)
ENTREGAMPOS — São Miguel, Pr. Francisco de Morais, (77 469)
ESTRELA E LAPA — Pagés, Prolongamento da R. Possidónio da Silva, 62-A (669485) e Mota Capitão, Ruc de São Félix 145-A (660720)
CAMPO GRANDE — Estrela, E. Grande, 220-222 (772397)
CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge — Galinheiras (790969)
CAMPOLIDE — Justos de Oliveira, R. de Campolide, 54-A (684424)
GRAÇA — Silva, Calçada de Sant'Ana, 6 (862074) e Brasileira, Rua dos Sapateiros, 87 (842725)
ESTEFÂNIA — Fonseca, R. Rodrigo da Fonseca, 9 (43340)
JANELAS VERDES — Reis Gomes, R. das Janelas Verdes 90 (652371)
LUMIAR — Central, R. do Lumiar, 77 (790480)
MARQUÊS DE POMBAL — Liberal Av. da Liberdade, 219 (43641)
OLIVAIS — Central dos Olivais, Rua Alferes Barriaro, Ruas 7-C Olivais-Norte (3 5589) e Antunes Reses, R. C, Lote 99 Olivais-Sul (3 86 0)
PICHELEIRA — Luzmar, R. João do Nascimento Costa, 6-A (T P C 128395-120108)
RATO — Vicente de Jesus, Largo do Rato, 3-C-D (68 947)
REGO — Larangeiras, R. Filipe da Mata, 60-62 (76 085)
RESTELO — Belém, R. Tristão Vaz O-A (à Encosta do Restelo) (61 2248)
SANTO AMARO — Gomes, Sucs., R. da Junqueira, 526 (638 93) e Costa, R. dos Lusíadas, 32 (636704) e Diana, R. Aliança Operária, 49-A-B (636620)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Conceição, Calç. D. Gastão, 80-82 (38 279)
S. BENTO — Fonte, R. da Cruz, dos Poiais, 52 (67853)
MOSCAVIDE — Império, Rua de Olivença 44 (Tel 251 820)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Branco, Av. Comb. G. Guerra, 89 (21208)
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 7-A (242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel 243 0039)
OEIRAS — Central, Rua João Tavares Simões, 6 (2420058)
PAREDE — Alste, Av. Gago Coutinho, — Barra dos Caixas de Previdência (2472948)
ESTORIL — S. João, Rua João de Estoril (26 86)
MONTE ESTORIL — Gutenda, R. da Espinha, (260997)
CASCAIS — Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (280170 — Nova, Estrada de Alvide — Fontainhas (281044)

● Linha de Sintra

AMADORA — Cavaco, R. Elias Garcia, 209 (9300 9 — Fiame, R. Elias Garcia, 18-B (Tel 932485) — Centenário, Av. D. Nuno Alvares Pereira 5-A (938 49)
DAMAIA — Damaia, R. Alexandre da Guerra, 5-A (970528)
QUELUZ — Gil, Av. Marquês Bombarda 38 (960173) e Bastos Lopes, Av. Elias Garcia, 5 — (930128)
CACÉM — Central, R. Elias Barbosa, 66 (960084)
MEM MARTINS — Quinta da Mem Martins, 485, (9900123)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (980456
SINTRA — Monteiro (Vila), Lg. Rainha D. Amélia, 20 (980059).
VENDA NOVA — Nova, R. Elias Garcia (933920)
COLARES — Colares, Aldeia, (Tel 929088).

● Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes & Coronel Ramos do Canto (Tel. 234 87).
ALHOS VEDROS — Portugal, Av. da Boa Boca (2 24250)
ALMADA — Central, R. de Olivença, 7-B (2705M)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Est. Nacional 11-B (224 4)
BARREIRO — St. Maria, Rua do Lavradio, 77-C (2 2 4)
COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues, Av. 5 de Outubro 62 (270 2)
MOITA — União Moitense, Av. dr. Teófilo Braga (89025)
MONTIJO — Giraldes — R. Almeida Garrett (Tel. 32 0)
SESIMBRA — Leão, Rua Visconde (229471)
SETUBAL — Marques, R. Arrabidas Junqueiro (22783) e Bonfim, Av. Rodrigues Manitta, 12 (24556)
SEIXAL — Seromenho, Rua Pedro Cunha 58 (22 8[illegible])

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

AGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Aguas 861353 e Companhias Reunidas, 887011 e Gazcidla 555521 e Gazcidla dom. e feriados 882069.
BOMBEIROS — Sapadores 222222 e Voluntários 388524
POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 e Segurança Pública, 866141 e Judiciária, 535380 e Marítima, 826456 e Internacional, 862721 e Viação e Trânsito, 42205 e G.N.R. (área rural), 860665.
SAÚDE — Cruz Vermelha, 685342 e Banco Hospital permanente, 766161 e Enfermagem de urgência, 45739 e Hospital de Santa Maria, 775171 e Hospital de S. José 860131 e Sangue, oxigénio e soros 781168, 778169 e Transfusões, soros e oxigénio, 388524 e Centro de Intoxicações (intermitente), 767777, 761176 e 765456
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 e Caminhos de Ferro (G. Pe. 869020 e Caminhos-de-Ferro (Estoril), 261121 e Estação fluvial (T. Pass) 325385 e Estações Marítimas de Alcântara, 668195 e Estação Marítima da Rocha, 672445 e Estação fluvial (Belém), 688581

BOM APETITE

RESTAURANTE «O CONVES»
Av. Paulo Bernardo, 1 — Telef. 91122 - 91346
RESTAURANTE, SNACK, PASTELARIA
O TODOS OS NORTES
Especialidade em Bacalhau
Ementa variada
RICARDO NASCIMENTO

«PUXA-DA NAU»
Ambiente Típico
Ementa variada
Especialidade em Bacalhau
RICARDO NASCIMENTO

XANGAI
Av. Duque de Loulé, 26-B — Telef. 5 72 79
(frente à Embaixada Americana)
ESPECIALIDADE DIÁRIA
GALINHA TO LYN
CHAB CHAO

MINABELA
Restaurantes Churrasqueiras Pastelaria
Estabelecimentos de primeira especialidade
AMADORA — Tel. 950151-2
QUELUZ — Tel. 951611

RESTAURANTES «O MANEL»
Todos os dias o famoso CAMPERIA e ARROZ DE FRANGO À MINHOTA
LARGO DO REGEDOR, 1
TELEF. 54982

RESTAURANTE QUINTA DA PRIMAVERA
Telheiras de Cima, 44
Telef. 790211
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo aos Sábados e Domingos
AMBIENTE FAMILIAR
AR CONDICIONADO
Parque privativo para automóveis

NOVO RESTAURANTE E SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA, Lisboa-Setúbal
Telef. 22 12 44
LOCAL AFRAZIVEL PARA ALMOÇAR, TOMAR CHÁ E JANTAR

Diário de Lisboa

DL

Propriedade de Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOÁ. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

LUTA ENTRE FACÇÕES DIVERGENTES NA ITÁLIA

PADUA, 17 — (F. P.) — Houve grande agitação em frente da municipalidade desta cidade quando o Conselho Municipal discutia os acontecimentos de Batippaglia.

Uns 50 jovens «neofascistas», armados de pau e de revólver lança-chamas, enfrentaram um grupo de «antifascistas». O combate foi violento. A Polícia interveio para separar os dois grupos antagonistas. Os «neofascistas» abrigaram-se na sede provincial da sua organização e barricaram-se. A Polícia conseguiu desalojá-los e conduzi-los à esquadra. Um comissário da Polícia foi levado ferido para o hospital. Também ficaram ligeiramente queimadas duas pessoas.

Entretanto, no Conselho Municipal reinava também a agitação quando começou a ser discutida uma ordem do dia (comunista) acerca das manifestações de Batippaglia, um conselheiro do Movimento Social Italiano (neofascista) exaltou a juventude do seu Partido, da qual se declarou «representante qualificado». Todos os outros vereadores abandonaram a sala em sinal de desaprovação. Quando recomeçou a sessão o presidente acusou severamente o representante do M. S. I.

BOMBA EM PALERMO

PALERMO (Sicília), 17 — (R.) — Durante a noite explodiu uma bomba nesta cidade junto da sede do Partido da Extrema-Direita «Giovane Itália», segundo revelou a Polícia.

A bomba era de fraca potência e causou estragos ligeiros partindo principalmente os vidros das janelas.

Em Novembro do ano passado a sede deste mesmo Partido já tinha sido atacada por desconhecidos que arrancaram e rasgaram cartazes e bandeiras.

Este foi o último de uma série de atentados à bomba registados nas últimas semanas na Itália, os quais em algumas cidades têm sido feitos contra igrejas, postos da Polícia e até contra o edifício da Bolsa de Milão.

REMODELAÇÃO NA CHECOSLOVÁQUIA?

PRAGA, 17 — (F. P.) — Segundo os boatos persistentes que circulam em Praga, o «Praesidium» do Comité Central do P. C. Checoslovaco iria propor ao Comité Central esta tarde as seguintes modificações:

— Dubcek seria substituído como primeiro-secretário do P. C. Checoslovaco por Gustav Husak, e passaria para presidente da Assembleia Federal;

— Husak seria substituído no cargo de primeiro-secretário do P. C. Eslovaco por Stefan Sadoesky, actual chefe do Governo eslovaco. O actual presidente da Assembleia Federal, Peter Colotka, substituiria Sadoesky na chefia do Governo eslovaco;

— Por fim, Josef Smrkovsky seria afastado do «Praesidium».

CONDENAÇÃO DAS MANIFESTAÇÕES

PRAGA, 17 — (F. P.) — Todas as resoluções das diferentes organizações do Partido Checoslovaco, sem excepção — há 1432 — chegadas ao Comité Central desde 2 do corrente, condenam as manifestações da noite de 28 para 29 de Março, indica hoje de manhã o órgão do P. C. Checoslovaco, «Rude Pravo».

Parte destas resoluções — indica o jornal — pergunta se o Ministério do Interior não teria tido possibilidade de prever os acontecimentos e de os impedir.

Setenta e cinco por cento afirmam concordar com o comunicado do «Praesidium». A maior parte das resoluções aprovando o comunicado do «Praesidium» vêm da Eslováquia.

PRISÕES EM SAIGÃO

SAIGÃO, 17 — (R.) — A Polícia de Saigão prendeu nesta cidade 26 intelectuais, entre os quais médicos e escritores, depois de ter descoberto uma célula comunista na alta sociedade de Saigão.

A célula incluía ainda uma mulher de grande beleza, realizadora de cinema, e um especialista em Ciências Económicas e Financeiras.

A Polícia apresentou numa conferência de Imprensa os principais implicados, incluindo Nguyen Lau, director do jornal de língua inglesa «Daily News».

Foram apresentados aos jornalistas alguns objectos apreendidos, incluindo armas, explosivos e livros que continham esconderijos.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal o céu estava pouco nublado ou limpo, o vento era fraco e havia nevoeiro em alguns locais para norte da serra de Sintra.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima, Lisboa e Alvalade 19° mínima Penhas do Sol 4°.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 11°; Faro, 8°; Funchal, 6°; Lisboa, 9°; Penhas Douradas, —°; Portalegre 9°; Porto 7°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SOL — No aimosfera 6°,8, na água do mar, 5°,7.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Continuação do bom tempo com possibilidade de formação de nevoeiro durante a madrugada na faixa costeira ocidental. Vento fraco.

Amanhã
Nascer do Sol 6 e 57
Ocaso do Sol 20 e 16

Dia 24 Dia 2 Dia 8 Dia 16

MARÉS.

PRAIA-MAR: Dia 1 — 1 e 32 (4,2 m), 6 e 54 (4, m) Dia 18 — 5 e 10 (4,1 m), 17 e 36 (4,0 m) Dia 19 — 5 e 47 (3,9 m), 18 e 09 (3,9 m) BAIXA-MAR Dia 17 — 0 e 7 (0,8 m) 22 e 35 (0,8 m) Dia 18 — 10 e 50 (0,9 m) 23 e 10 (0,9 m) Dia 19 — 11 e 23 (1 m) 23 e 44 (1 m).

SR.ª KRUCHTCHEVA

Kruchtchev na Imprensa soviética

PRAGA, 17 — (R.) — O jornal checoslovaco «Mlada Fronta» publica hoje uma fotografia do antigo dirigente soviético Kruchtchev a propósito dos seus 75 anos, apesar das restrições impostas pela censura.

Na fotografia, Kruchtchev, que foi substituído no Poder pelos actuais dirigentes do Kremlin, aparece em companhia do falecido presidente Eisenhower e a legenda diz que uma das fases mais importantes da sua carreira política foram as negociações com Eisenhower no Verão de 1959.

«Kruchtchev era, nessa altura, um dos mais populares estadistas do Mundo» — afirma o jornal.

Conta Universitária
BANCO DO ALENTEJO

ESTA SEMANA
motor
SAI AMANHÃ
COM 32 PÁGINAS
com amantes de grande actualidade, artigos de maior interesse e, além de todas as suas secções habituais,
Um Suplemento dedicado à NAUTICAMPO
Preço 2$50

De vez em quando

Futebol é assunto inesgotável após a jornada infausta de ontem. As esperanças perderam em Coventry e os que tinham algumas no jogo de Alvalade perderam-nas, sem apelação nem agravo ao fim de noventa minutos. Jogámos admiràvelmente, fizemos alarde de grande classe, exibimos valores individuais de alto nível, mas perdemos... Como se diz em linguagem futebolística, fraquejámos na hora da verdade. Agora, generalizando, continuamos a ser excelentes pessoas, argutos, trabalhadores, capazes de sacrifícios, óptimos chefes de família, somos todos muito bons... mas é o que estamos a ver.

V. D.

O ministro das Obras Públicas vai amanhã a Cascais

O sr. eng.º Rui Sanches, acompanhado do governador civil de Lisboa, dos directores-gerais e técnicos do seu Ministério e do presidente do Município de Cascais, desloca-se amanhã, em visita de trabalho, àquela vila e respectivo concelho.

Às 9 e 30 há uma reunião de trabalho, nos Paços do Concelho, para apreciação dos assuntos a tratar relacionados com diversos empreendimentos, como rodovias, esgotos, estabelecimentos de ensino, urbanização e saneamento, seguindo-se visitas a diversos locais.

RUSSOS: ENCANTADOS COM LISBOA

— Nunca pensámos que Lisboa fosse tão bela. Estamos absolutamente encantados.

Esta era uma afirmação unânime de todos os elementos do grupo de soviéticos que se encontram em Lisboa desde ontem, para uma curta estada de quinze dias. Um dos elementos mais destacados desse grupo, o prof. Gregory Boiadjeev, historiador e catedrático de teatro, declarou mesmo:

— É a primeira vez que estou na Península Ibérica [illegible] para exprimir o quanto me surpreendeu a vossa capital. Alguns membros do nosso grupo, que conhecem já a Espanha são de opinião que Portugal é mais belo e cativante. Por mim, da Europa, conheço muito bem Paris, onde tenho ido muitas vezes. A sensação que guardo dessa e de outras cidades porém, é a de um cosmopolitismo que se não encontra em Lisboa. A juventude, particularmente, tem um ar mais sensato, e as pessoas, com quem, aliás, ainda não tivemos ocasião de falar muito, parecem-me hospitaleiras e tímidas.

Acerca das suas experiências de Lisboa (deste período de escassas horas que já aqui passou) Gregory Boiajeev disse-nos:

— Admirei muito o Museu de Arte Popular, o Aquário Vasco da Gama, o Mosteiro dos Jerónimos, o Monumento das Descobertas, que tivemos a oportunidade de visitar esta manhã. Mas o que mais me surpreendeu foi a noite que ontem passei num «cabaret» de «fado (sic)» ouvindo uma grande artista, Fernanda Maria. Além de cantar muito bem, com [illegible] em português tem uma [illegible] em espanhol tem-me arrepiado. Foi trágico.

O representante da União das Associações Soviéticas para as Relações Culturais e de Amizade com o estrangeiro, Cholikov disse-nos também:

*— Estas primeiras horas são de verdadeiro encantamento. Todos nós estamos muito bem impressionados com a capital portuguesa. Vamos ter oportunidade de estabelecer contactos com vários escritores portugueses, [illegible] *

Visitas ao Teatro Nacional e ao Laboratório de Engenharia Civil

No Hotel Mundial, onde os membros da delegação soviética chegaram pouco depois de uma hora, para o almoço, todos queriam falar com os visitantes. O tempo, porém, escasseava, pois o programa desta tarde a cargo da Agência Trexpress, que organizou a excursão, inclui mais visitas e pontos turísticos da capital.

Amanhã, os elementos do grupo soviético irão ao Teatro Nacional, assistir a [illegible] Instituto e à distribuição dos prémios da Casa da Imprensa.

Um representante do Laboratório de Engenharia Civil deslocou-se de manhã ao Hotel Mundial, a fim de convidar o sr. [illegible] engenheiro, director do Museu de [illegible] Técnica do Exército, a visitar aquele [illegible] O convite foi imediatamente aceite. Perguntei: «Podemos levar outros elementos do grupo?». A resposta foi, evidentemente, afirmativa.

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação em [illegible] os bombeiros eléctricos.

SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO

N.º 559/17 DE ABRIL DE 1969

EU, MANOLO DIAZ

Entrevista de José Duarte (nas centrais)

Vailland ressuscitado: sob o inimitável regard froid, a duplicidade (dramática) do libertino

VAILLAND ÍNTIMO

por Álvaro Manuel Machado

VAILLAND contra Vailland. Vailland ou a arte da negação.

Quatro anos depois de morrer, Vailland ressuscita. E este Vailland ressuscitado agora nos seus *Ecrits intimes*, publicados pela Gallimard, é uma espécie de herói-mártir do nosso tempo, mantendo embora o seu inimitável *regard froid*. Para lá do Vailland resistente-libertino e do Vailland da «grande ilusão» política, para lá do Vailland perito do amor sádico, há ainda um Vailland possesso dos mitos e dos tabus sexuais da infância e da adolescência. E este último Vailland, que se mantivera até agora na sombra, surge como uma espécie de duplo do libertino: este afirma-se na medida em que luta desesperadamente por negar aquele.

Já com a publicação recente, nos *Cahiers de l'Herne*, dos textos completos e de um estudo sobre um dos primeiros movimentos surrealistas franceses, *Le Grand Jeu* (1), este aspecto psicanalítico de Vailland fora posto em evidência. Agora, ao longo das 840 páginas dos *Ecrits intimes* e através do estudo que a ele consagra o ensaísta Jean Recanati (do qual aparecerá brevemente na Gallimard o ensaio sobre Vailland *Esquisse pour la psychanalyse d'un libertin*) esse aspecto torna-se complexo e insofismável.

DROGA E POESIA

A primeira parte dos *Ecrits intimes* vai de 1923 a 1934. É a «*saison*» (utilizando o termo com que Vailland gosta de qualificar as metaformoses por que vai passando) da droga e da poesia. É a «*saison*» do surrealismo adolescente dos *Simplistes* do liceu de Reims. Droga e poesia são então para Vailland as únicas armas que utiliza contra a rígida tradição familiar católica e sobretudo contra o seu complexo de inferioridade perante as mulheres (há referências nestes *Ecrits intimes*, mais tarde, a um complexo de castração).

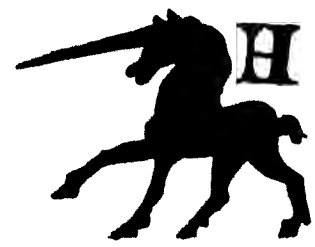
É curioso ver, para lá evidentemente da tão elementar estrura de pensamento filosófico, a maneira como Vailland — num artigo publicado no primeiro número do *Grand Jeu* (1928) a propósito dos *Bestiaires* de Montherlant — une o conceito de metamorfose ao conceito de religião: *Que dans toutes les religions la métamorphose, communion parfaite, ait été considérée comme un progrès dans la voie spirituelle, il n'est là rien d'étonnant pour ceux qui ont quelque peu médité sur l'Unité. (...) La multiplication et la confusion des formes est un premier pas vers la communion cosmique. C'est le commencement de la fusion en l'Unique.*

Paris e as mulheres são a primeira metamorfose de

(Continua na 7.ª página)

Vailland no traço de Vasco

Um curso sobre ALMADA NEGREIROS



Folhetim artístico de José Augusto França

UMA EXPERIÊNCIA acaba de ser feita que me parece de registar. Porque fui eu quem a fez, tenho sobre ela boa informação e mais certezas e dúvidas do que qualquer outra pessoa. Em boa verdade, porém, não fiz sòzinho esta experiência, mas com umas dezenas de pessoas que a justificaram.

Trata-se de um curso sobre a obra de Almada Negreiros, realizado no quadro da minha cadeira de «Noções de Sociologia da Arte» no Curso de Formação Artística na S. N. B. A. Doze lições programadas durante três meses, para cobrir a inteira e múltipla actividade do poeta, do dramaturgo, do escritor, do pensador e do artista. E para tentar definir ou entender a sua situação no complexo sócio-cultural português.

Sobre Almada Negreiros escreveram-se já, que eu saiba, duas teses de licenciatura em Românicas, uma em Lisboa outra em Coimbra, e em Bruxelas uma professora lusófila prepara um doutoramento — mas sempre sobre o homem de letras, deixando um pouco de parte o homem de arte, por alheia especialização dos pesquisadores. No entanto, ninguém em Portugal foi tanto de Arte e de Letras como Almada Negreiros. Numa cultura onde os dois domínios são tradicionalmente estanques, sendo breve a cultura literária dos artistas e aflitiva a falta dela nos escritores — o caso de Almada é único. Na geração seguinte à sua, situou-se no mesmo plano um António Pedro — mas com dosagem diferente da sua, no campo literário, e, em invenção poética, no campo das artes visuais, aonde trouxe uma dimensão cénica específica. Dele, de resto, penso ocupar-me no próximo ano lectivo, dentro do mesmo ensino do C. F. A. — ensino-marginal-mas-no-fim-de-contas-mais-actuante-que-o-outro...

Almada Negreiros é, assim, objecto universitário. Ele é também objecto cinematográfico: neste momento, preparam-se dois filmes sobre a sua pessoa e obra — um do Ernesto de Sousa, com colaboração de muita gente do dito C. F. A. e minha também; outro é do António de Macedo, com colaboração do David Mourão-Ferreira e pena minha em recusar a que me foi pedida, por anterior compromisso. Será também ele objecto dum livro-álbum que poderá sair do filme de Ernesto de Sousa, melhor, com certeza, do que já foi dum livrinho das Edições Artis que escrevi há meia dúzia de anos e se esgotou. Melhor ainda ele o poderá vir a ser, ou deverá ser, dum verdadeiro livro como há mais anos falhei escrever para outro editor — e do qual me ficou apenas, no bico da pena, o sabor dum título: *Almada Negreiros, ou o Português sem Mestre...*

Supervalorização, endeusamento, mitificação dum homem de carne e osso, como há quem pense? Não creio ou tenho a certeza de que não) que no meu curso falhasse algum sector crítico: de deuses nunca eu soube — e quanto a mitos, porque não? Em Portugal grassa, entre outros males, a necrofilia. Depois de morto é que é com o o fado do costume, cheio de pena de não se ter sabido em vida... Em vida, porém, a menos que o interessado faça por isso, com indiscreta presença nos jornais — é o silêncio da tumba. Matam-se as pessoas em vida, para as ressuscitarem depois de mortas. Estranha situação cristã! Assim se passou com o Amadeo — e disso todos temos uma culpa de quarenta anos, desde 1916 até 1956... Haver pessoas a não deixarem que assim seja com o Almada — é pecado que ás outras parece mal e perigosíssimo para o seu descanço.

...Quanto a mitos, porque não? — se soubermos socioculturalmente o que um mito é. Sem dele termos medo? O mito tem um empenho vivencial em que nós próprios entramos, com os nossos desejos e as nossas necessidades. Que Almada tenha sido, de variadíssimas maneiras, um catalisador desses desejos e dessas necessidades, é um facto histórico. Ele constitui, de resto, na vida mental portuguesa, uma rara garantia da existência de desejos e de necessidades vivas em Portugal... O seu itinerário, *da física à metafísica* (contrário, me parece, ao de Fernando Pessoa, ido da metafísica à física — e por isso mesmo votado à falência, ideia menos complicada do que parece mas que aqui não cabe desenvolver), comprova a sua função mítica. Nenhum outro autor, com efeito, foi mais imediatamente (visualmente) físico do que Almada — nesse processo desejando e podendo definir uma *sagesa de vida*, de vida una e consubstancializada dentro dum lirismo dinâmico, que à sua geração competia, antes da involução «presencista».

O *Nome de Guerra*, escrito em 1925 e publicado em 1938 é, a esse propósito, um «romance de aprendizagem», como outro não há na literatura nacional —

(Continua na página seguinte)

Esclarecimento

Do poeta E. M. de Melo e Castro, nosso colaborador, recebemos o seguinte esclarecimento:

Relativamente à nota «Fragmentos e equívocos», de V. S T. (com que concordo nas suas linhas gerais) publicada no Suplemento Literário de 10 do corrente, acerca dos 2 números especiais do Suplemento do Minas Gerais dedicado à Literatura Nova em Portugal, julgo ser necessário esclarecer o público e até os escritores portugueses com pretensões a «Novos», do seguinte:

1) Embora o Suplemento do Minas Gerais se publique em português, ele não é um Suplemento lisboeta... É um Suplemento de um Jornal de um País estrangeiro que abriu as suas páginas a publicar fraternalmente Autores Portugueses, captando-os, por vezes, no que de mais vivo e polémico possam ter.

De frisar que é a primeira vez que isso acontece em tão grande extensão (2 números = 24 páginas de 31,5×46,7 cm) o que considero como um facto altamente notável e significativo de que outros números se seguirão com outros colaboradores, etc., etc.

2) Aproveito a ocasião para tornar público um convite do escritor Murilo Rubião (um dos redactores responsáveis do Suplemento do Minas Gerais) para todos os escritores portugueses Novos (isto é, que tenham alguma coisa criadora a fazer ou a dizer).

Mas atenção: eu não sou o representante do Minas Gerais em Lisboa, portanto quem quiser colaborar deve entrar em contacto directo com o Suplemento, que se publica em Belo Horizonte, no Brasil.

3) De facto, eu represento-me apenas a mim próprio e não sou responsável senão pelo que assino.

Assim, relativamente à organização destes 2 cadernos, é necessário dizer que muito me surpreendeu o aparecimento do meu nome como colaborador de certo modo responsável, ao lado de Arnaldo Saraiva.

É que eu não seleccionei nomes nem fotos; não atribui nem distribui números de páginas a ninguém. Limitei-me a sugerir a Murilo Rubião (há mais de um ano e meio) um Suplemento sobre a Poesia Actual em Portugal, e a enviar, quando ma pediram através do Arnaldo Saraiva, a minha colaboração: 2 artigos (republicações de jornais portugueses), um poema então inédito, uma foto e um poema gráfico.

Depois tive notícias dos números especiais, por Ana Hatherly, quando ela regressou da sua viagem pelo Brasil, onde contactou com o Minas Gerais. O Suplemento crescia e o interesse era muito grande. Depois, passados uns meses, surgiram os dois números que me surpreenderam pela desigualdade da qualidade de certos nomes, falta de uns (Rui de Sousa O'Neill Cesariny), presença de outros... Mas um Jornal não é uma Antologia nem um tribunal para a eternidade, mas sim uma expressão do quotidiano transitório, um meio de informação, e creio firmemente que o importante é que exista agora no Brasil uma via de diálogo amplamente aberta à colaboração portuguesa que tenha qualidade.

De uma coisa podemos estar certos: é que a equipa do Minas Gerais (M. Rubião e Luís Correia de Araújo, principalmente) são criadores, críticos e camaradas de um país irmão, cheios de um interesse válido em conhecer e dar a conhecer o que se passa em Portugal, mas tenho a certeza de que estão acima das «capelas» de Lisboa...

E. M. DE MELO E CASTRO

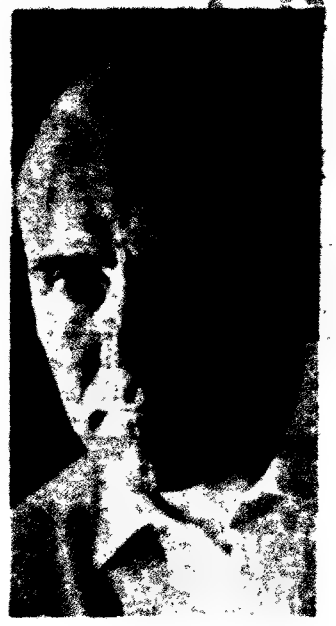
À procura do Mundo

O MUNDO À MINHA PROCURA (3.º volume)
Autobiografia de Ruben A.
Parceria A. M. Pereira, L.da
Lisboa, 1968

NÃO SÃO muito frequentes na literatura portuguesa contemporânea as obras de cariz autobiográfico. E, no entanto, poucas épocas da nossa história terão sido tão propícias a esse encontro do escritor com as grandezas e misérias do seu passado, no quadro mais amplo das «solicitações e emboscadas» em que se geraram os destinos colectivos. Razões que expliquem tal facto não é, com certeza, difícil procurá-las. Pois todos sabemos o preço da coragem quando se trata de expôr as vicissitudes do próprio «eu» ao julgamento implacável das consciências alheias. Uma coisa é certa: se o acto de escrever implica um compromisso moral, a autobiografia de um escritor, quando verdadeira, pode ter um alcance humano de grande interesse — ajudar cada leitor a definir o seu caminho pelo dialéctico confronto que propõe entre experiências e opções diferentes.

O terceiro e último volume da autobiografia de Ruben A. não desmente o que acabamos de dizer. A mundividência do autor — quer se localise geogràficamente no Porto, no Alto Minho ou em Londres, quer nos fale de ilustres desconhecidos (como esse Lord Rosy, ressuscitando um antigo solar da Ribeira Lima para os prazeres estéticos e amorosos do seu envelhecer) ou de vultos familiares ao nosso quotidiano cultural (Pedro Homem de Mello, Eugénio de Andrade, Miguel Torga...) — a mundividência do autor, dizíamos, possibilita esse enriquecedor contacto com a intimidade espiritual de alguém, que, por ser escritor, mais apto estará a transmitir as variadas *nuances* do real circundante. Por outro lado o presente volume reveste particular interesse para os conhecedores da obra de Ruben A., na medida em que lhes faculta o acesso às origens de outros livros do autor — «A Torre da Barbela», por exemplo.

Pena é que o estilo gongórico de Ruben A., carregado de construções pouco ortodoxas e abundante de uma fraseologia rebuscada, torne a leitura por vezes cansativa, diminuindo consequentemente a fruição estética deste «O Mundo à Minha Procura»



— título um tanto ou quanto pretensioso para um itinerário do escritor à procura, ele, do seu mundo e do mundo dos outros...

M. A. VALENTE

Uma leitura difícil

O INTERROGATÓRIO
Romance de Robert Pinget
Editora Ulisseia
Lisboa, 1969

«O INTERROGATÓRIO» («L'Inquisitoire») é o segundo romance de Robert Pinget publicado em Portugal, uma vez que já conhecíamos, também graças à Editora Ulisseia, uma outra obra do autor: «O Garoto» («Le Fiston»). Nascido em 1920, Pinget é uma das figuras de maior destaque entre os que, após Robbe-Grillet e o primeiro núcleo de seus pares, continuaram a aventura formal do chamado novo Romance. Não é este o momento azado para nos alargarmos em considerandos de natureza não literária, mas gostaríamos de chamar a atenção para a relativa abundância de traduções dos «novos» escritores franceses. Tendo em conta, por um lado, que o circunstancialismo sociológico que enquadra tais formas romanescas não encontra entre nós qualquer analogia e, por outro, que continuamos a desconhecer grande parte das literaturas mais fàcilmente referenciáveis a uma problemática portuguesa...

Ao longo das suas quase 400 páginas, «O Interrogatório» é aquilo mesmo que o título sugere: uma sucessão de perguntas e respostas, através das quais se possibilita a reconstrução de uma dada realidade. Utilizando sistemàticamente a abordagem exaustiva de todos os pormenores — o interrogado ocupa dez páginas, por exemplo, para descrever o mobiliário de um salão — e amontoando situações cujo interesse narrativo não é fácil descortinar, Pinget mantém-se fiel às coordenadas fundamentais da sua experiência mas dá-nos uma obra de leitura difícil, cansativa, em que a atenção se prende aos aspectos oficinais por não lhe ser dada possibilidade de fruir os prazeres de uma comunicação autêntica.

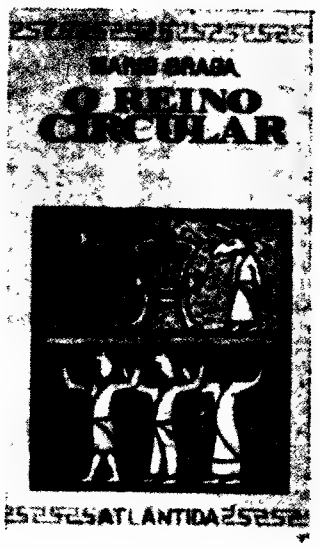
M. A. VALENTE

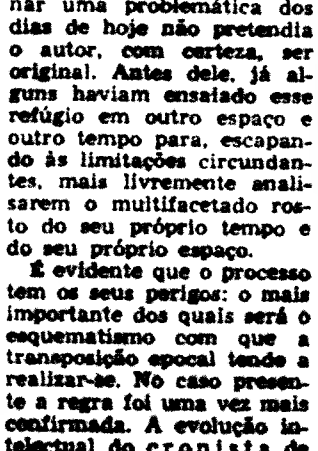
No reino da Katalónia?

O REINO CIRCULAR
por
Mário Braga
Atlântida, Coimbra, 1969

«A história maravilhosa do cronista de Akalino, sentinela e inventor do reino da Katalónia» serviu de tema a O Reino Circular, novo livro de Mário Braga. Escolhendo os invios caminhos da alegoria para explanar uma problemática dos dias de hoje não pretendia o autor, com certeza, ser original. Antes dele, já alguns haviam ensaiado esse refúgio em outro espaço e outro tempo para, escapando às limitações circundantes, mais livremente analisarem o multifacetado rosto do seu próprio tempo e do seu próprio espaço.

É evidente que o processo tem os seus perigos: o mais importante dos quais será o esquematismo com que a transposição epocal tende a realizar-se. No caso presente a regra foi uma vez mais confirmada. A evolução intelectual do cronista de Akalino, encerrado desde sempre num dos últimos andares do palácio real e conhecendo da vida e dos homens apenas o que lera nos livros ou ouvira da boca dos sábios; o impacto nele produzido pela descoberta de uma realidade que jamais sonhara existir; a consequente tomada de consciência da infelicidade do seu povo, governado por um tirano odioso e sanguinário — todas estas linhas de força de O Reino Circular se conseguem concatenar-se com um quotidiano do nosso tempo não impedem, por outro lado, um empobrecimento do complexo mais vasto em que se tecem as angústias e as esperanças presentes. O que não poderá, talvez, considerar-se defeito, mas limitação inerente ao género escolhido.





Narrativa límpida, de onde estão ausentes as complicações de uma escrita que, por vezes, se quer poética, o novo livro de Mário Braga (10.º de uma obra sem grandes audácias, é certo, mas informada por um humanismo estético louvável) lê-se, porém, com prazer. Por isso mesmo, caro leitor, lhe recomendamos esta viagem ao «Reino Circular».

M. A. VALENTE

Um curso sobre Almada Negreiros

(Continuação da 1.ª página)

ou como só o recente e admirável *O Mundo à minha Procura* do Ruben A. O herói do Almada, este «Antunes» que finalmente descobre chamar-se Luís, menos procura do que é procurado, também, pelo mundo. De resto, é essa a única garantia duma aprendizagem autêntica... Dizia o Picasso «não procuro, encontro», um pouco mais além, temos a verdade do Almada: «não procuro, sou encontrado»...

Precisamente comecei o meu curso sobre Almada Negreiros por uma análise do *Nome de Guerra*. Ali, de uma vez só, o autor nos aparecia em corpo inteiro. E de tal modo que o Ernesto de Sousa vai chamar ao seu filme *Almada, um nome de guerra* — jogando bem na expressão que significa pseudónimo e jogo, e luta também.

Depois foi indo cronològicamente: pelos anos 13-15, com o *Manifesto Anti-Dantas*, *A Engomadeira*, e a *Cena do Ódio*, pelos anos 16-18 com o Futurismo e a exposição do Amadeu, pelos anos 20-27, com *A Invenção do Dia Claro*, o quadro da Brasileira e o *Nome de Guerra*, pelos anos da sua experiência madrilena, pelos anos 30 do regresso, da *Direcção Única* e da revista *Sudoeste*, pelos anos 40 dos frescos das gares marítimas (que são a obra maior da nossa pintura da primeira metade do século). E, em lições separadas uma aproximação do seu teatro (com a colaboração do Ernesto de Sousa), do significado (para mim essencialmente poético) das suas especulações numerológicas (com a colaboração de José Blanc de Portugal) — e da sua poesia, cedendo eu aqui a palavra ao Jorge de Sena que

realisou uma notável lição sobre as estruturas da linguagem poética de Almada Negreiros.

...Assim, sobre um autor vivo, se realisou uma experiência docente e ensaística cujo valor pedagógico me parece considerável. Porque dos vivos também vive a cultura portuguesa...

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

Luísa Neto Jorge na «111»

Amanhã, pelas 18 horas, decorrerá, na Livraria-Galeria 111 uma sessão de leitura de poemas do livro «Dezanove Recantos», de Luísa Neto Jorge, recentemente dado à estampa por «Iniciativas Editoriais».

O poeta Gastão Cruz, que colaborou [illegible] livro de Luísa Neto Jorge cabendo à autora e a Ana Maria Teodósio a leitura dos poemas.

Galerias e exposições

por Rocha de Sousa

HELENA ALMEIDA
Galeria Buchholz

NÃO É A PRIMEIRA VEZ que Helena Almeida expõe individualmente na galeria Buchholz. Já o fizera em 1967, mostrando pinturas onde o espaço se traduzia em termos abstractos, mas realizado ou explicitado através de umas relações básicas que se desnudavam. «Nessa pintura» — relembra Rui Mário Gonçalves — «verifica-se que, para Helena Almeida, o espaço não é uma realidade transcendente de que se tenha a intuição ultrapassando a contingência das coisas, mas uma realidade objectiva que se deduz delas e das suas relações. Era uma pintura abstracta em que tudo se tornava objecto representado». Na actual pintura de Helena Almeida os dados dessa representação transferem-se para a dimensão do objecto, embora o objecto inversamente se represente. «Agora é tudo objecto mesmo, sendo porém o espectador convidado a reparar que qualquer objecto se pode tornar sinal».

As pinturas de agora, com efeito, contêm o inesperado de se revelarem claramente objectos, apesar de traduzirem um processo consequente das anteriores análises, sobretudo das de 67. Contêm em si mesmas o sinal exposto no plano, condensado através das habituais transferências da representação, e contêm o prolongamento *físico* do sinal, a coisificação do que se representou. O suporte deixou pràticamente de funcionar de acordo com a sua etimologia, no sentido em que dele se escapam as figuras a que ele comummente se colam, ou que nele se instalam por simulação: as figuras saiem para o exterior do plano, não apenas para diante (no sentido dos relevos, por exemplo) mas para o exterior em toda a sua acepção, individualizando-se volumètricamente como objectos definidos, como formas que se emanciparam da sua contingência plástica e se constituem corpos de uma realidade súbita, portanto de uma realidade nova. O próprio plano é desmontado dos limites convencionais do quadro e transformado ou na persiana de uma janela que se desvenda ou num simples rectângulo que se retira da moldura e que se manuseia *fisicamente* em qualquer direcção. No mesmo sentido, o plano esvaziava-se do seu conteúdo e as formas que o significavam ou que o faziam viver descem para o domínio do nosso próprio movimento, cristalizadas e individualizadas como objectos absurdos, mas afinal devolvidas a uma disponibilidade. Ele dispõe agora, com efeito, do desmentido das aparências ao nível da corporização do que delas se pode representar: e aqui são apenas os tracejados, as dobras intuídas do espaço, o vazio de uma distância que se fez opaca, um vermelho pintado que se transformou em tela e que se pode enrolar e substituir definitivamente. Pertencem, no entanto, esses elementos renascidos a três dimensões, a um conjunto objectual que se identifica como um todo, porque dele dependem em última análise e ao plano retornam pelo exercício da actividade visual do espectador. Feita a leitura nos dois sentidos possíveis, o quadro é desmontado nas suas aparências, nas suas *mentiras*, derramando-se no espaço pela tradução tridimensional do que nele se continha e que desse modo ganha um novo sentido plástico — e o quadro é imediamente refeito através da reintegração desses elementos no domínio da sua realidade de partida, o plano, aí onde se reassumem bidimensionalmente e de acordo com a condensação que o acto de representar impõe.

As ideias assim contidas na actual pesquisa de Helena Almeida organizam-se segundo uma realização franca, que se desnuda deliberadamente perante o espectador para que a função *didáctica* sobreviva, e a própria cor é muito aberta e incisiva, tomada em directo de um quotidiano cintilante que se identifica com a nossa experiência e com a nossa capacidade de leitura. Essa cor em todo o caso não é posta ao serviço da tradução de certas imagens conhecidas, ou que de mais perto influenciam o nosso olhar, antes se desenvolvem abstractamente em função do objecto tratado, ao serviço daquilo a que Rui Mário Gonçalves chamou uma nova sensibilidade e num plano estético que ele designou como «pop-arte abstracta».

Aldina: do drama ao objecto frívolo

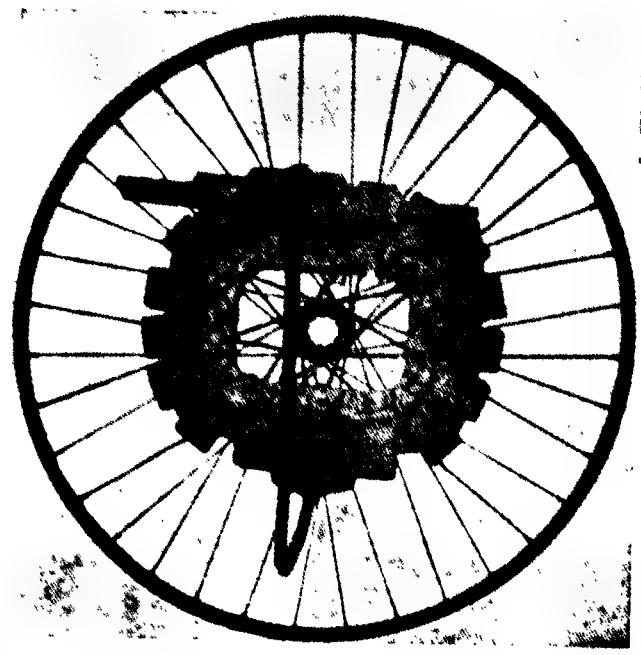
ALDINA COSTA
Galeria 111

Em 1967, Nuno Bustorff escrevia sobre Aldina Costa: «O que surpreende em Aldina é o tom, que é bem nosso, português: a fractura compulsiva que representam os seus quadros e a realidade em desequilíbrio que parecem insinuar. Eles são, cada qual, um pequeno todo suspenso no acaso, no nada (brancos e tela nua onde para um agrupamento cerrado de formas) e é nessa suspensão irracional que vivem os pobres e comprometidos fragmentos de objectos, de máquinas, sinais do homem que ela nos apresenta e que estão todos eles em desunião mas profundamente agarrados uns aos outros pelo desespero e pelo furor de viver».

Desta tão pessoal tradução literária da pintura que neste tempo Aldina realizava, e que de resto bem depressa a radicou entre os nossos artistas mais interessantes, ressalta pelo menos o relevo dado a certos elementos que dramàticamente impunham uma linguagem característica. Não foi pelos aspectos mais retóricos dessa pintura que o juízo se fez; para além das facilidades do exercício formal, para além da sua natural adjectivação, havia um mundo de coisas que se expunham ou se diziam, havia uma problemática que começava a estabelecer-se dentro de uma investigação apropriada e viva. Viva e talvez vivida, a julgar pelo desenvolvimento que chegou a ter, ainda que de uma forma episódica e em qualquer dos casos fragmentária. Não foi por acaso, com certeza, que Aldina declarou à imprensa estar empenhada em «dar um testemunho psicológico do tempo em que vivemos», dizendo pouco depois que «vivemos numa sociedade que está num compromisso de industrialização e em que o indivíduo é a própria máquina, e não o utente dela».

Pois bem: o compromisso de relações que assim se estabelecia — um entendimento do mundo, de qualquer modo e apesar das singelezas expostas — perdeu-se para o *silêncio* ulterior de Aldina Costa e está longe de ter sido reconquistado com a natureza dos esmaltes que apresentou na Galeria 111. O próprio material, de resto, a traiu nessa experiência em que a capacidade artesanal não se desmente, mas onde submergem um certo tipo de preocupações criativas que melhor a sublinhavam. «Un homme n'est pas stupide ou intelligent: il est libre ou il n'est pas». Mas a liberdade tem muitos caminhos e é nisso que reside o seu peso maior: porque a escolha não se faz sem risco e o risco corresponde de muito perto à moralidade da história. Os esmaltes são também o reflexo de um caminho assumido, mas a sua dimensão, como alguém me dizia, não escapa ao domínio de objectos destinados às paredes de pessoas que podem ter esmaltes nas paredes. Por seu lado, os esmaltes têm espelhos; e nos espelhos se reflecte irremediàvelmente a nossa perplexidade, quando procuramos fugir ao apelo dos objectos no plano do seu consumo imediato para reencontrarmos o sentido da sua filiação anterior. Das máquinas oxidadas em que os homens se confundem, Aldina passou à requintada decoração-de-parede por onde os homens se distraem, ainda que por vezes reflectidos no espelho onde deviam interrogar-se.

Helena Almeida: função didáctica



Bertino: um formalismo esgotado

BERTINO
Galeria Interforma

Diz-se no catálogo que Bertino, «não tendo frequentado nenhum curso superior de Arte, entrega-se por vocação à pintura». E que foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, em Paris, onde tem residência e onde trabalha incansàvelmente. E ainda que, nas horas deixadas livres pela angariação do seu sustento, Bertino prossegue nas pesquisas do seu processo pictório. Acrescenta-se, que, ao mesmo tempo, ele mantém contacto com o meio artístico parisiense e

caso extraordinário! — recusa contratos com galerias e empresários de Arte.

Com referências desta natureza, postas assim mesmo em letra de imprensa, seria de esperar duas coisas: ou um verdadeiro caso de martírio criador, singular e honroso, ou a mediocridade comercial proposta enfàticamente à nossa miopia saloia. Ao fim e ao cabo, nem uma coisa nem outra; apenas o esforço obsecado de um homem (o catálogo diz que tem quarenta anos em nos convencer da actualidade de uma experiência matérica e tridimensional da pintura em termos aliás excessivamente retóricos, que a «maquillage» utilizada só exacerba. A exposição é, em si mesma, um exemplo deste excesso na medida em que se fez sobre-

(Continua na 6.ª página)

EXPOSIÇÕES

GALERIA BUCHHOLZ *Rua Duque de Palmela*	**HELENA ALMEIDA**, UM ESPAÇO ONDE AS FIGURAS SE COISIFICAM
GALERIA QUADRANTE *Av. Luís Bivar*	**EURICO GONÇALVES**, DESCOLAGENS E DESPINTURAS COM COLAGENS E PINTURA
GALERIA 111 *Campo Grande*	**ALDINA COSTA**, ARTESANATO ELEGANTE OU A CONTINGÊNCIA DECORATIVA
GALERIA INTERFORMA *Av. Casal Ribeiro*	**BERTINO**, A ADJECTIVAÇÃO INSIGNIFICANTE
GALERIA DIVULGAÇÃO *Rua D. Estefânia*	**MILY POSSOZ**, PAISAGISMO E GATOS
GALERIA 111 (cave) *Campo Grande*	**COSTA PINHEIRO**, O PODER DA MÃO. EM EXCELENTES GRAVURAS
GALERIA INTERFORMA *Av. Casal Ribeiro*	**BERTINO**, UM FORMALISMO ESGOTADO
GALERIA DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN *R. Marquês de Fronteira*	**EXPOSIÇÃO DE OBRAS RECENTEMENTE ADQUIRIDAS PELA FUNDAÇÃO**

MANOLO DIAZ

Entrevista de José Duarte

● *Quem és, Manolo Diaz?*

● Mais exactamente o meu nome é Manuel Diaz, nasci em Oviedo, nas Astúrias, em Espanha, em 5 de Julho de 1942. Estudei música durante 8 anos, sou filho dum empregado da Companhia das Águas e duma professora de piano e por pertencer a esta geração do pleno pós-guerra, nasci condenado a ser engenheiro; meus pais tinham essa obsessão, queriam para mim o «melhor» e por isso me tornei topógrafo, engenheiro, técnico de grau médio, que não exerço porque não gosto. Comecei por fazer parte de vários «grupos de guitarras eléctricas», pouco importantes. Público e música diferentes, dos meus, de hoje. A música que, precisamente faço, é para *ser ouvida, escutada*...

● *É popular em Espanha?*

● Sou popular apesar de não ter grande êxito.

● *Quem são as figuras populares de Espanha?*

● Talvez Sarita Montiel ou Marisol, gente que... Cordobés também, gente que...

● *Qual a tua opinião sobre Rafael?*

● Rafael, a sua vida, a sua obra, é um espectáculo... Com uma voz bonita, nunca fez nenhum bem à Nação, pelo contrário, está alienando-a. Nada tem a ver, com o que se passa em 1969.

● *No intervalo da transmissão do último festival da Eurovisão, a televisão espanhola incluiu um pequeno filme, com música de Luis de Pablo.*

● Luis de Pablo é um homem que está a trabalhar num campo experimental. É um compositor de linguagem musical avançada, um artista de vanguarda. As suas experiências com música electrónica e música concreta, embora não sensibilizem a gente que vive em 1969, abrem as portas a um futuro muito próximo. Luis de Pablo é um grande músico e tem-no demonstrado através de toda a sua obra, de toda a sua vida dedicada à Música.

● *Joaquim Diaz cantou há pouco tempo em Portugal. Que pensas da sua obra?*

● Joaquim Diaz é um livro com pernas, é uma enciclopédia, um musicólogo. Mais que um intérprete, considero-o um «manual» de folclore. Sabe «tudo» sobre folclore, não só espanhol, como mundial. Está a ter um papel também extremamente útil, ao contribuir para o êxito de grupos intérpretes de folclore como, por exemplo, o grupo «Nuestro pequeño mundo».

● *Anuncia-se a vinda, dentro em breve, de Paco Ibañez, a Portugal. Fala-nos um pouco do seu trabalho.*

● Paco está realizando um grande trabalho de difusão de textos poéticos, poemas, até então desconhecidos pela grande massa. Não se lê poesia hoje em dia... Paco, é um homem muito comprometido na sua vida privada e coerente com o que apregoa nas suas canções.

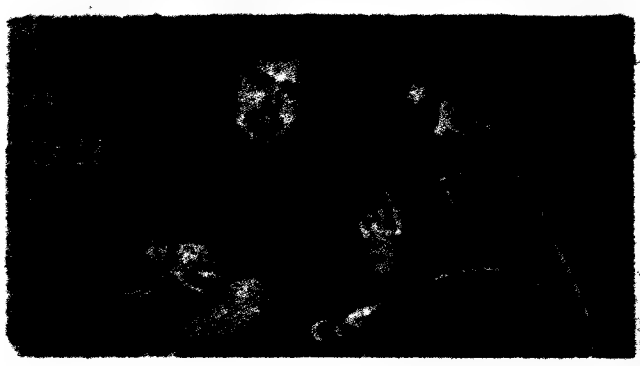
É um homem cada vez mais pobre economicamente, e mais rico ideológicamente...

● *Em tua opinião, o que diferencia a tua obra da de Paco Ibañez?*

● É difícil ajuizar-me a mim mesmo, há o perigo da falta de objectividade.

Considero-me um mau intérprete das minhas próprias canções, que carecem formalmente de qualidade poética, embora tenham um grande conteúdo social e sejam escritas, ditas na linguagem do homem da rua, para o homem da rua.

Paco, sem dúvida, tem um matiz mais intelectual que eu, no entanto, até certo ponto, posso considerar as nossas obras, como paralelas. Creio que Paco está a realizar uma obra mais importante que a minha, pois os poemas que canta são de Hernandez, Alberti...



«...as verdades, as bárbaras, terríveis, amorosas crueldades, a poesia necessária...»

CELAYA

● *Celaya...*

● Celaya, Machado, Lorca. Consegue que as pessoas no autocarro os trateiem, os cantem.

● *Entre as vossas duas soluções, qual para ti é a ideal para servir uma música que se quer popular, actual, séria, actuante?*

● Sem abandonar a qualidade poética, e melódica, a canção deve ser útil ao homem de hoje. Deve ser dirigida ao sector que vive, que habita a Terra, no momento em que se está a cantar. O grande segredo da canção, hoje em dia, deve ser e é pôr-nos em contacto directo com aqueles que têm a sorte ou a desgraça de habitar a Terra em 1969.

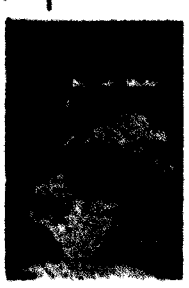
● *O teu público é essencialmente a juventude estudantil, classe média, alta burguesia, ou outro tipo mais indefinido e heterogéneo de público?*

● É uma camada baixa, porque, exactamente eu falo a linguagem dessa camada. Embora a minha intenção seja a de ser útil a todos, o que eu disser aos

Uma obra arrojada, violenta, apaixonante

um sonho Americano de NORMAN MAILER

– o novo mais importante do autor depois de OS NUS E OS MORTOS



Reconhecem-se os componentes habituais do romance de sensação violência, sexualidade, assassínio disfarçado de suicídio, narcóticos, alcoolismo, confusão sexual, racismo... E, no entanto, não se trata de um novo Mickey Spillane ou de um banal filme de bairro. Visionário, Mailer transforma em verdadeiros mitos estes elementos que fazem parte da vida (real ou sonhada) de todos os dias.

PIERRE BOURGEADE
Le Monde, 13.1.67

A acção lembra a dos filmes de bairro, balas rajadas, carros de polícia, sirenes, matanças, pessoas que se perseguem. Acrescenta durante muito tempo que isto faz parte do horror da vida americana, da sua cultura idiota... E Um Sonho Americano quis explorar este material bruto fascinação, horror, magia ..

NORMAN MAILER

Colecção Contemporânea — vol. de 300 págs. — 30$00

Obras de Norman Mailer na Portugália Editora:

PRAIAS DA BARBÁRIA — vol. de 304 págs. — 40$00
OS NUS E OS MORTOS — vol. de 712 págs. — 80$00
O PARQUE DAS ESTRÊLAS — vol. de 468 págs. — 60$00

Carta aberta

a Jaime Salazar Sampaio e Artur Ramos sob a égide de Álvaro de Campos

por Carlos Porto

NUNCA CONHECI quem tivesse levado porrada
Todos os meus conhecidos
têm sido campeões em tudo.

ALVARO DE CAMPOS

OUVIDOS os vossos depoimentos (1) sobre o que constituiu um dos retumbantes fracassos teatrais da temporada — parece-nos justo fazer ouvir a voz de um espectador (embora com responsabilidades críticas).

Esse fracasso não foi para nós uma surpresa por aí além: uma análise, a mais rudimentar, do espectáculo levaria à evidente conclusão de que aquele não continha elementos susceptíveis de atrair qualquer dos públicos que frequentam as nossas casas de espectáculo.

O depoimento do autor dos «Visigodos» esclarece-nos a razão por que dificilmente o seu texto poderia conter esses elementos. Diz o Jaime Salazar Sampaio: *a peça para mim um encadeado necessário de palavras, situações, que se basta a si próprio e constitui como que um objecto.* Pronto! A partir deste surpreendente e inverosímil conceito de teatro, compreender-se-á que «Os Visigodos» praticamente não exista como teatro. Pois se para o autor o teatro se reduz a um mero *encadeado necessário de palavras e de situações que se basta a si próprio* — então para quê, por quê representá-lo? Pondo-se ainda um outro problema: há substanciais diferenças entre o texto publicado pela «Europa-América» e o apresentado em palco. Qual deles é o objecto acabado a que se refere Jaime Salazar Sampaio?

Na verdade, o facto dum texto ser encenado — e encená-lo é já transpô-lo —, ser representado — e representá-lo é re-presentá-lo —, ser posto perante um público — o que significa: recriado com ou contra outros — nega a possibilidade, sequer a hipótese dum teatro tal como o concebe e no-lo propõe Jaime Salazar Sampaio. Não, um texto não é como um copo que o público tem que encher (como você quer): o copo tem que ser construído pelo autor, pelo encenador, pelos actores, pelos espectadores. É desse acto de criação em comum que deve nascer a água que há-de encher o copo. A não ser que o copo esteja furado: e nessa altura não poderá encher-se. Não será isso que se terá passado?

A resposta de Artur Ramos baseia-se no pressuposto — aliás, explícito na pergunta — de que o fracasso de «Os Visigodos» tem origem no facto de a peça ser de comunicação difícil. A isso se poderá responder desde logo que peças como o «Tango» (que você cita), «À Espera de Godot» e mesmo «Equilíbrio Instável» são peças de comunicação difícil — e nem por isso terão sido fracassos. Salvo erro, compete ao encenador contrariar o que possa haver de difícil na comunicação com o público (neste caso: com o público português) do texto que vai encenar. Será a partir dum esforço de imaginação que o encenador conseguirá inventar uma plataforma inexistente onde se possa dar um encontro, mesmo, difícil, mesmo provisório, entre texto e espectador. Você consegue connosco em que a sua encenação de «Os Visigodos» não traduz esse esforço de imaginação e que a crítica social (obscura ou não) a que se refere brilha pela ausência. É claro que, depois de ler o depoimento do autor, é legítimo pôr em dúvida a possibilidade de Você poder usar a sua imaginação. Resta pesquisar da inépcia parte vir aqui fazer uma análise

estudantes, aos universitários, eles já o sabem e por isso sou-lhes menos útil. O que eu pretendo é chamar a atenção sobre determinados problemas a certa gente, a quem nunca foi dada a possibilidade de pensar.

● *«La juventud tiene razon» é a tua última canção?*

● Sim. Ao fim de 3 ou 4 retoques, modificações no texto, a censura autorizou-a. Mas existe tal medo, que os próprios realizadores de programas de rádio e televisão se autocensuram. Recentemente gravei, em Barcelona, um programa de televisão onde não me autorizaram que a cantasse... Não percebo nada, estou a ficar céptico e prevejo que acabarão, desgraçadamente por me obrigar a gravar «La pachanga»!!!

● *Encontras alguma diferença regional, em Espanha, no que diz respeito a dificuldades de gravares ou cantares as tuas canções?*

● Sim, sobretudo porque a média de promoção cultural e social do povo é mais elevada na metade Norte do que na metade Sul.

● *Que conheces tu, da música portuguesa?*

● Amália, claro, duo Ouro Negro e também um jovem do qual não me recordo o nome e que creio também ter aqui algumas canções proibidas. Vi anunciado o seu nome, como participante num festival de música folclórica em Barcelona, ao lado de Joaquim Diaz.

● *Que opinião tens da música «pop»?*

● Creio que cumpre um papel. Proporciona a certos senhores dar uma série de saltos e gritos ao compasso duma bateria e dum contra-baixo, melhor ou pior tocados.

É uma música de evasão, e até certo ponto a evasão é uma cobardia.

No mundo cada vez há mais problemas dos quais devemos tomar conhecimento; cada vez também há mais homens conscientes: em contrapartida há também quem lhe apeteça fazer de burro.

● *A juventude é ou não capaz de transformar a sociedade contemporânea?*

● Creio que sim. Há que contar com a gente nova, pois, ao fim e ao cabo, dentro de dias, o mundo estará nas suas mãos.

● *Jazz e ambiente do jazz em Espanha.*

● Jazz é uma música absolutamente do nosso tempo, pura e autêntica. Todas as manifestações musicais do mundo actual estão baseadas no «jazz». O «jazz» está para a Música como a experiência para a Química. É necessário, imprescindível.

Em Espanha o «jazz» é música de minorias; há 4 ou 5 sítios onde se pode ouvir bom «jazz», o resto é «jazz» comercial, falso.

● *E no entanto um dos melhores pianistas de «jazz» europeus é espanhol: Tete Montoliu.*

● Tete é um «monstro». Músico de técnica extraordinária possui, além disso, o que em «jazz» é muito importante: a inspiração.

● *Sabias que Tete Montoliu tocou em Portugal, na Figueira da Foz, acompanhando Juan Manuel Serrat, e passou totalmente despercebido?*

● Que maravilha!...

(Declarações recolhidas em gravador)

«...basta de História e de contos, não vivemos do passado, anunciamos algo novo...»

CELAYA

dos vossos depoimentos sobre o «caso Visigodos». Não é o particular que nos interessa: passemos ao geral. Dos vossos depoimentos de responsáveis pelo espectáculo conclui-se que o fracasso deste se deve unicamente ao público: *O que pode acontecer é que um espectador não tenha nada para dettar lá dentro — e assim, ao cair do pano, se encontre perplexo com um copo vazio na mão* (diz o Jaime). A culpa é da obscuridade da crítica social (ingénua o dirtar). A nós, o que nos dói é que (também Vasco, que sois inteligentes e cultos e civilizados, não sejais capazes — sabeis de quê? — dum pequeno esforço de autocrítica (aí vai o chavão). Quando é assim, lembramo-nos invariàvelmente do poema de Álvaro de Campos:

«Nunca conheci quem tivesse levado porrada.
Todos os meus conhecidos têm sido campeões [em tudo.
... ...
«Arre, estou farto de semideuses.
Onde é que há gente no [mundo?»

Não é vossa — é nossa — esta incapacidade de reconhecer os nossos erros, as nossas culpas. Seria lindo — mas é impossível — ouvir o Salazar Sampaio dizer: «Esta experiência foi para mim preciosa. É nas tábuas do palco que podemos verificar se as experiências, que até nos podem parecer definitivas, devem ser revistas, enriquecidas, corrigidas. É lá que podemos verificar por que falhámos e como falhámos». Mas não: a peça é um objecto intocável. Quanto ao encenador: «Lavo daí as minhas mãos — a peça é difícil», em vez de: «Não consegui tornar apreensível ao nosso público a crítica social «que na minha opinião a peça contém».

A culpa não é do autor (para quem a encenação é excelente), não é do encenador (para quem a peça é maravilhosa) — a culpa é do público. Nós é

(Continua na página seguinte)

TIMOTHY LEARY: A «viagem» em regresso

COM DROGA ou sem ela, Timothy Leary consegue tempo para escrever livros. Em Nova Iorque acabam de sair duas obras do mais «agredido» dos apóstolos psicadélicos: *The Politics of Ecstasy* e *High Priest*.

The Politics of Ecstasy é uma colecção de ensaios sobre os halucinogéneos, seus efeitos e seu presumível futuro. *High Priest* relata as «viagens» de Leary («Uma experiência psicadélica é uma viagem aos novos reinos da consciência», escreveu ele em *Psychedelic Experience*) desde a altura em que pela primeira vez comeu cogumelos sagrados na aldeia mexicana de Cuernavaca e experimentou a clássica «viagem visionária»: «Voltei outro homem... Nunca se é o mesmo depois de o véu se ter erguido!» O relato autobiográfico passa pela sua primeira experimentação em Harvard, a clausura numa prisão estadual, o consequente despedimento e o mergulho na campanha de que se tornou um dos mais exaltados arautos.

Vistoso, agudo, desmedido e quase sempre fascinante, *High Priest* apresenta vinhetas gráficas da experiência de Leary tomando drogas com Allen Ginsberg, Alan Watts (o seu mais fiel partidário), William Burroughs (que viria a renegar a experiência da droga), Richard Alpert (colega de Leary em Harvard e no «retiro psicadélico» de Millbrook), Arthur Koestler (que também fez «uma má viagem» e ficou pelo caminho) e o Dr. Dana Farnsworth, de Harvard, que parece ser o único contra quem Timothy Leary não sente qualquer rancor.

Mas, acima de tudo, o livro dá-nos o retrato em corpo inteiro desse rebelde irlandês que a si próprio se apresenta como «um desdenhador arrogante da conformidade burguesa». Quando abandona o relato autobiográfico, Leary nada acrescenta ao que já se sabe sobre os efeitos do LSD.

Assim, quando do seu regresso do México, escreve: «Eu estive no céu. Iluminação. Cada objecto na sala era uma estrutura radiante de partículas-atómicas-divinas... A matéria não existia... E a descoberta incrivelmente desgostante: a consciência controlava tudo... tudo era consciência... Uma infinita variedade de experiências extáticas espiralava à minha volta. Eu tinha dado o *Passo-Deus*... Então, disse para Pat e Parsons: Não é incrível? Estamos aqui, conseguimo-lo... Não é belo?»

Era belo. Mais à frente, porém: «Horror! A minha carne está-se decompondo, fundindo-se com um milhão de corpos estranhos... uma ligação orgânica de fibra de colchão de espuma com a corpulência vaporosa, odorosa e flácida duma raça estranha»

Mas não há horror que sempre dure: «Fiquei liberto. Livre para fazer algo que me apetecesse. Ficar no jardim. Ficar em Teposztlan. Regressar e vaguear pelo planeta como alguém que eu escolhesse ser (...) Estamos no céu».

Estariam mesmo? Talvez não.

«Nós temos — escreve Leary — o sacramento e o ritual. Agora temos de encontrar a religião que dê com eles».

«Ora — diz-nos Rollo May, psicoterapista que dedica aos livros de Leary uma atenção pormenorizada e ácida — a religião de Leary é o mais completo sistema autofechado que se possa imaginar. As drogas são aplicadas do exterior, uma força química que cada um toma e à qual então reage. Por grande que esta experiência possa parecer, ela não cria o céu nem a terra, ou qualquer verdade fundamental. Apenas limpa os resíduos, as falsas fés, a hipocrisia convencional. O que o indivíduo substitui depende da luta da sua própria consciência com a realidade que ele não cria mas em que apenas participa».

Ponha-se a questão: quando o LSD tiver destruído a cosmologia convencional, que conteúdo porá Leary no seu lugar? É que o anjo psicadélico limita-se a repetir *ad infinitum*: «Tu és Deus, tudo está na tua consciência». A quase trágica redução disto é ilustrada na horrenda viagem para a cidade do México, (com a qual termina o livro) em que Leary considera que se a barreira que separa a auto-estrada do precipício está «apenas no meu próprio pensamento, eu posso acelerar o carro, saltar a barreira e ficar livre!»

Liberdade pelo suicídio? Claro que não: e assim Leary, após ter iniciado a aceleração para o abismo, reconsidera. Feitas as contas, a vida é mais forte — triunfa, mesmo sobre o efeito «paradisíaco» da droga, o instinto da sobrevivência...

É que a droga (ainda segundo Rollo May), como toda e qualquer forma de tecnologia, «só aguça a necessidade de forjar valores humanos através de meios psicológicos e espirituais». Assim, os jovens a quem Leary confia o seu trabalho já exauriram a «rotina da droga» e passaram, ou estão passando, a uma aventura (vital) mais completa e frutuosa.

A advocacia não-realista e não-crítica das drogas como fonte de uma vida inteira de alegria num só fim-de-semana, eis o perigo não evitado por Timothy Leary nestes seus dois últimos livros — modelos, por outro lado, de um pujante fluxo literário aberto às mais audaciosas e sugestivas aventuras dum imaginário vivido!

V. S. T.

novidade literária

De EVAN HUNTER, o autor de MAES E FILHAS, acaba de se publicar

O HOMEM SEM NOME

A história pungente e dramática de um homem que a si próprio se desconhece

Col. «Século XX», 408 págs., 65$00

Na mesma colecção:
SEM PIEDADE de Albertine Sarrazin, 45$00.
28.º ANDAR — O drama da O. N. U., de Clifford Irving, 80$00.

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
Apartado 8 — Mem Martins
Delegação em Lisboa: Rua das Flores, 45, 2.º
Delegação no Porto: Rua de Entreparedes, 6, 2.º

Carta aberta

(Continuação da pág. anterior)

que somos burros. *nós é que nos agachamos para fora da possibilidade do soco!...) São todos o ideal, se os ouço e me falam. Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez só foi eu?* (Alvaro de Campos).

Por isso, dizemos que não é o caso particular que interessa. É facto de todos sermos génios a dar lições ao mundo (tanto na Eurocanção como na Europolítica).

— Não lhes dê isso cuidado, meus senhores, não lhes dê isso cuidado! É possível que haja aí um ou dois esturrados que se queixem, digam tolices sobre a decadência de Portugal e que estamos num marasmo e que vamos caindo no embrutecimento, e que isto assim não pode durar dez anos, etc., etc. Baboseiras!... (...) A verdade, meus senhores, é que os estrangeiros invejam-nos...

Isto já dizia o Eça em 1878. Tudo continua como então. Isto é, sem o mínimo sensor de auto-crítica. Continuamos a ser os principes, só somos principes todos principes na pida.

Depois disto, deve acrescentar (com uma grande dose de hipocrisia) que como o Álvaro de Campos estou pronto a apanhar porrada... Em termos metafísicos, é claro!

---

(1) V. N.º anterior deste Suplemento.

Edições francesas

— **PRESSES UNIVERSITAIRES DE FRANCE**: Léon Trotsky, *L'Internationale communiste après Lénine* (um inédito sensacional); Roger Garaudy, *Perspectives de l'homme* (reedição actualizada, agora com a inevitável crítica ao estruturalismo); René Zazzo, *Croissance de l'enfant, genèse de l'homme*; Jean-Paul Gabus, *Introduction à la théologie de la culture de Paul Tillich* (com alguns textos em antologia).

— **SEGHERS**: Lucien Rioux, *Serge Gainsbourg* (col. «Poésie et chansons»); Lucien Jerphagnon, *Vladimir Jankelevitch* (Col. «Philosophes de tous les temps»); Pierre Bloquard, *Paul Langevin* (col. «Savants du monde entier»); Claude Rostand, *Anton Webern* (col. «Musiciens de tous les temps»); Paul Idatte, *Clefs pour la cybernétique*.

— **EDITIONS DU CEUIL**: obra colectiva, *Petite encyclopédie politique*; Susan Sontag, *Voyage à Hanoi*; Georges Steiner, *Langage et silence*; Juan Bosch, *Le Pentagonisme* (na colecção «Combats»); Pierre Vidal-Naquet e Alain Schnapp, *Le discours étudiant* (um *dossier* monumental); Claude Kiejman e Jean-Francis Held, *Mexico: le pain et les jeux* (os bastidores políticos das Olimpíadas).

— **EDITIONS SOCIALES**: Rosa Luxembourg, *Texte choisis* (antologia por Gilbert Badia).

— **GRASSET**: François Bott, *Les saisons de Roger Vailland*.

Galerias e exposições

(Continuação da 3.ª página)

carregada de objectos inúteis, ou que uma selecção criteriosa teria designado como tal. O aproveitamento de objectos reais, destroçados pela inutilização no quotidiano, não acusa a coragem ou a limpeza de um acto puro, antagónicamente apontado aos conceitos tradicionais da expressão pictórica, porque só a contesta na herança da sua tradução em plano. Bertino conforma-se ràpidamente com a nostalgia de tudo recobrir de pintura e não o faz como se anuncia no catálogo, com «elementos diversos e severamente cromatizados», mas antes através de uma obsessiva cobertura desses elementos segundo matérias que disfarça e repinta por intermédio de cores *baratas*. A própria monumentalidade — digamos *escultórica* — que alguns dos objectos sugerem, é depressa anulada num tratamento errado quanto à escala, num envolvimento de *bibelot* que as formas não comportam nem podem assumir. Assim essas formas se esvaziam do seu próprio conteúdo, submersas num condimento monótono que lhes dá a pastosidade de certos bolos e disfarçadas com as tintas que, do mesmo passo, *alegram* para os olhos e para a boca o consumo dos referidos bolos. Os ferros pintados desta experiência perderam naturalmente a sua natural agressividade, nem um grito nos resta do que eles foram e do que eles, em boa verdade, valem.

GRAVURAS DE COSTA PINHEIRO: a Galeria 111 apresentou, na cave das suas instalações, uma importante exposição de gravuras de Costa Pinheiro. Este pintor português, que trabalha actualmente em Munique, tem trazido até ao nosso convívio a sua obra e a singularidade do seu temperamento criador. Desta vez, com um notável conjunto de gravuras, Costa Pinheiro dá-nos conta da coerência do seu trabalho e surpreende-nos com linha vibrante, expressiva, diversificada na forma, da sua produção de gravador. Dificilmente se poderá dizer qual o confronto a estabelecer entre a obra do gravador e a do pintor, mas é facto que as gravuras apresentadas pela Galeria 111 são das melhores peças formuladas por Costa Pinheiro. Para além de uma arrumação que é simultâneamente espontânea e de bom gosto, a matéria nasce martirizada pela febre da expressão, vive das cicatrizes que a mão do artista abre na pedra ou no metal, marcando decisivamente a sua escrita na matriz. Muitas das imagens evocadas falam de uma memória antiga, ou de uma infância que de novo se exprime, e nisso Costa Pinheiro desdobra diante dos nossos olhos todo um universo de linhas, riscos tensos ou delicados, redes laboriosas, reflexão sobre o acto da escrita e o papel inalienável da mão.

Porquê uma rosa negra
bordada nesta camisa de homem?
A rosa negra é um símbolo.
A rosa é uma flor requintada.
A rosa negra é a perfeição do requinte.
A rosa negra não está imediatamente
à vista, é uma flor discreta.
Abre negligentemente o casaco
— confirme a opinião que os outros têm de si.

rosa negra
para homem

a camisa com o monograma da distinção

MARCA

Agora também em Portugal • um exclusivo Triple Market

Vailland íntimo

(Continuação da 1.ª página)

Vailland (mas não a caminho da perfeição nem da unidade). O jornalismo, no *Paris-Midi*, lança-o no mundo da acção. O ex-pequinense adolescente *frêle et doux, assez timide* frequenta os bares de Montparnasse e aposta no jogo da glória literária.

Mas em breve (1935-1942) a ruptura com o grupo do *Grand Jeu* lança-o novamente num período de crise. A isso acrescenta-se a tirania do ciume de uma rapariga com que passara a viver, a falta de dinheiro e a obrigação de fazer um jornalismo convencional.

RESISTÊNCIA E DESINTOXICAÇÃO

A terceira parte destes *Ecrits intimes*, que vai de 1943 a 1947, é básica para a compreensão de todo um processo de mitificação histórica e intelectual. E, como diz Jean Recanati, *se désintoxiquer, entrer dans la Résistance, c'est pour Vailland une autre manière de mettre un terme à son adolescence.*

Participando na Resistência, escrevendo *Drôle de jeu* Vailland constrói a sua própria personagem: será um libertino por obra e graça da sua ironia corrosiva. E não deixa de ser significativo que Vailland se insurja contra a «falta de humor» de Camus e que escreva no final da guerra: *Ubu est toujours sur son trône mais nous savons que son règne n'est pas éternel et qu'il nous appartient de le renverser. Notre humour n'est plus l'expression du désespoir mais une arme. La révolte de jadis est devenue conscience révolutionnaire.*

Este processo de *engagement* e ao mesmo tempo de libertinagem aplica-se à literatura, ao próprio acto de criar. Tencionando escrever uma peça de teatro *(Héloïse et Abelard)* Vailland anota no seu «*Journal de Héloïse et Abelard*»: *Le théâtre rapporte de l'argent. Je n'ai pas d'objection contre les romanciers américains dont on dit... C'est plutôt une garantie contre la satisfaction détournée et à bon compte de la Tour d'Ivoire: «puisque je ne peux pas être Citröen ni même procureur de la République, je serai mieux que tout cela: un génie solitaire.»*

Entretanto, apesar do seu entusiasmo político, apesar do seu racionalismo obsessivo, Vailland não se livra do vício, ainda que o utilize como arma de lucidez crítica: se é certo que deixou por completo a droga, entrega-se ao filmi effacé, je retiens une verre qui se brise dans l'angle d'une porte (par une main étrangère) et qui signifie la liquidation de mon passé. (Ou ainda: *Rêvé qu'assiégé dans le lycée de Reims parmi une troupe commandée por Roger Gilbert-Lecomte (...).*

Vailland terá de se entregar a um ideal político absoluto para se libertar destas obsessões. Esse ideal é Estaline. Em Agosto de 1950, escreve: *Ma position relativement en marge pendant ce deuxième «entre-deux-guerres» (...) n'est plus tenable aujourd'hui, et plus particulièrement depuis la guerre de Corée (...) il n'est plus possible d'écrire autrement que dans une perspective communiste.*

Nesse período, chega a escrever ou a subscrever, ou-vrages à thèse feitos por encomenda para as Editions Sociales (por exemplo, o estudo sobre *L'Impérialisme vatican contre la paix*).

Ao mesmo tempo, descobre o «amor lúcido» por Elisabeth, que o acompanhará até à morte nas várias metamorfoses por que Vailland ainda vai passar: *La saison des amours touche à sa fin. Je suis las, non pas de cet amour, mais de recommencer sans cesse l'amour. Elle (Elisabeth) ajoute à la passion, la tendresse, et c'est aussi une femme de tête, qui m'aiderait à mettre dans ma vie l'ordre nécessaire à l'exécution de mon plan triennal.*

Mas não nos iludamos: a plena lucidez no amor nada tem de «repouso do guerreiro»: a lei capital do verdadeiro libertino é a do movimento. Movimento dentro e fora de si próprio. Dentro e fora da história. Ou mesmo contra ela.

TÉDIO

A última *saison* da vida de Vailland (quinta parte dos *Ecrits intimes* — 1956-1965) foi justamente um movimento desenfreado contra a história — essa história que ele mitificara na pessoa de Estaline, um Estaline-César que o «rapport Khruschev» desmitifica em definitivo. De regresso de Moscovo, Vailland sente-se verdadeiramente traumatizado: *j'ai pleuré le jour de la mort de Staline. Et j'ai de nouveau pleuré sur le chemin de Moscou, à Prague, j'ai pleuré toute une nuit, quand j'ai dû le tuer une seconde fois, dans mon coeur, après avoir lu le récit de ses crimes.*

Daqui para diante, a vida de Vailland (e mesmo a sua obra) não passa de sobrevivência. E é curioso verificar como, ainda e sempre, Vailland regressa à adolescência, até no seu conceito de *sorte*, ou acaso, comparada à *graça* quando medita sobre o *jogo* que foi a sua vida.

Para além disso, pouco mais. A não ser o tédio (mesmo nas frequentes sessões de erotismo a três ou quatro sàbiamente plagiadas de Sade). Esse tédio que ele tanto odeia: *Je m'étais endormi vers onze heures avec les soporifiques habituels. Je me suis réveillé. Il n'était que minuit dix. J'ai crié: merde! ce que je m'ennuie! Le pire c'est quand il arrive à quatre de l'après-midi (l'heure où commence vraiment le plaisir de travailler, quand j'écris) de se dire: qu'est-ce que je vais faire jusqu'à 7 heures (l'heure du premier whisky).* Esse tédio que lhe provoca o francês-médio actual, mais despolitizado do que nunca.

Concluindo: estes *Ecrits intimes*, vasta enciclopédia do ceticismo moderno, é um dos mais trágicos testemunhos de uma lúcida renúncia de transformar o mundo. Renúncia de um moralista (entenda-se: o contrário de um metafísico) — esse moralista rigorosamente na tradição de Sade que Vailland (mesmo quando nega, e sobretudo quando nega a sua adolescência) sempre foi.

ALVARO MANUEL MACHADO

(1) Ver *Suplemento Literário* de 23/1/69 — «*Le Grand Jeu* — redescoberta do surrealismo.

A «personagem» de Vailland: um libertino, por obra e graça da ironia corrosiva

Livro menor

(Continuação da 8.ª página)

sas confissões de «má consciência» da consciência publicitária:

O adjectivo
dá-me de comer.
Se não for ele
o que houvera de ser?

Vivo de acrescentar as coisas
o que elas não são.
Mas é por cálculo,
não por ilusão.

MAS, acima de tudo, devemos extrair deste livro um grande poema, um desses poemas que deveriam ir direitinhos para uma antologia, dos melhores poemas do ano que passa (se acaso entre nós existisse tal antologia, no estilo da que P. Seghers realiza em França): trata-se de «O ladrão do pão», narrativa maravilhosa sobre os sonhos da emigração, a nostalgia do mar, a exploração do trabalho dos homens e o espanto de existir. Na impossibilidade de o transcrever na íntegra, citemos alguns dos seus «parágrafos»:

1
Eu já não sou marujo.
Do mar fujo.
2
O mar é um grande ladrão.
O mar não vem comer à mão.
3
Adentro-me pelos campos.
Levo um remo
Ainda tremo do remar.
5
O ladrão não rima com pão.
O ladrão não rema.
Quem remava era a minha mão.
6
Até que enfim que o rosmaninho
é uma flor
13
A terceira rodada
já querem saber
donde é que eu sou,
que venho ali fazer.
Respondo:
— Esquecer.
15
— Marujinho, a terra é madrasta
para quem está do lado do suor.
— E o mar é um grande ladrão.
Não troca o suor em pão.
18
Dois luzeiros descem do monte.
Desaparecem. Aparecem
Dois faróis encandeiam-se.
Tac-tac do motor
— Suba.
É a última da carreira.
20
Nas curvas ouço o remo
rolar no tejadinho.
Começo a não perceber.
Começo a sentir frio.
22
— É aqui. Desça
Salto
Atiram-me o remo
para a estrada.
23
Então o grande olho
acusador,
fogo santelmo na roda da candeia,
crava-se em mim:—Aqui é fronteira.
Algo a declarar.
— Só este lenho
que eu trouxe por trazer.
— Nada a fazer.
Tem de voltar pro mar.
24
Ao sol
não canta o rouxinol.
Na alta manhã
uma voz clareia.
Lá estão os montes
de antes de eu os sonhar.
25
— Acorda, padeirinho
que o pão não cozeste.
Deixate sair o dia
Onde foi que te perdeste?

... ...

26
— Quem disse que fui marinheiro?
Aqui declaro a pura verdade:
esta pá é pá de padeiro
(padeiro de muito enfornar)
e se não fora o ladrão do pão
até gostava de ir conhecer
o mar!

«O ladrão do pão» é um belíssimo poema de um grande poeta: para quando um livro maior?

EDUARDO PRADO COELHO

(*) Alexandre O'Neill «De ombro na ombreira», Cadernos de Poesia, Publicações Don Quixote, Lisboa, 1969.

114 minutos de cinema

(Continuação da 8.ª página)

ghn inquietante procura servir-se do Sindicato (e da Polícia) para conseguir notoriedade pública. Bullitt é o homem destinado a ser bode expiatório de uma cabala em que as cartas estão previamente viciadas. O que se desencandeia depois documenta amplamente os «reinos podres da Dinamarca» das sociedades da afluência.

Steve McQueen é gigantesco na figura de Bullitt, e Jacqueline Bisset tão bonita que até dói. A São Francisco que serviu de cenário a tantos romances de Raymond Chandler e tantas aventuras de Humphrey Bogart anima-se com uma espantosa perseguição de automóveis, em que o «Ford Mustang» de Bullitt surge, de repente, no pára-brisas do carro dos «gangsters»; como um anjo vingador, antes de iniciar uma corrida estonteante. Restaurantes, esquadras, hospitais, tudo possui um cunho avassalador de verdade. A sequência do aeroporto vive de uma preparação dramática intensa e de uma montagem que se torna magistral nos planos da morte do homem do Sindicato. *Bullitt* é uma força que se desenvolve, que se agiganta, que torna as pressões intoleráveis, que transpira energia nervosa em cada enquadramento. O melhor filme de 1969.

JOSÉ VAZ PEREIRA

• NA IGREJA DESTE TEMPO
Y. Congar..... 42$00

A nossa época está marcada por uma reivenção do homem cristão, isto é, de um homem que não se contenta em professar uma Fé, em praticar as obrigações da ética ou do culto definidas pela Igreja, mas que tenta viver o Evangelho nos seus comportamentos de homem. Ora o homem cristão é um homem que partilha, que está aberto aos outros, que presta serviços, que não se nega aos apelos.

UNIÃO GRÁFICA — R. Santa Marta, 48 — LISBOA

LC uma editora em renovação

crítica

Livro menor

por Eduardo Prado Coelho

POR várias vezes o tenho dito já, mas é sempre bom repeti-lo, porque temos de contar com a fragilidade das memórias humanas: Alexandre O'Neill é um dos grandes nomes da nossa poesia moderna. A sua obra é extremamente rica e pessoal, e é algo muito instrutivo percorrer os diversos sentidos e as inesperadas intenções que nela se cruzam: a violência satírica, o humor enternecido e generoso, o riso negro, o lirismo discreto e retraído, a reflexão embuçada no alarido das palavras.

Porque — digamo-lo já — verifica-se em O'Neill um trabalho importante relativo às palavras Trabalho que consiste em analisar os seus vários estratos de significação, em restituí-las aos seus sentidos originais, em transformá-las através da inserção em novos contextos, em promovê-las pela justaposição de elementos que vêm produzir surpreendentes efeitos semânticos Por conseguinte, todo um trabalho de *montagem* (na acepção complexa que a palavra tem em cinema — veja o leitor o número de Março dos «Cahiers du Cinéma»), de *colagem*, de sobreposições, de transparências e de revelações que só um grande poeta, isto é, um grande senhor da Linguagem, poderia levar a bom termo.

O'Neill: para quando um livro maior?

POR outro lado, O'Neill procura situar-se na linha siguesagueante que une a palavra escrita à palavra oral, tentando pôr em relevo a distância existente entre os dois níveis de comunicação. Na medida em que a poesia adere à especificidade da expressão oral, a poesia reapropria-se do mundo recalcado do quotidiano, da ingenuidade doméstica, da ternura dispersa nos códigos do amor e da amizade (a má articulação das palavras como forma de aproximação entre as pessoas ao nível quase infantil dos seus rostos de pureza), de toda uma existência pitoresca e «não-poética», o que é uma das grandes recuperações que O'Neill realizou para nós.

O verdadeiro «experimentalismo» está aqui, acreditem. Aqui, no trabalho poético de Alexandre O'Neill — como no de Carlos de Oliveira, no de Herberto Helder no de Gastão Cruz entre outros. Onde não está, onde certamente não está é nas exibições de alguns «experimentalistas» mais ou menos medíocres que fazem do «experimentalismo» uma causa sagrada e intocável para assim terem um escudo que torne menos vulnerável a sua iniludível mediocridade.

POR tudo isto, que, como viram, não é pouco, a nossa exigência em relação a O'Neill tende a tornar-se cada vez maior. O poeta criou responsabilidades.

Digo isto com certo constrangimento: porque se o poeta criou efectivamente responsabilidades, criou-as acima de tudo no interior desse universo da cultura que ele sempre pôs em causa. Por conseguinte, uma das formas de manter a coerência será a de «estar-se nas tintas» para a qualidade dos seus versos, medida a partir de critérios já por ele fortemente abalados. Mas o sofismo é demasiado sofisma para a gente acreditar nele — não é O'Neill? Não foram sòmente responsabilidades culturais que o poeta criou, mas responsabilidades cívicas — de transformar a poesia num instrumento de desmistificação que nos ajude a purificar este nosso mundo enredado em preconceitos e ilusões.

É por isto também que o livro «De ombro na ombreira» (*) me decepciona. Livro menor, parece feito de poemas demasiado encomendados pelas circunstâncias, feito de piruetas verbais nem sempre convincentes, feito de pequenas «graças» descosidas e solitárias. Tudo o que aliás sempre existiu em livros anteriores de O'Neill, mas existia enquadrado em poemas de maior fôlego e alcance, que indicavam um sentido global que aqui não se chega a entrever. Obra onde não existem «risco e consequência» (para empregar uma expressão que, segundo César, é de Lopes Graça), «De ombro na ombreira» fica aquém daquilo que nos era lícito exigir de O'Neill.

CONTUDO, há ainda neste livro uma meia-dúzia de excelentes poemas. O melhor tom de O'Neill está presente, por exemplo nestes versos:

Groselha, na esplanada, bebe a velha,
e um cartaz, da parede, nos convida
a dar o sangue. Franzo a sobrance- [*celha:*
dizem que o sangue é vida; mas que [*vida?*

Que fazemos, Lisboa, os dois aqui,
na terra onde nascente e eu nasci?

Podemos também reparar na perícia com que o poeta, por meio de alterações mínimas desvirtua a longa série de lugares-comuns do nosso falar quotidiano:

A força do hábito é como o que tem [*que ser.*
E o que tem que ser tem muita força.

Devemos acentuar a subtil destruição de certas verdades feitas:

Da gaiola de vidro, à prova de bala,
o suja-chaminés observava a sala.

Reforçara-se muito nos últimos me- [*ses,*
a sua fé em Deus.

Não desse que desce pela chaminé
e entretém, cândidamente, a nossa fé.
Mas num Deus mais volátil,
de iconografia mais industrial,
sempre a subir no céu por toda a [*eternidade.*

Na gaiola de vidro, à prova de bala,
o suja-chaminés era visto da sala.

Diz-se que, afinal,
matou menos judeus do que se fui- [*gava.*

E merecem a nossa admiração estes versos corajosos, que constituem seguramente uma das mais espanto-

(Continua na 7.ª página)

Steve McQueen é «Bullitt». E «Bullitt» é o melhor filme do ano...

114 minutos de cinema

por José Vaz Pereira

BULLITT
filme de T. Yates
Intérpretes: Steve McQueen e Jacqueline Bisset
Produção: U. S. A., 1968

BULLITT faz da simplicidade força, da linearidade profundidade. Todos os anos se pinta o fim do cinema americano e todos os anos se celebra o seu renascimento. E, em todos os momentos que ele irrompe com o ímpeto de *Bullitt*, ficam dúvidas se haverá comparações possíveis. Não. Para atingir uma técnica narrativa tão densa e simultâneamente tão imediata o cinema tem que aprender à custa dos próprios erros. Só assim se pode atingir essa concentração prodigiosa de todos os ingredientes e de toda a tradição violenta do filme negro galopantemente condensadas nos 114 minutos tensos e implacáveis de *Bullitt*. A obra de Yates depura-se um pouco como os pugilistas que perdem peso antes de ir para o «ringue». Sabe, que só dinamizando o essencial poderá ser tremendamente significativa.

Yates é fascinado pela acção e põe toda a técnica ao serviço da acção — é um filme em que se não pára, em que não se verifica um tempo morto, em que o ritmo jamais abranda. O difícil consiste em não abandonar completamente uma humanidade que procura no meio do turbilhão, tempo para respirar. Pelo menos, o indispensável para não se converter numa legião de «robots». Mas sem desistir de mostrar a realidade de um tempo contemporâneo, em que há cada vez menos ocasião para respirar. Pensamos, ao vermos *Bullitt*, na linguagem vigorosa de Elia Kazan ou na frase de Godard, o «cinema é a verdade» sessenta vezes por segundo». Simplesmente, Yates não parece interessado em «demonstrar» algo através do cinema. Para ele basta recrear a agressividade quotidiana e competitiva de uma cidade como São Francisco.

Claro que passamos e vimos a passar com frequência pela rotina: crime, chegada da polícia, investigações, luta com o Sindicato. *Bullitt* não foge a essa rotina, mas consegue servi-la convincentemente — tudo é tão real, que parece ser visto pela primeira vez, constituir uma novidade. E, no entanto, a intriga é bem simples, as situações convencionais dentro da evolução do cinema, a crítica à sociedade americana ingènuamente frontal.

Mas isso perde a importância, se lhe adicionarmos a eficácia de uma linguagem que nunca vacila, que nunca faz concessões. O filme torna-se dominador e irresistível, quando poderia ser considerado tosco sob um ponto de vista de problemática. Regista-se a impossibilidade de apresentar outra ética que não seja a da acção, outras razões diversas, dum dinamismo efervescente, que não cessa de movimentar-se. Caminho perigoso, porque pode abrir caminho a tudo, inclusive à ideologia da violência. Mas os planos finais são suficientemente eloquentes para mostrar que essa violência, mesmo quando justificada, provoca um violento traumatismo emocional naqueles que a praticam. Talvez Bullitt, no aeroporto e no regresso a casa, medite nos tremendos limites da sua condição de dínamo humano.

Há hoje, nos E. U., um oportunismo político na cruzada aparentemente meritória do combate ao crime. O caso Garrison constitui um exemplo flagrante. O senador personificado por um Robert Vau-

(Continua na 7.ª página)

Acaba de sair

HISTÓRIA MUNDIAL DA ARTE

III volume: O RENASCIMENTO

por Everard M. Upjohn, Paul S. Wingert e Jane Gaston Mahler

Capítulos deste volume:
Pintura: Os Primitivos; O «Quatrocento»; O Século XVI em Itália; O Renascimento no Norte; O Renascimento em Espanha

Volume de 288 páginas, com ilustrações: 45$00

Volumes anteriores:
I — DA PRÉ-HISTÓRIA À GRÉCIA ANTIGA
II — DOS ETRUSCOS AO FIM DA IDADE MÉDIA

A seguir:
IV — DO BARROCO AO ROMANTISMO
V — ORIENTE E EXTREMO ORIENTE
VI — ARTES PRIMITIVAS E ARTE MODERNA

Enciclopédia da Artes Modernas

LIVRARIA SÁ DA COSTA